



**UNILASALLE**



**CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE**

HELENICE MARIA DE MORAIS CHRISTALDO

**MEMÓRIA E COTIDIANO DE UM GRUPO DE MULHERES ARTESÃS DA  
ASSOCIAÇÃO ART'ESCAMA, ILHA DA PINTADA, BAIRRO ARQUIPÉLAGO,  
PORTO ALEGRE/RS**

CANOAS, 2014

HELENICE MARIA DE MORAIS CHRISTALDO

**MEMÓRIA E COTIDIANO DE UM GRUPO DE MULHERES ARTESÃS DA  
ASSOCIAÇÃO ART'ESCAMA, ILHA DA PINTADA, BAIRRO ARQUIPÉLAGO,  
PORTO ALEGRE/RS**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Graeff  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Accorssi

CANOAS, 2014



# **UNILASALLE**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE**



**Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Lucas Graeff  
UNILASALLE, Orientador e Presidente da  
Banca

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Accorssi  
UNILASALLE, Coorientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Luiza Carvalho da Rocha  
FEEVALE

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cleusa Maria Graebin  
UNILASALLE

**Área de Concentração:** Estudos em Memória Social

**Curso:** Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 08 de julho de 2014.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais agradeço os valores que me ensinaram.

Aos colegas da FABICO/UFRGS, docentes e técnicos, que oportunizaram minha liberação para realizar o mestrado, muito obrigada! Principalmente à Maria Berenice Lopes, assessora, à Dra. Ana Maria Dalla Zen, professora do curso de Museologia, à Dra. Miriam de Souza Rossini, coordenadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação – local da minha lotação naquela época, à Dra. Ana Maria Mielcnizuck de Moura, diretora, e ao Dr. André Iribure Rodrigues, vice-diretor.

Aos queridos Lucas Graeff, orientador, e Aline Accorssi, coorientadora, agradeço os conselhos, as sugestões, a confiança - e a paciência com que me trataram nos meus momentos de introspecção e ansiedade. Ao Lucas devo ainda agradecer por lançar-me na pesquisa etnográfica, no estudo do cotidiano das artesãs. Esse desafio permitiu-me conhecer a Tere, a Jóia, a Eny, a Nanci, a Lisa, a Vera, a Joana, a Clélia, a Salete, a Marinice, a Soleni e a Flor na alegria do encontro nos dias de trabalho na Associação.

Também é necessário agradecer às meninas da secretaria do Mestrado: Fran, Sílvia e Jéssica. Sempre disponíveis e, o mais importante, com bom humor.

À Anajara agradeço pela franca e calorosa amizade, retomada nessa jornada de estudos – e, claro, às caronas e ao empréstimo do “note” quando o meu pifou!

Para o pessoal das saídas ao Beto: aquele abraço! Jacira, Miguel, Lenise, Rosângela, Marga e, claro, Anajara, nem tudo foi suor e lágrimas, não é mesmo?

Mas um agradecimento especial, e cheio de ternura, faço às mulheres da Art’Escama, por compartilharem comigo parte de suas vidas – um tempo vivido, cujas narrativas vêm construir este trabalho.

## RESUMO

Este trabalho ancorou-se em investigação etnográfica realizada entre junho de 2012 e fevereiro de 2014, junto às artesãs da Associação Art'Escama, na Ilha da Pintada, bairro Arquipélago, Porto Alegre/RS, na qual a metrópole é o campo que oferece o exótico - pela diversidade de padrões culturais e sociais. Os objetivos deste estudo foram, a partir do encontro dialógico e mais intenso com o grupo de artesãs, conhecer as suas memórias e compreender as suas práticas e estratégias cotidianas de sobrevivência. Para tanto, foram fundamentais os conceitos de memória coletiva (HALBWACHS, 2006) e do cotidiano (CERTEAU, 1994), por oferecerem um quadro conceitual sólido para dar conta das maneiras pelas quais os sujeitos da pesquisa vivem e interpretam o seu tempo vivido e, também, das redes de significado com as quais organizam um presente, um passado e um futuro. Pode-se dizer que este estudo faz uma costura entre as memórias e os percursos cotidianos compartilhados, nos quais se apresentam como elementos primordiais: gênero, feminização da pobreza, economia solidária e autonomia. Para além disso, o grupo tem nas memórias e no cotidiano atravessado pela desigualdade social, econômica e de gênero um ponto de união. O trabalho está inserido na linha de pesquisa Memória, Cultura e Identidade, do curso de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, do Centro Universitário La Salle – Unilasalle/RS.

Palavras-chave: cotidiano, memória, memória coletiva, gênero, economia solidária, feminização da pobreza.

## **ABSTRACT**

The present ethnographic research was conducted between June 2012 and February 2014, and focused on the artisans of the Association Art'Escama, in Pintada Island, Archipelago neighborhood, Porto Alegre / RS, where the metropolis is the background that provides cultural and social diversity. The objectives of this study were to learn about the group's memories, practices and daily strategies for survival using an intensively interactive approach. The concepts of collective memory (Halbwachs 2006) and daily life (Certeau, 1994) were critical to accomplish these goals as they provide a solid conceptual framework to account for the ways in which the subjects live and understand their lives, and put together their past, present and perspectives for the future.

It can be said that this study is a mosaic of memories and shared daily activities, where basic primordial elements such as gender, feminization of poverty, economic solidarity and autonomy are seen. In addition, the group has their memories and daily lives traversed by social, economic and gender inequality. The work is part of the line of research in Professional Memory, Culture and Identity, in the Masters Program in Social Memory and Cultural Heritage at the University La Salle – Unilasalle,RS.

Keywords: daily lives, memory, collective memory, gender, economic solidarity, feminization of poverty.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – O centro de Porto Alegre visto de local próximo à Colônia de pescadores.....	14
Figura 1 – Vista aérea e localização da Ilha da Pintada.....	14
Fotografia 2 – Colônia de Pescadores Z-5 – detalhe do pórtico de entrada.....	15
Fotografia 3 – Imagem aérea do Estaleiro Mabilde (1958).....	16
Fotografia 4 – Peixe na taquara, assado pelo Sr. Salomão.....	34
Fotografia 5 – Peixe na taquara.....	34
Fotografia 6 – D. Tere, entre as extensionistas, fala sobre a Ilha e mostras as fotos e documentos que reuniu.....	35
Fotografia 7 – Dona Teresinha recebe a medalha Floriceno Paixão pelo dia do Trabalhador Local, no Salão Nobre da Prefeitura, em maio de 2013.....	36
Fotografia 8 – As crianças da Ilha seguem brincando no rio.....	37
Fotografia 9 – Apesar das obras de infraestrutura, as enchentes fazem parte do habitar a Ilha.....	38
Fotografia 10 – Enchente, vista da Rua Nossa Senhora da Boa Viagem, 2013...	39
Fotografia 11 – A menina arteira ainda pode ser reconhecida no olhar maroto da D. Eny.....	42
Fotografia 12 – Curso de pintura em madeira.....	43
Fotografia 13 – Passeio ao Museu do Pão em Ilópolis.....	43
Fotografia 14 – D. Nanci e S. Maroca durante pescaria.....	45
Fotografia 15 – D. Nanci cuida da casa, dos netos e bisnetos, faz artesanato e também é pescadora.....	47
Fotografia 16 – D. Jóia e S. Salomão, em casa, na varanda cujas paredes emolduram o Guaíba.....	48
Fotografia 17 – D. Jóia, pescadora, confeccionando rede para pesca.....	50
Fotografia 18 – D. Jóia na Art'Escama, antes da reunião (ao fundo D. Nanci)....	52
Fotografia 19 – A moeda do estaleiro Mabilde, vívida, ainda, nas memórias da Lisa.....	54
Fotografia 20 – Lisa costurando couro de peixe (coleção bichinhos do Delta)....	58
Fotografia 21 – Atualmente, tesoureira da Associação, Lisa faz o controle das	

peças a serem levadas para as feiras (ao fundo, D. Tere).....	59
Fotografia 22 – Garça descansa no telado da Colônia de Pescadores Z-5.....	62
Fotografia 23 – Biguá.....	63
Fotografia 24 – Graça.....	63
Fotografia 25 – Trabalho produzido pela Vera.....	64
Fotografia 26 – Trabalho produzido pela Vera.....	64
Fotografia 27 – No souvenir, produzido pela Vera, o pescador e a garça.....	65
Fotografia 28 – Garça em couro de peixe.....	65
Fotografia 29 – Vera fazendo o que gosta, costurando.....	66
Fotografia 30 – Do vértice para a base, a imagem triangular é percebida como o manto da Santa.....	71
Fotografia 31 – A Santa.....	72
Figura 2 – Blog L’association Taua – Bresil Equitable.....	87
Figura 3 – Site de jornal divulga a notícia sobre a bijuteria feita na Art’Escama....	87
Fotografia 32 – A pesquisadora, D. Teresinha, D. Jóia, Rémy, D. Eny e Tetê (aluna do Curso de Design da ULBRA) posam para a foto feita pela Vera.....	88
Fotografia 33 – D. Jóia, D. Teresinha, D. Eny e Vera separam as peças escolhidas pelo francês, enquanto Tetê, graduanda em design da ULBRA, monta um brinco.....	88
Figura 4 – Reportagem do jornal Diário Gaúcho (18/05/2013) sobre o desfile da coleção Rede POA. Dona Tersinha aparece em foto feita por Mateus Bruxel/ Agencia RBS.....	89
Fotografia 34 – Jonas preparou as modelos para o desfile.....	91
Fotografia 35 – Sales preparando a modelo que desfilou com o vestido de noiva.....	92
Fotografia 36 – Bouquet em flores de escamas.....	93
Figura 5 – Convite para o desfile da coleção Rede POA.....	95
Fotografia 37 – Brinco em flor de escama.....	96
Fotografia 38 – Pulseira em couro de peixe.....	96
Fotografias 39 e 40 – Colares em escamas de peixe.....	96
Fotografia 41 – Colares com detalhes em couro de peixe.....	97
Fotografia 42 – Colar em couro de peixe e escamas.....	97
Fotografia 43 – A noiva.....	98



Fotografia 44 – Comemoração dos aniversários do primeiro semestre de 2013..	100
Fotografia 45 – A mesa farta em uma das festas.....	100
Fotografia 46 – D. Nanci com os álbuns da família.....	105
Fotografia 47 – S. Maroca e D. Nanci durante o passeio/pescaria.....	107
Fotografia 48 – D. Jóia e Lisa seguram os ramos de erva-mate para testar no tingimento da escama. Ao fundo, o S. Salomão, que acompanhou a sua Jóia..	109
Fotografia 49 – Após o almoço, foto em frente à Igreja de Ilópolis.....	110

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1</b>	<b>A Ilha da Pintada.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2</b>	<b>O ponto de vista: memória, identidade e gênero no cotidiano de mulheres artesãs.....</b>	<b>17</b>
<b>1.3</b>	<b>O método: a etnografia.....</b>	<b>26</b>
<b>2</b>	<b>CAMINHOS DA MEMÓRIA.....</b>	<b>30</b>
<b>2.1</b>	<b>Dona Teresinha.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2</b>	<b>Dona Eny.....</b>	<b>36</b>
<b>2.3</b>	<b>Dona Nanci.....</b>	<b>43</b>
<b>2.4</b>	<b>Dona Jóia.....</b>	<b>48</b>
<b>2.5</b>	<b>Lisa.....</b>	<b>52</b>
<b>2.6</b>	<b>Vera.....</b>	<b>59</b>
<b>3</b>	<b>PERCURSOS COTIDIANOS.....</b>	<b>66</b>
<b>3.1</b>	<b>Primeiras viagens: da cidade à ilha, de técnica da UFRGS à pesquisadora.....</b>	<b>67</b>
<b>3.2</b>	<b>Consolidando as relações: de fotógrafa à artesã.....</b>	<b>69</b>
<b>3.3</b>	<b>Uma luta cotidiana por melhores condições de trabalho e a negociação com organismos e instituições.....</b>	<b>72</b>
<b>3.4</b>	<b>A emergência e instituição do Economuseu, seguido de outros projetos culturais.....</b>	<b>75</b>
<b>3.5</b>	<b>Distinções, disputas e quiproquós: um diário como lugar de memória e como fonte de pacificação.....</b>	<b>80</b>
<b>3.6</b>	<b>A consultoria e a recusa da economia de mercado.....</b>	<b>83</b>
<b>3.7</b>	<b>A grife Art'Escama: da consolidação da marca ao desfile.....</b>	<b>85</b>
<b>3.8</b>	<b>Os prazeres da vida cotidiana: reforçando os laços de amizade e as parcerias.....</b>	<b>98</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>111</b>
<b>5</b>	<b>PRODUTO FINAL.....</b>	<b>115</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>116</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>122</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na Ilha da Pintada, em Porto Alegre/RS, há homens e mulheres que vivem e trabalham em torno da pesca<sup>1</sup> e do artesanato. No seu dia a dia, essas pessoas dedicam-se a dispor de meios de subsistência retirados do Delta do Jacuí<sup>2</sup>. Pensando uma forma de gerar renda para compor o orçamento familiar e trabalhar de forma sustentável, algumas mulheres integram grupos de economia solidária e produzem artesanato com escamas e couro de peixe - criam brincos, pulseiras e broches. O couro de peixe também é utilizado no artesanato, porém a Ilha não dispõe de local e trabalho especializado na preparação desse couro, esta matéria-prima é comprada.

A partir de uma demanda local para a divulgação do artesanato em escamas e couro de peixe, desenvolvido pelas mulheres que integram a Associação de Artesanato do Bairro Arquipélago - Art'Escama, bem como para o reconhecimento da identidade do ilhéu, uma equipe da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul propôs-se a desenvolver um projeto de extensão cujo resultado foi a proposta da implantação de um Economuseu<sup>3</sup> na Ilha da Pintada. É através desse projeto, coordenado pela professora Dra. Ana Maria Dalla Zen, ao realizar a documentação fotográfica do processo de elaboração coletiva – isto é, negociada entre os moradores da Ilha e a equipe extensionista, que pela primeira vez visito a Ilha da Pintada e descubro um bairro chamado Arquipélago e mulheres que resgatam uma técnica artesanal açoriana.

Com a oportunidade de integrar o projeto de extensão surgiu minha primeira ideia de estudo: acompanhar e documentar a constituição do Economuseu. Mas ao contar com a orientação do Prof. Dr. Lucas Graeff e o seu incentivo para que o foco do trabalho fosse o cotidiano das artesãs e suas condições de vida, uma segunda

---

<sup>1</sup>Conforme Garcez e Botero (2005), a pesca artesanal é uma atividade exercida também por mulheres, seja como profissão documentada, seja de forma não oficializada, quando as esposas acompanham e auxiliam os maridos na embarcação.

<sup>2</sup>O Parque Estadual Delta do Jacuí, criado em 1976, é formado por mais 30 ilhas, reunindo banhados, campos e mata ripária, e apresenta uma rica diversidade biológica. Na confluência dos rios Jacuí, Gravataí e Sinos podem ser encontradas 78 espécies de peixes.

<sup>3</sup>Concepção de museu idealizada no Canadá, por Ciril Simmard, capaz de articular economia e museologia, com finalidade e resgatar tradições artesanais e promover a inclusão social. É um espaço de preservação, documentação e comercialização da produção artesanal e artística de uma região.

ideia se impôs, consistindo em compreender como elas vivem e refletem o seu tempo vivido através de seus próprios quadros interpretativos - levando em consideração as tensões e reações geradas no processo de inclusão social dessas mulheres.

Dessa perspectiva, etnográfica e crítica e no contato mais intenso com as artesãs, é que esta pesquisa se organizou, com olhar antropológico voltado para a vida na cidade, no qual a metrópole torna-se o campo que oferece o exótico - pela diversidade de padrões culturais e sociais – onde o “viver com os nativos” ganha um novo sentido, pois estranhamento, alteridade e familiaridade circulam muito próximos – provando, conforme Magnani (1996), que a reflexão antropológica não perde o sentido ao invadir o território urbano, pois “enquanto as maneiras de ser e de agir de certos homens forem problemas haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças” (LÉVI-STRAUSS apud MAGNANI, 1996, p. 26).

Através desse viés de investigação, ao observar e participar de um fazer na Associação Art’Escama, ao fotografar as mulheres em seu trabalho e, principalmente, ao ir ao encontro de suas experiências de vida e capacidade reflexiva, que o *corpus* da pesquisa pode ser construído. Este trabalho é o resultado de um percurso de aproximação e encontro com Dona Nanci, Dona Jóia, Dona Eny, Dona Cléia, Lisa, Verinha, Jô, Sales, irmã Marinice e Dona Teresinha (Dona Tere), percurso cujo itinerário traçado na inter-relação cotidiana levou a um compartilhar fazeres, saberes e afetos - e ao esforço em desnaturalizar visões de mundo e representações tecidas com fios sociais, econômicos e simbólicos.

Em relação à fundamentação teórica, os conceitos de memória coletiva (HALBWACHS, 2006) e do cotidiano (CERTEAU, 1994) foram decisivos, e juntos, ofereceram um quadro conceitual sólido para dar conta das maneiras pelas quais os sujeitos da pesquisa vivem e interpretam o seu tempo vivido e, também, das redes de significado com as quais organizam um presente, um passado e um futuro.

A Memória Social transita por várias áreas do conhecimento e tem sido amplamente estudada, na medida em que se relaciona significativamente com as questões de pertencimento e com atribuições de sentido ao espaço no qual se dá o fenômeno da duração. Lembrar é evocar no presente um tempo já vivido, pleno de significados, sentidos e sensibilidades. Não existe memória sem afeto: “a memória é tecida por nossos afetos e por nossas expectativas diante o devir” (GONDAR, 2005, p. 16). Ela resulta de uma seleção – recordar implica uma “intenção presente”, feita

de escolhas e recortes que vão configurar-se “como conhecimento de si e do mundo” (ROCHA e ECKERT, 2005, p. 154).

Como fenômeno coletivo, a construção da memória passa por relações de poder, por tensões ocasionadas por disputas e negociações. Compreender a vida dessas pessoas, conhecer suas memórias, vivenciar o seu cotidiano, é um exercício de aproximação entre alteridades, é escutar a voz do outro, é compartilhar um mundo em suas singularidades, em diferentes saberes e fazeres, e principalmente, compreender os processos que constroem as suas identidades e relações com os próximos, com os outros, com o espaço e como interagem e reagem à cultura hegemônica.

### **1.1 A Ilha da Pintada**

A Ilha da Pintada integra, com outras dezesseis ilhas, o bairro Arquipélago, da cidade de Porto Alegre/RS, criado em 1959<sup>4</sup> e a área de preservação ambiental do Parque do Delta do Jacuí<sup>5</sup>, formado por 30 ilhas e porções continentais de matas, banhados e campos inundados, no encontro dos rios Jacuí, Gravataí, Caí e Sinos. Com a Lei Estadual nº 12.371/05, foram definidos os limites desse Parque e criada a Área de Proteção Ambiental Estadual Delta do Jacuí, como unidade de uso sustentável (APA) - o único núcleo urbano intensivo reconhecido legalmente dentro do Parque Estadual é a Ilha da Pintada, que tem na origem de sua estruturação urbana uma vila de pescadores<sup>6</sup>.

Até o final do século XIX as ilhas do bairro Arquipélago abasteciam o centro da capital com hortaliças e peixes, a partir de então, a pesca artesanal passou a ser a atividade principal. Em 1921 foi fundada, na Ilha da Pintada, a Colônia de Pescadores Z-9 (posteriormente a denominação foi alterada para Z-5) para disciplinar, fiscalizar as atividades dos pescadores de vários municípios, além de prestar assistência a esses pescadores (GOMES, 1995).

---

<sup>4</sup>Lei 2.122 de 1959, que delimitou o Centro de Porto Alegre e criou outros 57 bairros.

<sup>5</sup>O Parque Estadual do Delta do Jacuí foi criado pelo Decreto 24.385/1976.

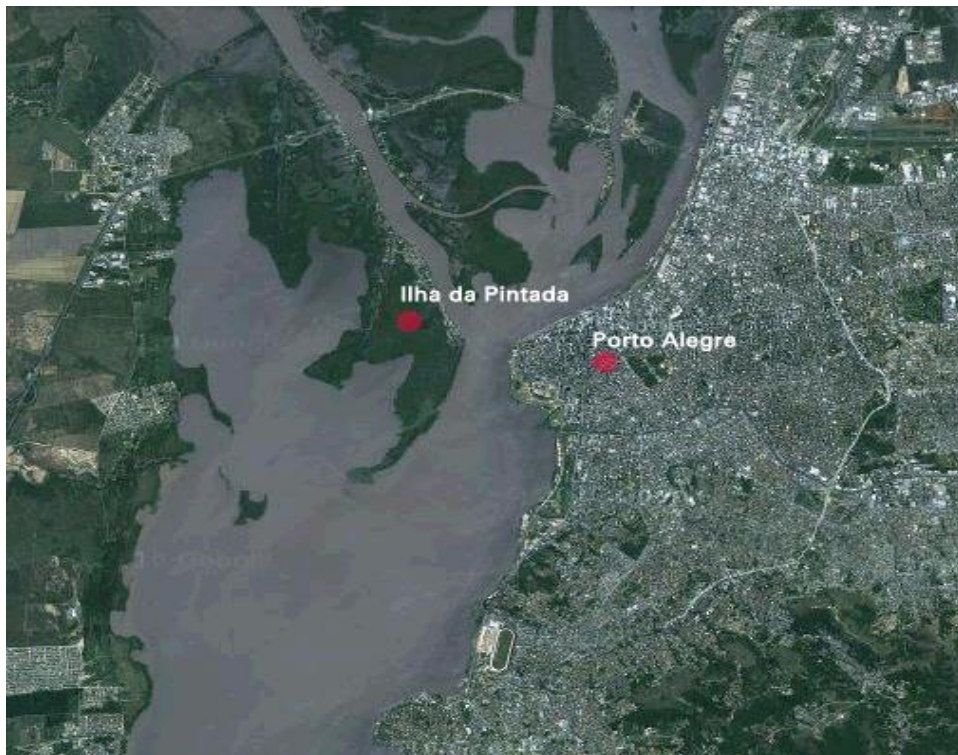
<sup>6</sup>Disponível em: [http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu\\_doc/historia\\_dos\\_bairros\\_de\\_porto\\_alegre.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf).

Fotografia 1 – O centro de Porto Alegre visto de local próximo à Colônia de Pescadores



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Figura 1 – Vista aérea e localização da Ilha da Pintada



Fonte: ([http://www.al.rs.gov.br/download/ComEspDelta\\_Jacui/pdf](http://www.al.rs.gov.br/download/ComEspDelta_Jacui/pdf))

Fotografia 2 – Colônia de Pescadores Z-5 – detalhe do pórtico de entrada



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Com a transferência do Estaleiro Mabilde, fundado 1896 no centro de Porto Alegre/RS, para a Ilha da Pintada em 1912, houve uma série de interferências e alterações naquele espaço ocupado basicamente por famílias de pescadores e no seu entorno. Para instalar-se na Ilha, o Estaleiro precisou realizar obras tais como aterro de aproximadamente 3 metros (transferência de 10.100 metros cúbicos de areia); construção de um dique, com dimensões de 4 metros de profundidade por 50 metros de largura e construção de dois molhes na entrada do canal. Depois vieram as construções de casas para os trabalhadores do Estaleiro Mabilde e de escola, e a estruturação de alguns serviços – assistência médica, armazéns de secos e molhados – e associação esportiva. Para, além disso, o Mabilde foi projetado para receber embarcações de até 800 toneladas, possuía um parque de construção naval com área de 384 metros quadrados e, inclusive, dispunha de usina elétrica.

A Ilha da Pintada foi um importante pólo industrial e referência de atividade pesqueira até meados dos anos 1950, porém, com a intensificação da pesca industrial – e a conseqüente diminuição da piscosidade<sup>7</sup> da região; a competição

<sup>7</sup> Quantidade de peixes pescáveis. Disponível em [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Livro\\_Pesca.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Livro_Pesca.pdf).

feita pelo pescado proveniente de Rio Grande e a decadência do estaleiro, a Ilha perde a sua importância e tem a sua configuração novamente alterada.

Fotografia 3 – Imagem aérea do Estaleiro Mabilde (1958)



Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/\\_0KysQ9rNKIQ/TEoaUZSXtvl/AAAAAAAAAf0/skm\\_RzUDUgc/s1600/Porto\\_Alegre\\_Estaleiro\\_Mabilde\\_1958\\_2.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_0KysQ9rNKIQ/TEoaUZSXtvl/AAAAAAAAAf0/skm_RzUDUgc/s1600/Porto_Alegre_Estaleiro_Mabilde_1958_2.jpg).

Para, além disto, também a partir dos anos 1950, com o fortalecimento do transporte rodoviário, a diminuição do transporte fluvial, a construção da Travessia Régis Bittencourt (compostas pelas pontes do Guaíba, do Canal Furado Grande, do Saco da Alemoa e do Jacuí, todas entre Porto Alegre e Eldorado do Sul<sup>8</sup>) e o conseqüente acesso facilitado à região das ilhas, houve um rearranjo da população, principalmente, nas ilhas da Pintada, dos Marinheiros, das Flores e do Pavão, com a migração de grupos oriundos do interior do Estado e das camadas mais pobres de Porto Alegre/RS. O resultado foi uma alteração na relação entre a Ilha e o Continente, implicando em novas relações entre ilhéus e não ilhéus. Conforme consta no Plano Básico do Delta do Jacuí (1979), no final dos anos 1970, na região das ilhas viviam 79 famílias que se dedicavam à pesca, o que correspondia a 10 % do total das famílias residentes na área, situação para a qual contribuíram as

<sup>8</sup> Dados disponíveis em <http://www.concepa.com.br/ponte-guaiba.asp>.



limitações econômicas da pesca artesanal e as transformações na cidade de Porto Alegre/RS. Ao longo do século passado a Ilha da Pintada foi, paulatinamente, perdendo a sua referência como fornecedora de pescado para a cidade.

## **1.2 O ponto de vista: memória, identidade e gênero no cotidiano de mulheres artesãs**

A Art'Escama é uma associação, formada por mulheres, em sua maioria, residentes na Ilha da Pintada, que se une com a expectativa de realizar uma atividade sustentável e relacionada ao cotidiano local como meio de renda – o grupo passa a desenvolver uma produção artesanal que recicla materiais e utiliza escama e, posteriormente, couro de peixe como matéria-prima. O tema deste trabalho envolve as mulheres que constituem essa associação. Quero mostrar o que aprendi com elas, partindo de seu cotidiano e de suas lembranças; quero indicar pistas sobre como elas criam e produzem suas peças de artesanato na interseção de suas experiências de vida. Quem são essas mulheres? Como elas se organizam em associação? Como o trabalho e as relações de sociabilidade se inscrevem nos seus tempos vividos na Ilha da Pintada? Como pensam os seus tempos vividos no presente e como os relacionam com os tempos de outrora?

Para realizar seu trabalho, a associação Art'Escama resgatou uma antiga técnica açoriana - que não fazia parte do cotidiano nem da memória social compartilhada por essas mulheres. Através dessa técnica, elas passaram a produzir bijuterias, capelinhas com santos e peças de vestuário, bordadas com as escamas, entre outros produtos, que são comercializados na própria Ilha e em feiras de artesanato tanto nacionais como internacionais – o trabalho já foi exportado<sup>9</sup> para Europa e Estados Unidos. Sua produção artesanal pode ser considerada tanto um caminho para a inclusão social e geração de renda, quanto como uma práxis promotora de reconhecimento social. Sob essa dupla perspectiva, considero que o artesanato com escamas de peixe contribui para o surgimento e a consolidação de uma identidade comum, vinculada às lembranças das experiências vividas em grupo pelas mulheres associadas à Art'Escama.

---

<sup>9</sup> Informação fornecida por Teresinha Carvalho da Silva, presidente da associação.

Porém, para chegar a esse entendimento, fui iniciada nos estudos de memória social a partir da linha de pesquisa Memória, Cultura e Identidade. Descobri, pela primeira vez, que o interesse pelo campo da memória, embora cada vez mais “na moda” (HUYSSSEN, 2000), não é recente. Na Grécia antiga, por exemplo, os cidadãos gregos adoravam uma deusa chamada *Mnemosine* cujas filhas, as nove musas, inspiravam os homens - Calíope, na eloquência; Clio, na história; Euterpe, na música; Talia, na comédia; Melpômene, na tragédia; Terpsícore, na dança; Érato, na poesia; Polímnia, na música sacra e Urânia, na astronomia<sup>10</sup>. Outro exemplo: Frances Yates (2010) destaca a importância da “arte da memória” para o pensamento europeu, uma memória que seria não natural, mas conquistada pelo treinamento, pela utilização de uma técnica fundamentada em lugares e imagens.

Mas é nas últimas décadas que os estudos sobre memória social surgem, num contexto onde a evocação do passado se afirma “como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais” em oposição ao “privilegio dado ao futuro” nas décadas iniciais do século XX, num evidente deslocamento dos “futuros presentes para os passados presentes”, cuja explicação se dá histórica e fenomenologicamente (HUYSSSEN, 2000, p. 9).

O que se tem é uma disseminação de uma cultura da memória, que cada vez mais repercute em diferentes áreas do conhecimento a sua importância enquanto fenômeno social. Talvez por isso, para alguns autores, seja tão difícil definir o que é memória social. Para Gondar (2005, p. 7), sua conceituação tem um caráter “complexo, inacabado, em permanente processo de construção”, principalmente pelo aspecto da transdisciplinaridade. Apesar disso, gostaria de apresentar minha definição de memória social a partir da difícil conciliação entre os trabalhos de Henri Bergson e Maurice Halbwachs.

No campo da filosofia, Henri Bergson foi precursor ao refutar as noções de memória que a colocassem apenas no âmbito da consciência ou a reduzissem a reações mecânicas do corpo (SANTOS, 2003). Para Bosi (1995), em Bergson todo o estímulo é mediado pelo corpo, estabelecendo um nexos imagem do corpo e ação; porém, algumas imagens suscitadas pelo cérebro não se traduzem em uma ação,

---

<sup>10</sup>“Mnemosine, revelando ao poeta os sedos do passado, o introduz nos mistérios do além. A memória aparece então como um dom para iniciados e a anamnese, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística” (LE GOFF, 2003, p. 434).

mas permanecem, têm duração e estabelecem um nexos do tipo imagem/cérebro/representação, e a partir do qual as imagens “trabalhadas, assumirão a qualidade de signos da consciência” (BERGSON apud BOSI, 1995, p. 45). O cérebro, então, atua como “um *condutor* no esquema da ação, ou de um *bloqueador*, no esquema da consciência” (BOSI, 1995, p. 45). Assim, apesar de existirem um esquema mental do tipo motor (ação) e um esquema mental do tipo perceptivo (representação), ambos dependem de um corpo em uma relação atual com o ambiente. É em razão desse entendimento, no qual toda percepção é um ato presente, que Bergson trará, em oposição, a noção de lembrança (*souvenir*) como um elemento capaz de impregnar as representações e que pressupõe a “conservação subliminar, subconsciente, de toda a vida psicológica já transcorrida” (BOSI, 1995, p. 46).

Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros “signos” destinados a evocar antigas imagens (BERGSON apud BOSI, 1995, p. 46).

A memória vai ter então papel decisivo no processo psicológico ao propiciar a relação entre o presente de um corpo e a virtualidade de um passado e também ao atualizar as representações (BOSI, 1995).

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1995, p. 47).

Para Bergson o cérebro não é um produtor de representações conscientes ou um arquivo de lembranças,

[...] é preciso admitir que a representação não é criada pelo fenômeno cerebral, que ela é simplesmente ocasionada ou movimentada por ele” a memória, então, não é uma função do corpo, mas do espírito – há uma distinção entre matéria e consciência (BERGSON apud COELHO, 2010, p. 62).

O termo memória coletiva foi concebido por Maurice Halbwachs, que a partir dos estudos Durkheim sobre as representações e das concepções de Bergson sobre

o fenômeno da memória, vai demonstrar que as recordações do indivíduo estão ancoradas nas recordações do grupo, e é através dele que se fortalecem e são reafirmadas, uma vez que a memória não consegue dissociar-se das tramas tecidas pelas relações sociais.

*Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, de Bergson, foi referência para a obra de Halbwachs que em 1925, com *Os quadros sociais da memória*, inicia o debate sobre a memória coletiva a partir de estudos sobre a família, grupos religiosos e classes sociais e suas tradições. Ao relativizar o “estatuto espiritual” que Bergson atribuiu à memória, Halbwachs a deslocou da esfera da psique para a esfera do social e prolongou os estudos de Durkheim ao preponderar uma anterioridade “do ‘fato social’ e dos ‘sistemas sociais’ sobre fenômenos de ordem psicológica e individual” (BOSI, 1995, p.53). E, se em Bergson o passado existe e pode ser acessado em sua totalidade, em Halbwachs o passado não pode ser resgatado, ele pode ser evocado mediante uma reconstrução e, para isso, nos apoiamos em outros, no grupo ao qual fazemos parte. E nesse sentido, os grupos selecionam o que consideram importante lembrar e acabam por referendar, atestar, aquilo que o indivíduo rememora. Esse é um processo dinâmico, em constante reconstrução, e pelo qual é possível reforçar uma coesão. Halbwachs “amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade” (BOSI, 1995, p. 55).

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum [...] Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo conhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Para Halbwachs (2006), nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. “Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós, certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

A memória caracteriza-se, então, por ser individual e coletiva – mas não o contrário. É o indivíduo quem lembra a partir de esquemas mentais e intelectuais próprios, mas o indivíduo compartilha experiências, práticas e visões de mundo que permitem reconhecer a si próprio e aos outros em meio a um tecido social.

De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que eu ali ocupo e que esse lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Se a memória individual é um ponto de vista que muda conforme o lugar que ocupamos no mundo, isso significa que ela depende da realidade da vida cotidiana que os sujeitos constroem e compartilham. A memória individual é também social na medida em que é uma visão de mundo construída a partir de relações cotidianas. O cotidiano é a “realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente [...] é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles” (BERGER e LUCKMANN, 2009, p. 35-36). Pela linguagem as experiências cotidianas e as lembranças de tempos vividos são dotadas de significado, ordenadas, preservadas e transmitidas. Por possuir uma capacidade de transcender às dimensões espaciais, temporais e sociais, a linguagem permite tornar presente o que está ausente (BERGER e LUCKMANN, 2009).

Dito de maneira simples, por meio da linguagem um mundo inteiro pode ser atualizado em qualquer momento [...] Mediante a objetivação lingüística, mesmo quando estou “falando comigo mesmo” no pensamento solitário, um mundo inteiro pode apresentar-se a mim a qualquer momento. No que diz respeito às relações sociais a linguagem “torna presente” a mim não somente os semelhantes que estão fisicamente ausentes no momento, mas indivíduos do passado lembrado ou reconstituído, assim como outros projetados como figuras imaginárias no futuro (BERGER e LUCKMANN, 2009, p. 60).

Por mais que o pensamento solitário ou a memória individual sejam capazes de recriar “um mundo inteiro”, como dizem Berger e Luckmann, as relações entre cotidiano e memória não podem ser consideradas pacíficas. Em primeiro lugar, porque vários autores discutem e assinalam o caráter eminentemente conflitual de cada um desses conceitos. Para Pollack (1989), por exemplo, Halbwachs insinua a conciliação entre a memória coletiva, memórias individuais e memória nacional –

não vendo, portanto, o potencial de dominação e violência simbólica nesse processo que busca a coesão social. Uma abordagem construtivista, tendo por objeto tanto o processo de constituição e de formalização das memórias, quanto os sujeitos que nele atuam, demonstra o “caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional” (1989, p. 4), na qual não há lugar para as memórias das minorias e dos dominados – essas memórias permanecem subterrâneas.

Michel de Certeau, por outro lado, mostra como o cotidiano é permeado não apenas por mecanismos que permitem construir, normatizar, instituir e naturalizar as diferenças e relações de reconhecimento, mas por “estratégias” e “táticas” (CERTEAU, 1994), que possibilitam o enfrentamento e/ou resistência às imposições de uma sociedade hegemônica. Através de práticas que subvertem, burlam e reconstróem produtos simbólicos e concretos, os grupos refazem, se apropriam e interpretam o que lhes foi “oferecido” - não da forma esperada pelo poder instituído, mas no limiar de outra lógica e referência (CERTEAU, 1994).

O cotidiano é, sem dúvida, um espaço de significação e produção de sentidos. Mas torna-se campo de investigação e análise principalmente quando percebemos, nas práticas rotineiras e aparentemente banais, a insurgência de “uma maneira de pensar investida numa maneira de agir” (CERTEAU, 1994, p. 42). Ao dizer, ao habitar, ao caminhar, ao ler, ao cozinhar, homens e mulheres se apropriam de espaços e de produtos culturais em uma “arte indissociável de uma maneira de utilizar” (CERTEAU, 1994, p. 42) - impregnadas pelas interações sociais e simbólicas (PAIS, 2004). O estudo do cotidiano, como espaço de tensão, de negociação e de ruptura, propicia refletir sobre as construções sociais e identificar novas subjetividades. O cotidiano não deve ser pensado como uma “parcela isolável do social”, mas “como uma rota de conhecimento” (PAIS, 2004, p. 31).

Em segundo lugar, não posso considerar as relações entre cotidiano e memória como pacíficas porque minha pesquisa envolve um “mundo feminino”, construído histórica e socialmente, cujo tempo, dividido entre os âmbitos do privado e do público, é vivido, e percebido, de forma diferente se comparado a um “mundo masculino” - o que traz à tona disputas e dissonâncias próprias ao universo de estudos de gênero. Preconceitos e discriminações como expressões de violência (Bandeira e Batista, 2002), feminização da pobreza (Lavinias, 1996; Castro, 1999; Novellino, 2004), memórias silenciosas ou subterrâneas (Perrot, 2005; Pollack, 1989): inúmeras são as pesquisas que oferecem diagnósticos e hipóteses de

trabalho sobre as situações de opressão e dominação veladas ou institucionalizadas que caracterizam, ainda hoje, a condição da mulher no ocidente.

Mesmo com os direitos e leis voltadas à igualdade, resultantes das lutas dos coletivos de mulheres, ainda há distinções entre os gêneros, que geram abuso e discriminação e somam-se a outras distinções, como as de raça ou etnia. O reflexo dessas situações de opressão e discriminação em relação às mulheres se mostra nos resultados de pesquisas que apontam uma feminização da pobreza, e nas quais fica claro que a sociedade não oferece oportunidades iguais para homens e mulheres, numa desigualdade de gênero. Em relação aos homens, as mulheres têm taxas mais baixas de atividade econômica, as taxas de informalidade e de desemprego são geralmente maiores e as mulheres recebem menor remuneração por hora trabalhada<sup>11</sup>.

Para, além disso, a divisão sexual do trabalho reforça a noção do trabalho doméstico, ligado à esfera privada, às relações afetivas que se constroem em meio ao convívio familiar, como expressão maior do amor aos filhos e ao marido – o que acaba por legitimar “os gestos repetitivos e os atos cotidianos de manutenção do lar e de educação dos filhos” como uma função exclusivamente feminina que aumenta a carga horária de trabalho das mulheres, mas da qual “os homens podem legitimamente pretender escapar” (HIRATA e ZARIFIAN, 2003, p. 66-67). Uma construção que se concretiza na oposição entre as esferas produtiva e reprodutiva e acorrenta as mulheres ao trabalho gratuito e “invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza” (HIRATA e KERGOAT, 2007, p. 597).

A desigualdade de gênero “encerra as mulheres, no plano material e simbólico, em espaços subordinados e papéis e funções desprestigiados, desqualificados e, portanto, mal remunerados” (LAVINAS, 1996, p.465).

Portanto, a feminização da pobreza é um fenômeno que pode ser atribuído ao modo de participação da mulher no mercado de trabalho pelos seguintes motivos: (a) há uma prevalência de mulheres trabalhando em tempo parcial ou em regime de trabalho temporário; (b) discriminação salarial; (c) concentração em ocupações que exigem menor qualificação e para as quais os salários são baixos; e (d) participação nos mais baixos níveis da economia informal (NOVELLINO, 2004, p. 3).

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.ipc-undp.org/pub/port/IPCOnePager73.pdf>. Acesso em julho de 2013.

O aumento da pobreza entre as mulheres consideradas chefes de família, não vem apenas pelo abandono, divórcio ou viuvez, como infere CASTRO (1999, p. 92):

As mulheres em famílias monoparentais, que viriam de família constituída por cônjuges, ou seja, que foram esposas, empobrecem não porque se tornam chefe de família, porque deixaram de ter um provedor, mas, com a maior probabilidade, porque foram esposas antes e, assim, não tiveram as mesmas oportunidades dos homens, casados ou vivendo sós, ou das mulheres sós, de investir em carreira, de socializar-se com as regras do e no mercado. Por outro lado, os diferenciais de rendimentos entre mulheres e homens chefes de família de igual escolaridade e idade, comumente tanto no Brasil quanto em outros países, são negativos para as mulheres, indicando que, independentemente do estado conjugal e da situação quanto à maternidade, as mulheres seriam vistas como esposa e mãe no mercado. Portanto, mesmo quando únicas provedoras do núcleo familiar, teriam seu rendimento considerado como complementar.

A pobreza é a carência ou a privação que a desigualdade infere, e a exclusão, a trajetória que leva à “ruptura de vínculos sociais básicos, empobrecimento não do indivíduo, mas das relações que definem seu lugar e sua identidade sociais” (LAVINAS, 2002, p. 52). As desigualdades e seus resultados são “processos históricos de configuração social” (Canclini, 2009, p. 57) e nesse sentido, a “pobreza é o retrato da desigualdade, e as periferias das grandes cidades, a expressão da segregação cotidianamente imposta” (LAVINAS, 2002, p.44).

Historicamente, as diferenças de gênero também se fazem notar nas narrativas ou memórias oficiais. Ao privilegiar a cena pública, dos grandes feitos políticos ou bélicos, a história tradicional não dá muito espaço às mulheres – uma vez que o espaço a elas destinado foi o privado. Historicamente elas pouco aparecem na cena pública e nos monumentos alegóricos aos grandes feitos, quando surgem, estão a coroar os homens ou a colocar-se aos seus pés. “No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra” (PERROT, 2005, p. 33).

Se o registro histórico condiciona as mulheres ao seu lugar na família, a sua memória, o seu modo de rememoração também está impregnado dessa condição (PERROT, 2005).

Por força das coisas, ao menos para as mulheres de outrora e para o que resta do passado nas mulheres de hoje (e que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e para o íntimo, aos quais elas estão de certa forma relegadas por convenção e posição (PERROT, 2005, p. 39).



Para Perrot (2005), uma vez que é o prolongamento da existência, a memória é “profundamente sexuada”, “resultado das práticas socioculturais” que agem sobre a sua constituição.

[...] as práticas socioculturais em ação na tripla operação que constitui a memória – acumulação primitiva, rememoração, ordenamento do relato – estão imbricadas com as relações masculinas/femininas reais e, como elas, são produtos de uma história (PERROT, 2005, p. 43).

A memória das mulheres está na oralidade, nas narrativas contadas às gerações seguintes (Perrot, 2005), e aqui voltamos à noção de memória subterrânea que subjaz a memória oficial (Pollak, 1989) e que encontra na narrativa uma forma de vir à tona. Neste sentido a história oral “aplicada às populações urbanas contemporâneas” permite escutar e compartilhar das memórias daqueles que estão à margem - os “deserdados” e os “sem história” (PERROT, 2005, p. 40).

“A memória das mulheres é o verbo. Ela está ligada à oralidade das sociedades tradicionais que lhe confiavam a missão de contadora da comunidade da aldeia” (PERROT, 2005, p. 40).

As mulheres passaram a protagonizar as suas próprias histórias na medida em que se deslocaram do âmbito privado para o âmbito público (GONÇALVES, 2006). Esse deslocamento coloca em evidência práticas e lógicas que subvertem e enfrentam uma ordem hegemônica e, sobretudo, a incorporação de modos de ser – de um *habitus* (BOURDIEU, 2010). Essa incorporação e recusa de modos de ser, de crenças e práticas, se dá na vivência diária das mulheres, em particular naquelas que se associam a Art’Escama e são as verdadeiras protagonistas de minha pesquisa.

No caso das artesãs, na luta por melhores condições de vida e renda, elas criaram um espaço próprio. A economia solidária<sup>12</sup> surgiu como uma opção de inclusão econômica e no mercado de trabalho, com o diferencial de trazer em sua

<sup>12</sup>O termo foi cunhado na década de 1990, quando, por iniciativa de cidadãos, produtores e consumidores, despontaram inúmeras atividades econômicas organizadas segundo princípios de cooperação, autonomia e gestão democrática. As expressões da economia solidária multiplicaram-se rapidamente, em diversas formas: coletivos de geração de renda, cantinas populares, cooperativas de produção e comercialização, empresas de trabalhadores, redes e clubes de troca, sistemas de comércio justo e de finanças, grupos de produção ecológica, comunidades produtivas autóctones, associações de mulheres, serviços de proximidade, etc. Essas atividades apresentam em comum a primazia da solidariedade sobre o interesse individual e o ganho material, o que se expressa mediante a socialização dos recursos produtivos e a adoção de critérios igualitários (LAVILLE e GAIGER, 2009, p.162).

essência além das práticas de solidariedade e cooperação, a prática da igualdade de direitos. Segundo Culti, os empreendimentos nascidos sob a lógica da economia solidária buscam compensar, através da “agregação de recursos que cada um dispõe, a ausência de direitos sociais e econômicos [...] O surgimento de tais empreendimentos é motivado, principalmente, como alternativa para assegurar trabalho e renda ameaçados ou inexistentes” (CULTI, 2004, p. 5).

Para, além disso, a economia solidária é um processo que requer formação, e esta formação conforme a IV Plenária Nacional de Economia Solidária (março/2008), “deve ser contextualizada, emancipatória e engajada, e levar em conta as diversidades de gênero, etnia, raça e geração e a promoção dos direitos humanos” (GADOTTI, 2009, p. 67). De acordo com Teodósio e Mundim (2012), a economia solidária, através das práticas do cooperativismo e do associativismo, é capaz de atuar de forma positiva nos “processos de emancipação da mulher, possibilitando a (re)significação do trabalho e do lugar ocupado pela mulher na sociedade, abrindo espaço para a construção de percepções, relações e práticas emancipatórias” (p. 281). Nesse sentido, a economia solidária propicia às mulheres, o exercício da condição de sujeitos, de agentes de transformação de suas próprias vidas e de superação de uma realidade onde os cenários estão condicionados a aspectos sociais e econômicos. Para as artesãs, sujeitos desta pesquisa, o empreendimento Art’Escama significa a conquista de um espaço consolidado que se por um lado ainda não conseguiu oferecer a segurança financeira que elas tanto almejam, por outro, as fortalece à medida que lhes dá a chance de atuarem como protagonistas de suas vidas e pelo exercício da cidadania.

### **1.3 O método: a etnografia**

Tomando por referência a memória social e o cotidiano como conceitos norteadores, meu ponto de vista nasce na minha própria percepção de um tempo vivido e rememorado por essas mulheres em um contexto de pobreza, preconceitos, discriminações e desafios em termos identitários e/ou de reconhecimento social. Assim, precisei trabalhar recortes conceituais envolvendo autores diversificados. E, afim de conjugá-los, apoio-me no trabalho etnográfico, que permite descrever e compreender como, na descontinuidade da duração social, quadros interpretativos se articulam e remetem cada uma de minhas interlocutoras ora para o passado, ora

para o futuro, possibilitando tessituras do presente. A etnografia permite, também, enfocar o cotidiano das mulheres artesãs da Ilha da Pintada tanto como instantes de agenciamentos e espertezas de ocasião (Certeau, 1994), quanto como fonte elementar de tessituras do presente. Assim, compreendo a necessidade de relações de reciprocidade e reconhecimento mútuo para que um trabalho de memória se produza. As lembranças dependem de quadros coletivos provenientes de um determinado tempo-espço, são construções sociais de um indivíduo, mas devidamente localizadas e ancoradas em grupos - a “memória, é sim, um trabalho sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2004, p. 53).

É, sobretudo no ritmo desse trabalho de memória, efetuado em situação de pesquisa etnográfica, que as tessituras do presente são possíveis, bem como as identidades sociais que dali se afirmam em reflexões e projetos. Como diz Gilberto Velho,

[...] a identidade individual do sujeito é construída através da memória — visão retrospectiva e de projetos — visão prospectiva. “Olhando” para trás e para frente, o agente individual que denominamos de sujeito reinterpreta, com maiores ou menores “ilusões” o seu passado e o seu futuro (VELHO, 2009, p. 15).

Ao buscar no cotidiano e no tempo vivido dos sujeitos da pesquisa, a etnografia permite dar conta de práticas e relações que são construídas pelos indivíduos em relação de reciprocidade. Num processo dialético, também acaba por favorecer a entrada e aprofundamento em uma determinada realidade concreta e simbólica. Trata-se de um encontro com o Outro que não anula diferenças, mas que cria pontes e canais - uma “fusão de horizontes”, como costumam dizer os antropólogos.

Não sendo antropóloga no sentido estrito do termo, propus aventurar-me nesse método. Compreendo a etnografia como um exercício de distanciamento e aproximação, de conhecimento de si e do Outro, fundamentado nas práticas observadas e nas teorias que as explicam, bem como numa experiência de tempo compartilhada. Para referendar e aprofundar minhas noções incipientes sobre o tema procurei autores que pudessem auxiliar-me no desenvolvimento de uma tarefa composta de técnicas e procedimentos e que associadas ao trabalho de campo são inerentes à disciplina antropológica.

Para apropriar-me dessa prática intrínseca ao ofício do antropólogo, contei com a orientação, encorajadora, do professor Lucas Graeff e disposição em adotar o “compromisso de refletir sobre a vida social” e a “vivenciar a experiência de intersubjetividade” - certa de que nesse encontro dialógico, o observador também é “objeto de observação”, conforme interpretação de Rocha e Eckert (2008) mediante a concepção de Lévi-Strauss sobre a técnica da observação direta.

Busquei, com aporte teórico específico e reflexões inerentes ao trabalho de campo, o tom do meu próprio *Anthropological Blues* (DA MATTA, 1978), busca esta que muitas vezes pareceu árdua e impossível, cheia de inseguranças, medo de fazer algo que comprometesse o grupo, que o levasse a uma tensão capaz de fragmentá-lo pela simples inserção do elemento estranho (eu). Descobri, no entanto, que a pesquisa e o(a) pesquisador(a) não tem todo esse poder. Em sua dinâmica própria, ele dispõe de forças de realinhamento e re-atuações de seus integrantes, tem os seus ardis e malícias. Procurei encontrar, como ensina Da Matta, na distância social a marginalidade, a segregação, o estranhamento e fazer o possível para ser capaz de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico, “dois universos de significação” (DA MATTA, 1978), numa “vivência dos dois domínios por um mesmo sujeito disposto a situá-los e apanhá-los” (DA MATTA, 1978)

Visando ampliar a compreensão interdisciplinar de um estudo de memória social guiado por uma prática etnográfica, utilizei os procedimentos de pesquisa típicos, como visitas exploratórias, observação participante, diário de campo e descrição densa. Também utilizei os recursos de entrevistas para história de vida (Ferrarotti, 1991; Minayo, 1993) e da fotoetnografia (ACHUTTI, 1997).

Com a observação participante, foi possível um compartilhamento no tempo e no espaço, uma imersão no cotidiano do outro, que traz à tona para o(a) pesquisador(a) elementos que permitem o melhor entendimento das dinâmicas sociais específicas da comunidade estudada – é como um caminho que só leva a algum lugar se o percurso for realizado. Uma interação permanente “a partir de motivações que são encontradas num jogo entre mundo interior, subjetivo, e práticas e atividades no cotidiano, envolvendo redes sociais em níveis materiais e simbólicos, com especificidades e características próprias” (VELHO, 2009, p. 15).

Para que fosse consentida a observação participante e a captação de imagens fotográficas, junto ao grupo de artesãs, sujeitos desta pesquisa, considerei a necessidade de visitas exploratórias iniciais – com o objetivo de propiciar uma

aproximação com o grupo e estabelecer uma relação de confiança, pois conhecer o outro é uma trajetória dialógica e um exercício de deslocamentos entre diferentes realidades. Tal prática constituída “no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou ela observado” (ROCHA e ECKERT, 2008, p. 2), portanto, considere a interação “como condição da pesquisa” etnográfica, uma relação que se “prolonga no fluxo do tempo e na pluralidade dos espaços sociais vividos cotidianamente [...] que abrangem o mundo público e o mundo privado da sociedade em geral” (ROCHA e ECKERT, 2008, p.3).

## 2 CAMINHOS DA MEMÓRIA

De início justifiquei no projeto a relevância da pesquisa a partir do objetivo principal, que me levaria a compreender do ponto de vista das próprias mulheres a Associação Art'Escama, os projetos de profissionalização e capacitação e em meio a isto a questão de gênero que permeia o direcionamento daquelas mulheres rumo à produção artesanal – como atividade do universo feminino - e a inserção em projetos de economia solidária – pela oportunidade igualitária entre homens e mulheres. Investigaria o cotidiano do grupo para compreender melhor as suas práticas, relações de proximidade e de alteridade e de produção de sentidos – sempre considerando a experiência da vida diária como um espaço de devir que possibilita o surgimento de espaços de subversão, de negociação, ruptura e emancipação e das memórias individuais e coletivas como reconstrução. Para, além disto, considerei o trabalho como um estudo de memória social fundado no encontro etnográfico, numa investigação interdisciplinar, tendo presente a noção de passado como reconstrução, atualização e devir criativo.

Neste capítulo pretendo costurar a narrativa das artesãs, o conjunto de lembranças que elas ofereceram durante a entrevista realizada com cada uma delas em suas casas ou em lugares de sua preferência. Algumas delas pediram em alguns momentos que o gravador fosse desligado, e esses testemunhos ficam silenciados por motivos éticos. Em todos os casos, o processo foi dialógico: abri-me para ouvir minhas entrevistadas que, familiarizadas comigo, propuseram-se a um trabalho de memória. O que apresento aqui não é, portanto, isento de interferências. Seu valor está muito mais “no conhecimento mutuamente partilhado” e “enraizado na intersubjetividade da interação” (FERRAROTTI, 1991).

Ao mesmo tempo, as narrativas apresentadas neste capítulo não se apresentam como histórias de vida. São, ao contrário, um esforço de organização de seqüências de lembranças cujo sentido se encerra na própria relação de entrevista. Entendo, com Pierre Bourdieu, que o esforço de tornar a própria trajetória compreensível e significativa faz com que o narrador crie um artefato, uma “produção de si” (BOURDIEU, 2005, p. 189). Enquanto artefato, as narrativas não devem ser tomadas em termos de verdadeiro ou falso - estaria o entrevistado mentindo ou confabulando? - mas como um dom: construído em situação de reciprocidade e reconhecimento mútuo, o artefato é endereçado pessoalmente. É,

afinal, um trabalho de memória (Bosi, 1995 e 2004) que permite uma reflexão sobre si, sobre as práticas, sobre o habitar, construir e construir-se<sup>13</sup>.

Com a realização das entrevistas, considerei tanto colher alguns dados de forma padronizada, quanto propiciar aos sujeitos da pesquisa liberdade na estrutura de seus relatos, ou seja, permitir que esse trabalho de memória seguisse dentro dos seus próprios termos e esquemas temporais. Para tanto, tentei não interferir significativamente durante a narração - mas logo descobri que algumas entrevistadas não falavam se não houvesse pergunta. Portanto, o esquema pergunta-resposta, um tanto rechaçado inicialmente, mostrou-se proveitoso em algumas situações.

Por fim, quando decidi realizar essas entrevistas, o fiz pelo caráter simbólico da linguagem e pelo potencial como instrumento mediador entre passado e presente cuja mediação realizada através da narrativa, ao reorganizar a própria existência, possibilita uma apropriação de si capaz de conduzir a novas percepções, posturas e projetos - num reposicionamento de experiências e eventos vividos que articula, através de uma ação comunicativa, os mundos objetivo, social e subjetivo (HABERMAS, 1989). Ao rememorar e narrar o vivido, cada uma das mulheres do Art'Escama fez uma reflexão sobre si; envolveu-se nas tramas de sua própria história; retomou a si mesmo sob uma outra perspectiva. Sobretudo, suas narrativas estabeleceram uma unidade que não existe fora do relato (ARFUCH, 2013). Essa continuidade no tempo e no espaço, atravessada por memórias reconstruídas, tessituras urdidas por uma imaginação presente, dão a esse espaço biográfico um quê ficcional, na medida em que se concretiza na visão de outros: aquele que conta sobre alguém que ele próprio já foi e a quem só pode se reportar pela imaginação; e aquele que escuta a narrativa e a interpreta, dentro de uma ética inerente a esse encontro dialógico, para então recontá-la.

---

<sup>13</sup> Para Velho (1981), apesar das biografias se erguerem sobre experiências individuais - em níveis psicológicos, sociais e históricos - e constituírem uma experiência considerada única, o indivíduo "reconhece-se nos outros através de semelhanças e coincidências" (p. 28), sendo assim, considero que as histórias de vida também como fonte sobre os fatores que aproximam o grupo de artesãs que configuram os sujeitos da pesquisa.

## 2.1 Dona Teresinha

Naquela época eu fazia desenvolvimento de comunidade e até hoje eu faço desenvolvimento de comunidade. É o que não conseguem entender. Têm horas que eu estou na Art'Escama, mas têm horas que eu estou na comunidade, encaminhando coisas da comunidade.

Por trás dos óculos os olhos argutos espreitam o mundo, e não perdem um movimento sequer. Dona Teresinha está sempre atenta e pronta para enfrentar tudo – e a todos, se necessário. É guerreira, impaciente, tem pressa em conquistar. Embora não seja nativa do local, luta pela Ilha da Pintada como se ela fosse sua. Apropriou-se dela.

“Eu digo que nós somos da beira do rio. Nós somos como um peixinho, só vamos para frente. O peixinho nunca vai para trás. Nunca, jamais. [...] Eu meto a cara, eu falo. [...] Eu sou danada, eu sei que sou”.

Dona Teresinha tem formação em pedagogia. Chegou ao bairro Arquipélago através do Programa de Ações Sócio-Educativas e Culturais para as Populações Carentes Urbanas (PRODASEC<sup>14</sup>), nos anos 1980. Passou primeiro pela Ilha Grande dos Marinheiros, depois pela Ilha das Flores e por último na Ilha da Pintada, onde acabou criando raízes. O trabalho junto à comunidade sempre esteve presente em sua vida e o curso na área de educação de adultos foi apenas um reflexo disso.

Eu entrei, nos anos oitenta, na Ilha Grande dos Marinheiros pela Secretaria de Educação, pelo PRODASEC [...] Eu sempre fui muito revolucionária [...] Esse trabalho que eu fiz, eu continuei fazendo por minha conta e não parei mais, e começaram a me chamar [...] e então me chamaram na Ilha da Pintada [...] sempre fui educadora popular dentro das Ilhas [...] desde aquele tempo eu faço desenvolvimento de comunidade.

Ela gosta de contar sobre seus feitos e enfrentamentos, se considera uma pessoa revolucionária que busca quebrar o que ela denomina “espelhos”, determinados comportamentos locais com os quais não concorda – e isto, evidentemente, leva a tensões e rompimentos. Embora suas lembranças sobre a

<sup>14</sup> Surgiu nos anos 1980, em nível federal, juntamente com o Programa Nacional de Ações Sócio-Educativas para o Meio Rural (PRONASEC). Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf) .



origem da Associação Art'Escama nem sempre combinem com as lembranças das outras fundadoras, é inegável que a postura determinada, focada em objetivos, ajudou a construir a Associação e mantê-la até hoje como uma alternativa de geração de renda e fonte de parcerias.

Dona Teresinha é perspicaz. Aprende rápido. Sabe adaptar, colocando discursos e práticas a seu favor e recriando-os em projetos que visam ao desenvolvimento local, ao encontro de parcerias e ao reconhecimento do seu trabalho coletivo junto à comunidade. Para ela, a Art'escama é uma matriz de eco-desenvolvimento e de tecnologia social – e neste quesito, é com orgulho que informa a certificação pela rede de economia solidária Olhares do Sul.

A Dona Tere, como gosta de ser chamada, fala sobre o passado seguindo uma linha cronológica, pontuada por atividades em primeira pessoa. Os personagens da sua narrativa têm nome, sobrenome, cargo e função. As lembranças muitas vezes encaixam-se como itens de um currículo – o que é compreensível, pela importância que ela dá ao trabalho, seja na trajetória profissional ou como integrante da Associação Art'Escama.

Para ela, a Art'Escama surge de um afeto: a admiração de uma peça em escamas de peixe pertencente ao acervo do Instituto Cultural Português. Desde então, ela começa a se interessar pela técnica. Isso foi no final dos anos 1990. Em 2000, na Colônia de Pescadores Z-5, com apoio da COOPEIXE, tem início o aprendizado da técnica, através de curso ministrado por um artista plástico de Florianópolis (SC), que visitou a Colônia com financiamento da Fundação Solidariedade e do Instituto Cultural. Entretanto, por uma questão de mobilidade e acesso dos pescadores a seus equipamentos de trabalho, o curso acabou transferido para a Associação dos Amigos Artesãos e Pescadores da Ilha da Pintada (AAAPIP).

Desde então, Dona Tere sonha e batalha para que a tradição da pesca, o artesanato e a paisagem natural da ilha constituam uma verdadeira força de desenvolvimento local. Quando participou da criação da AAAPIP, propôs a integração entre pescadores e artesãos. Hoje ela ainda luta por essa ideia e vê na realização da Copa 2014 a possibilidade de comprovar a validade das suas propostas. Seu objetivo é levar o turista para a Ilha durante a competição – para tanto, aposta nas belas paisagens do Delta do Jacuí; no peixe na taquara, iguaria preparada na Colônia Z-5; no espaço do CTG Madrugada Campeira para oferecer

ao forasteiro a opções de um bom café açoriano e um legítimo “bolicho” a vender embutidos, queijos e pães, em meio a apresentação de danças folclóricas e fogo de chão. Mas sua maior aposta é no Economuseu, com a loja Art’Escama (equipada com máquinas para cartões de crédito e débito) para comercializar um artesanato identificado com o território e o atelier para proporcionar oficinas e demonstrações do trabalho realizado com a escama e couro de peixe .

Fotografia 4 – Peixe na taquara, assado pelo S. Salomão



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 5 – Peixe na taquara



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Escrever um livro sobre a história da Ilha da Pintada, a cultura do ilhéu e a trajetória da presença negra naquele território (“discriminação total com os negros, em 1956<sup>15</sup>”), é um outro capítulo da sua vida, uma outra meta a alcançar. Para tanto, já entrevistou famílias nativas, procurou documentos e guardou antigas fotografias. Mais recentemente, inspirada pela metodologia do projeto de extensão do curso de Museologia da UFRGS, ela pretende recorrer às rodas de memória.

---

<sup>15</sup> Dona Teresinha refere-se à chegada de uma família negra à Ilha da Pintada, devido ao trabalho oferecido pelo Estaleiro Mabilde. A família ainda reside no local.

Fotografia 6 – D. Tere, entre as extensionistas, fala sobre a Ilha e mostras as fotos e documentos que reuniu



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

A Dona Teresinha tem orgulho do tanto que viajou. As viagens são como marcos em sua trajetória narrada. Nos anos 1990, foi aos Açores, com bolsa do Instituto Cultural Português, para pesquisar a técnica de produzir flores com escamas de peixe. Foi também a Cuba para apresentar o trabalho “O homem no meio-ambiente, enquanto matriz de eco-desenvolvimento”, através de um programa denominado Pedagogia 90. Também esteve em Macau, em 2010, para participar da Feira Internacional de Lusofonia e mostrar as bijuterias em escamas e outros produtos confeccionados na Ilha da Pintada. Em 2013, voltou à Cuba para participar de um encontro sobre economia solidária, integrando uma comissão do SESAMPE-RS<sup>16</sup>. Dona Tere não vai atrás do que quer, ela corre.

O final do mandato como presidente da Art’Escama está próximo. Por isso, acredita que a Associação passará por uma fase de transição e que é preciso preparar as outras mulheres para as atividades que o cargo exige. Como o legado de uma época, ela pretende deixar a loja e o museu em pleno funcionamento. Quer, ainda, resolver as pendências sobre as condições de utilização do espaço do CTG, decorrentes da natureza do contrato em comodato. Mas ela não pensa em parar.

---

<sup>16</sup> Secretaria da Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa.

Quer assumir o museu junto com um “vice”, como ela diz, e fundar “os amigos do museu”.

Em 2013 ela ganhou até medalha Floriceno Paixão das mãos do Prefeito pelo trabalho desenvolvido junto à comunidade.

“Geração de renda misturada com a cultura. Tem que ter o desenvolvimento econômico sustentável. Eu enxergo ele”.

Fotografia 7 – Dona Teresinha recebe a medalha Floriceno Paixão pelo dia do Trabalhador Local, no Salão Nobre da Prefeitura, em maio de 2013



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

## 2.2 Dona Eny

Nasci aqui na Ilha e moro até hoje. Eu até estava conversando com a Clélia, a minha amiga. As pessoas de antigamente como eu, permaneceram morando aqui na Ilha. Foi de geração para geração. As pessoas que passaram miséria, trabalho com a enchente, toda aquela dificuldade, continuam morando aqui.

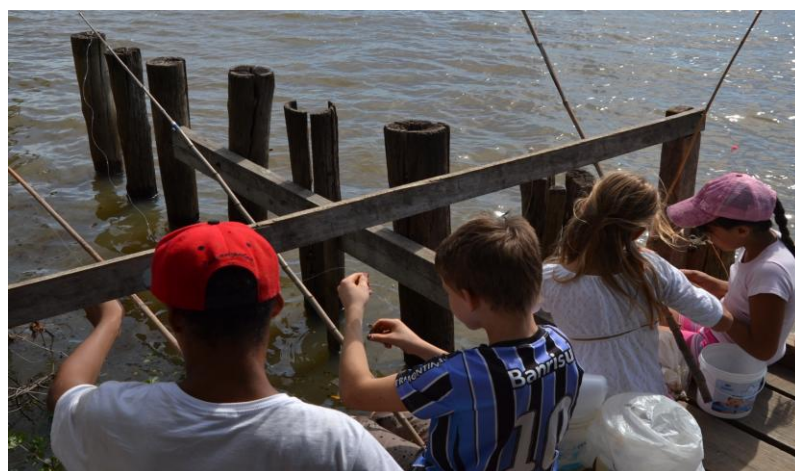
A Dona Eny nasceu na Ilha da Pintada, em um ranchinho de palha instalado na Rua Oscar Schimdt. Ali, morou com os pais e mais seis irmãos. O pai era de uma

família proveniente da Ilha da Conga (ilha das Flores); a família da mãe, nativa da Ilha da Pintada. A subsistência de todos vinha da própria Ilha, através do pescado e da caça. Mais precisamente, o pai ocupava-se da pesca e da produção de carvão para consumo familiar e para a venda. À mãe cabia as lidas domésticas e o cuidado dos filhos.

Me criei em um rancho de palha, igual a essas tocas de índio [...] Meu pai era muito bom, muito companheiro, ele pescava e caçava [...] Caçava capivara, naquele tempo podia, era para consumo, para comer [...] A comida tinha que ser certinha, não podia repetir. Nem comida e nem café [...] O que salvava as pessoas era o peixe [...] A gente não tinha luz elétrica e nem água encanada, nem vela tinha dinheiro para comprar [...] A roupa era de saquinha [...] saco de açúcar.

As lembranças desta senhora miúda e com o rosto marcado pela idade trazem imagens de uma infância atravessada pela fome e pela pobreza. Contra isso, ela narra a alegria dos jogos de infância: pular corda, jogar cinco-marias, moldar figuras com barro e rebolar no bambolê feito de restos de canos. As bonecas eram aquelas feitas pela Dona Prenda e compradas quando ela conseguia algumas moedas. Mas a diversão predileta era no barco, no “caiquinho”, remando nos banhados tal e qual um guri. Algumas tias e amigas da mãe, certamente incomodadas por tanta energia da menina, chegavam a dizer: “leva esta guria no médico, isto não é mulher, é guri”.

Fotografia 8 – As crianças da Ilha seguem brincando no rio



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

O mesmo rio, hoje lago, que assustava o povo das Ilhas durante as enchentes, oferecia o pescado e a água para o consumo doméstico (beber, cozinhar) e para a higiene. No rio daquele tempo, era possível ver lambaris enquanto a louça era lavada. “Uma coisa bonita de se ver!”, exalta Dona Eny. A água do banho naquela infância de menina era aquecida nas brasas do carvão produzido pelo pai e colocada em uma lata furada que funcionava como chuveiro. Na pequena casa de palha, com piso de chão batido, nunca faltou água quente para o banho dos pequenos - embora, muitas vezes, tenha faltado o que comer. Dona Eny lembra o fogão construído com barro e tijolos e da mãe acendendo trapos banhados em gordura de fritar peixe para iluminar o rancho. Não havia luz elétrica e nem dinheiro para velas. Conta-se que tal iluminação deixava a todos com o nariz escuro, pelo efeito da fuligem.

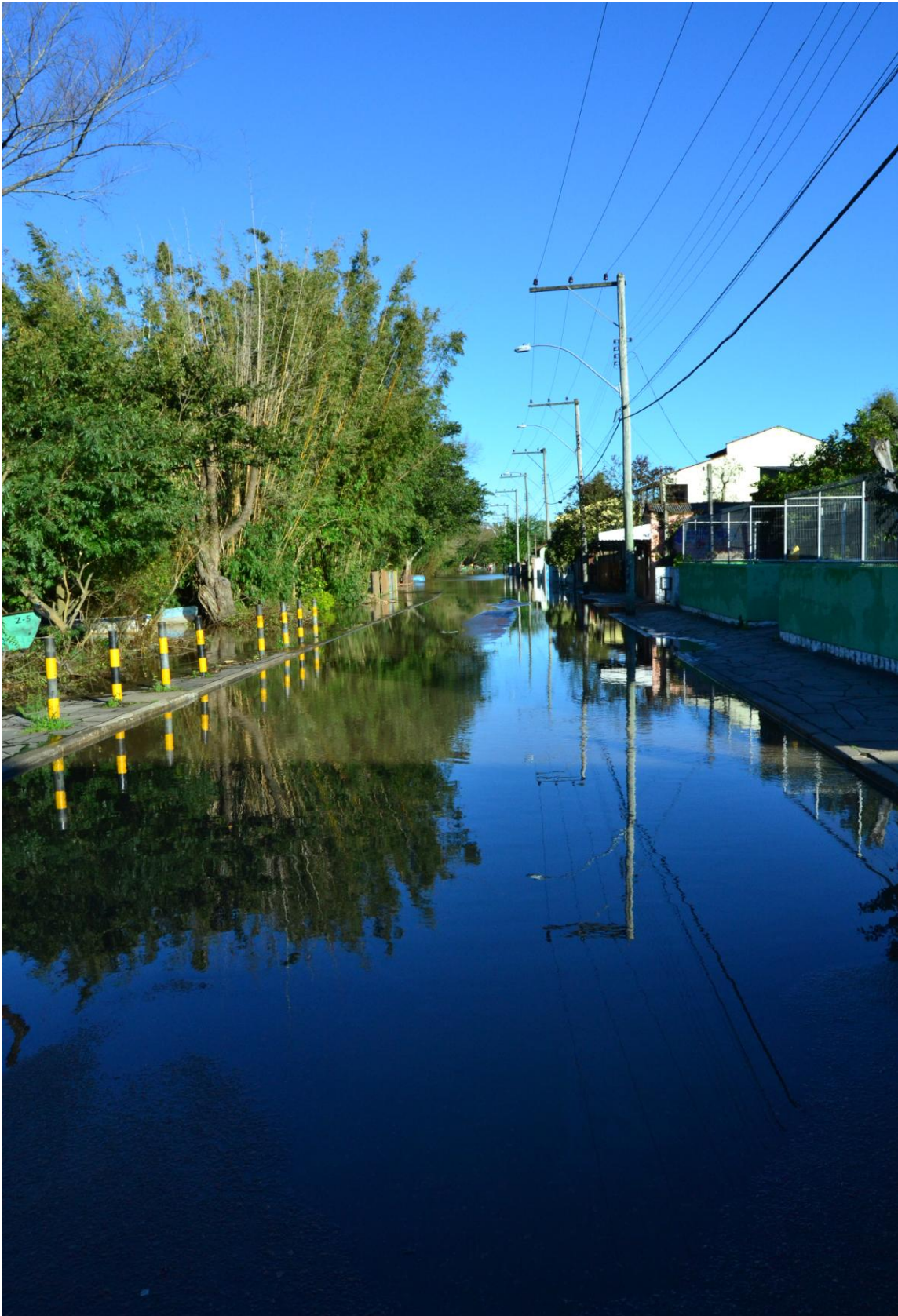
Essas lembranças trazem imagens que se confrontam com a casa confortável que ela tem hoje e também com a paisagem natural e urbana da Ilha. As enchentes já não são como antigamente, a ilha foi aterrada e as águas, antes límpidas, já não mostram seus peixes.

Fotografia 9 – Apesar das obras de infraestrutura, as enchentes fazem parte do habitar a Ilha



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 10 – Enchente, vista da Rua Nossa Senhora da Boa Viagem, 2013



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Depois da enchente tinha que recomeçar a vida [...] Na enchente ficava-se sem poder trabalhar, sem poder pescar [...] No inverno era um horror isto aqui, as casas eram todas altas, passava um barquinho por baixo [...] Era mato e banhado [...] Depois a draga aterrou tudo.

A Dona Eny, como os irmãos, foi criada à moda antiga: as crianças não participavam das conversas dos adultos. Nesses momentos, não ficavam sequer no mesmo recinto – e bastava um olhar severo para que qualquer recado dos pais fosse entendido. Quando, por acaso, ouviam alguma parte da conversa, nem sempre a entendiam, pois certos assuntos eram falados de modo cifrado e em cochichos.

Os pais foram criados assim e assim criaram seus filhos. Não conversavam com eles sobre a vida, sobre o corpo, sobre o sexo. Já moça, Eny não sabia sequer como acontecia o parto, muitas coisas a vida se encarregou de ensiná-la.

Eu tinha dezoito anos e era burra: sobre namoro, sobre sexo. Eu não sabia essas coisas! [...] Não sabia como nascia nenê. Aos dezoito anos! Eu casei com vinte anos, aí sabe... O namorado tinha paciência. Aquela coisa toda. Ele também foi criado como eu fui criada. Aí fui aprendendo. A vida ensinando.

As lembranças não vêm sozinhas, sem sentimentos. Ora trazem risadas, ora sorrisos tristes. O olhar, por sua vez, se distancia. Perde-se nas imagens reconstruídas, na ausência dos momentos que pontuaram uma existência. Há uma recordação que se carrega de imagens das noites dormidas no colchão recheado com capim, cujo odor ela diz ainda sentir. Exemplo do afeto e das sensibilidades atualizadas, das experiências de outrora que se fazem presente através das narrativas.

Outra coisa que me marcou muito: a carroça cheia de capim fininho. Meu pai colocava o capim para secar. Depois de seco, colocava numa capa de sequinha. [Com isso], fazia os nossos colchões. Era gostoso. Dava um cheirinho. Tenho o cheiro no nariz, ainda.

Dona Eny foi uma criança "arteira". Aprontava "peraltices" com os amigos e vivia brincando no rio, onde também lavava as panelas de ferro da mãe e cuidava o movimento dos barcos para acenar e mandar beijinhos aos namorados imaginários. Hoje, ela sorri quando lembra de estar em uma sanga, no local onde hoje tem uma marina, e ser mordida por um bicho. Aquele ferimento, que sangrou muito, ficou em



segredo. Ela não contou aos pais, que não a queriam “entocada” nos banhados. Cuidou ela mesma da ferida: um pano embebido em salmoura e atado à perna foi suficiente.

Quando jovem, foi menina moça que não pensava em casamento. Preferiu aproveitar a juventude com os amigos. Até que beijou o namorado. Selo de boca e de destino: a mãe, ao descobrir o beijo, avisou ao pai que era preciso casá-la. Eny quis se rebelar, mas cedeu: aconselhada por uma tia, as bodas acontecem com o primeiro namorado. Rapaz da Ilha. Como o pai dela, um pescador. Com ele teve dois filhos, uma menina e um menino. A primeira nasceu com a ajuda de uma parteira da Ilha; o segundo, no hospital, porque a gravidez apresentou riscos. Para que o parto fosse acompanhado por um médico e se desenrolasse em ambiente hospitalar e com todos os recursos possíveis, ela precisou ficar ao final da gravidez, na casa da irmã, no bairro Santana. Afinal, era muito difícil sair da Ilha rapidamente, quanto mais em pleno trabalho de parto, dependendo de barco ou lancha.

Tempo difícil, no qual as mulheres contavam com a ajuda de Deus, da família e dos vizinhos.

A liberdade sonhada na juventude veio com a viuvez. O marido se foi e ela se tornou dona da própria vida. Não era mais preciso dar satisfação ao pai, a mãe ou ao marido. Com a liberdade vieram novas experiências: trabalhar fora de casa, voltar a namorar, se divertir, preencher a vida com coisas que gosta de fazer. Em suma, o veredito:

“Casei na marra! [...] Eu tive qualidade de vida depois que enviuei”.

Fotografia 11 – A menina arteira ainda pode ser reconhecida no olhar maroto da D. Eny



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

### 2.3 Dona Nanci

Dona Nanci é uma senhora aposentada de sessenta e oito anos. Muito quieta e de poucos sorrisos, está sempre disposta a participar das atividades que se apresentam na Ilha. Num mesmo ano fez curso de artesanato na AAPIP e no posto de saúde, participou do curso de pintura em tecido com a irmã Marinice (financiado pela Cáritas), frequentou um curso de marcenaria da Prefeitura, entrou no curso de inglês e se fez sempre presente nos passeios e festas do grupo da terceira idade. Também participou dos cursos promovidos pelo grupo de extensionistas do Curso de Museologia da FABICO/UFRGS.

A seguir fotografias da D. Nanci, em dois momentos oferecidos pelo projeto de extensão UFRGS:

Fotografia 12 – Curso de pintura em madeira



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 13 – Passeio ao Museu do Pão em Ilópolis



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Eventualmente a hipertensão ou a diabete atrapalham sua agenda movimentada. Assim que possível, retorna às suas atividades – e para além das

atividades lúdicas ou de capacitação, outras tantas se impõem: os encontros na Associação Art'Escama, os horários cumpridos na lojinha da Colônia Z-5, a produção do artesanato, a pesca com o marido e os cuidados com a casa, com os netos e bisnetos.

A Dona Nanci nasceu, cresceu e viveu na Ilha da Pintada. A sua mãe era nativa da Ilha. Seu pai não, ao contrário, veio de Pelotas. A família era grande, a Nanci era a terceira dos doze filhos do casal. Nanci ajudou a criar os irmãos mais moços. Parou de ir à escola na terceira série do ensino fundamental, contava então com catorze anos. Era difícil estudar, precisava ajudar em casa. Era como se a mãe estivesse sempre grávida. Até casar, aos dezesseis anos, além de ajudar na criação dos irmãos, trabalhava em “casa de família” ou fazendo faxina.

A adolescente que sabia como cuidar da casa e auxiliar a família, não sabia como perguntar certas coisas. Menstruou e não contou para ninguém por pelo menos um ano. Não era comum conversar com os pais sobre tais coisas. A irmã, ao menstruar pela primeira vez, assustou-se. Foi consolada pela tia: o motivo do sangramento era a morte de um bem-te-vi.

O casamento veio cedo. Segundo Dona Nanci, um fato comum. Assim como era comum não saber em que consiste o matrimônio. “Naquele tempo se casava sem saber nada”, diz ela. E assim, aos dezesseis anos casou com o primeiro namorado, o Maroca, seis anos mais velho que ela. Ele morava próximo, eram vizinhos. O namoro começou em um baile da Colônia Z-5. Um ano mais tarde, percorreram o Guaíba em um grupo de cinco barcos. O casal à frente, seguido pelos convidados. Celebraram o seu casamento no lago. Sem fotógrafo naquele dia encenaram o ritual mais tarde, para que o registro ficasse em imagens.

“O Maroca foi meu primeiro namorado, meu primeiro marido, meu primeiro tudo”.

Casada, a Nanci tornou-se dona de casa e pescadora. Ela e o Maroca tiveram três filhos. Duas meninas e um menino, que costumam acompanhá-los nas jornadas de pesca durante as férias escolares. É um outro tempo: não se deve mais atrapalhar os estudos das crianças. Na época, partiam em um barco pequeno, rebocado por uma lancha, e navegavam pelo Delta do Jacuí fazendo da prática da pesca uma diversão em família. Gostavam de ir até São Jerônimo e Taquari. Outros momentos felizes nas águas foram aqueles na “prainha” da Ilha, um local com faixa

de areia, onde o rio fica raso e oferece segurança para brincadeiras e descanso durante o verão – há muitas fotografias desses momentos.

Fotografia 14 – D. Nanci e S. Maroca durante pescaria



Fonte: acervo pessoal, 2013.

Esse passado se renova na narrativa e na alternância das gerações. Com os filhos crescidos, as brincadeiras na água ocorrem com netos e bisnetos.

No cotidiano dessas vidas à beira do lago, muitas coisas se repetem. As filhas, assim como ela, começaram a trabalhar muito jovens, entre os 14 e 15 anos. Nanci, que já havia criado os irmãos e os filhos, acabou também por ajudar na criação de netos e bisnetos - um dos netos, hoje adulto, ainda a chama de mãe.

Na época em que era criança, e mesmo na época em que tinha os filhos pequenos, ainda eram comuns as enchentes. Não tão grandes como a de 1941, aquela que até quem não viu recorda-se pelos relatos ouvidos. Essas outras enchentes, embora menores, eram suficientes para fazê-la andar com água na cintura e ter que tirar a família de casa.

As águas impregnam a memória dos ilhéus, nos bons e maus momentos. Na fluidez das reminiscências, elas são soberanas. As experiências vividas na Ilha agarram-se, também, a um habitar que se dá pela apropriação da paisagem e relação com a natureza.

No caso de Dona Nanci, o trabalho com escama começou com o curso ministrado na Colônia Z-5. A produção em escamas, assim como as bonequinhas de pano e as outras peças de artesanato que desenvolve, é distribuída entre a loja da Associação Art'Escama e a lojinha da Colônia. Dona Nanci é sócia de ambas. A lojinha da Z-5, inclusive, foi montada com um empréstimo que ela ajudou a pagar. Houve uma época em que trabalhou na cozinha da Colônia, mas um desentendimento com uma colega fez com que abandonasse o emprego. Eventualmente, aparece um trabalho específico para cozinhar na Colônia e ela aceita o serviço. Na época da Semana Santa ela faz, assim como muitas outras mulheres da Ilha, bolinhos de peixe para vender em feiras ou por encomenda.

A Dona Nanci considera que teve uma vida boa. Sobre o trabalho na Associação, na Colônia, nas feiras de economia solidária, na pesca com o marido, em casa com os afazeres domésticos e cuidados com os filhos dos filhos e filhos dos netos ela sorri e diz: “Não adianta, tem que trabalhar”!

Fotografia 15 – D. Nanci cuida da casa, dos netos e bisnetos, faz artesanato e também é pescadora



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

## 2.4 Dona Jóia

Maria Dolores é a vice-presidente da Art'Escama. Desde criança, é conhecida como Joia. Seus avós diziam ser ela a joia da família. O apelido acompanha até hoje essa senhora de rosto sereno e longos cabelos grisalhos, sempre bem presos junto a nuca, e que fala de modo suave e pausado. É uma mulher que não gosta de brigar, mas se confrontada, posiciona-se. A saúde delicada inspira cuidados para evitar os desdobramentos da diabetes. Os filhos são seis: quatro que saíram do ventre, o primeiro filho do Salomão (marido) e o menino que deixaram para que ela cuidasse. Cuidou de todos. E continua a fazê-lo até hoje: netos, bisnetos, marido, colegas de Associação.

Sua vida gira em torno da família, da pesca e do artesanato. Quando jovem, saía da Ilha para trabalhar “em casa de família” e realizar faxinas em Porto Alegre. Hoje, ela está mais restrita à Ilha. Mas continua a imaginar a cidade do outro lado do lago, dos fundos da sua casa.

Fotografia 16 – D. Jóia e S. Salomão, em casa, na varanda cujas paredes emolduram o Guaíba



Fonte: Acervo pessoal, 2013.



A família da mãe da Dona Jóia sempre morou na Ilha da Pintada, inclusive seu avô Miguel Pereira da Silva foi quem construiu, em madeira, a ponte que ligou a Pintada ao continente – hoje essa primeira construção não existe mais, foi substituída por uma ponte de concreto. Em suas memórias, ainda vem a época em que era muito difícil o acesso à cidade. Não havia ônibus. O percurso para sair da Ilha só podia ser feito com barco ou lancha.

Era muito difícil para as pessoas trabalhar. Era só de lancha não tinha ônibus. Tudo era difícil. Saía daqui de manhã e só conseguia voltar à tardinha. Então tu tinhas que te preparar, pegar a lancha de manhã, ir para lá e só depois, à tarde é tu poderias voltar. de tardezinha. Não como agora, que tu vais ali e já volta.

Era uma época bem diferente de agora, mas ainda há alguns resquícios daquela comunidade pequena onde todos se conheciam tanto pelos laços da proximidade, quanto pelos laços do parentesco.

Todo mundo conhecia todo mundo, a Ilha era pequeninha. E foi crescendo, crescendo, sem a gente nem pensar. Tem pessoas que tu não conheces aqui! E de primeiro, todo mundo conhecia todo mundo. Era todo mundo meio parente. Às vezes tu falas com alguém, por aí, como é que eu vou te dizer? Ah, aquele lá é meu primo, o outro é cunhado. Um não pode falar do outro.

Na infância, entre as brincadeiras de roda e com as cinco-marias, ela ajudava a família tecendo redes de pesca. Aquela menina que tecia redes desde os oito anos de idade cresceu, casou com um pescador e aprendeu a prática e os saberes da pesca: tornou-se também pescadora. Embora não tenha perdido até hoje o medo dessas águas que cercam Ilha e que por vezes ela chama de mar – como quanto rememora as enchentes, apontando para os lugares por onde a água, em outros tempos, entrava na sua casa.

Enchente era muita! Ali naquela peça de material, tinha uma porta para lá. A água entrava por lá e saía por aqui, era o mar. A gente tinha que sair com as crianças por aí. A gente ficava flagelado, na Igreja, no Colégio.

Fotografia 17 – D. Jóia, pescadora, confeccionando rede para pesca



Fonte: Acervo, Prefeitura/CAR-ILHAS.

Nas lembranças da pescadora, há um tempo em que os peixes eram abundantes. Um tempo no qual havia Dourado, Pintado e Jundiá... Um tempo em que se podia beber água direto do Guaíba. Também houve um tempo em que os filhos Luciano e Carmen Lúcia, a exemplo do pai, competiam no remo - o Seu Salomão foi notícia de jornal, em 1959, antes de conhecê-la, ao tirar o primeiro lugar em uma competição.

A Jóia apaixonou-se por Salomão. Casou-se com ele e, juntos, converteram-se ao evangelho da Igreja Assembleia de Deus. Hoje o marido além de pescador, é pastor e prega no templo da Ilha. Dona Jóia lembra que antes desta vida erigida sobre os ensinamentos da Igreja, ela teve uma vida bastante agitada: na juventude gostava de ir às festas, às matinés dançantes, aos bailes. Era bem requisitada na hora das danças, por vezes escondia-se no banheiro com a irmã para uma pausa e descanso.

De primeiro eu não era da Igreja, eu gostava de baile. Matiné dançante que era muito bom, aos domingos. Reunia-se aquela turma de gurias e rapazes e ia para o matiné dançante. Às vezes era no Paroquial e às vezes na Z-5. Lá no Paroquial tinha o padre Humberto. Ele era fora de série. Dançava junto, todo mundo adorava ele. Era muito bom, a gente se divertia sem nada de bebida alcoólica, sem drogas. Era muito bom. A mãe levava e ficava lá, sentadinha. A gente dançava bolero, tango.

Antes de casar com o Salomão, ela foi noiva de outro homem. Mas em meio aos bailes e danças surgiu o novo amor. Estão juntos há quarenta e seis anos. Os olhos, agora brilhantes, parecem ver a Jóia e o Salomão de outrora dançando juntos tangos e boleros.

Narrativa e imaginação – uma não vive sem a outra.

No artesanato, também é questão de imaginação. Não é só uma forma de geração de renda, mas um momento de criação. Apesar de gostar da costura, do crochê e de estar sempre pronta para aprender novas técnicas, é no trabalho com a escama que Dona Joia sente-se realizada. Apaixonada pelo que faz, com admira-se que ninguém na Ilha tenha visto, antes, o valor da escama.

Como é que nós nunca tínhamos visto isto antes? Era uma coisa que ia fora. De repente, apareceu. Nós limpamos o peixe aqui, ia tudo fora! Quando é uma escama bonita eu faço meus filhos guardarem para mim. Quando eles pegam uma carpa, estes dias pegaram uma carpa de vinte e oito quilos, pode guardar para mim.

Primeiro vieram as flores em escamas de peixe, tradicionais na cultura açoriana; depois, a bricolagem. A cunhada furou uma escama, passou um pedaço de fio, flexível, de telefone e colocou na orelha. Eis que surgia o brinco em escamas da Ilha da Pintada. Brincos que ela faz e mostra com gosto: as novas cores com que tingiu a escama, os recortes e a montagem em penas – em sintonia com a encomenda feita à Associação pelo representante de uma ONG francesa. Da técnica açoriana sobrou pouco. A apropriação e reinterpretação daquele modo de fazer permitem hoje voos de expressão criativa da Dona Jóia.

Fotografia 18 – D. Jóia na Art'Escama, antes da reunião (ao fundo D. Nanci)



Fonte: acervo pessoal, 2013.

## 2.5 Lisa

Lisa nasceu em Chaqueadas. Mora na Ilha da Pintada desde os dois anos. A família mudou-se para ali quando o pai, soldador, foi contratado pelo Estaleiro Mabilde. Ele chegou antes à Ilha para conseguir uma das casas disponibilizadas pelo Estaleiro aos seus funcionários. Não teve sucesso. A espera foi longa. A família acabou morando em uma guarita de vigia, nas dependências da empresa. Alguns meses depois, passaram à casa prometida.

Ela recorda as festas de final de ano do Estaleiro, quando os funcionários e os diretores levavam as famílias para confraternizar. No final, as crianças recebiam presentes. Naquele tempo em que as famílias da Ilha não tinham televisão – a primeira TV da família foi comprada quando ela tinha doze anos -, a diversão vinha dessas festas, dos bailes e dos encontros entre uma gaita e um violão, nos quais até o pai "arriscava no pandeiro".

As festas do Estaleiro: todo o ano eles faziam para os funcionários [...]. Vinha toda a diretoria do Estaleiro, com toda a família. Ficava todo mundo junto, comendo, distribuíam presentes para as crianças [...] um tocava gaita, outro tocava violão.

O pai da Lisa trabalhou a vida inteira em Estaleiro. Primeiro em Charqueadas, depois na Ilha. Era um homem alegre, que gostava dos finais de ano organizados no Mabilde. Gostava também dos carnavais da Ilha, com dois blocos que divertiam as crianças. Havia o desfile dos homens em roupas femininas - as saias godês, então na moda, e outras vestes e acessórios eram emprestados pelas esposas, irmãs ou namoradas aos foliões.

Tanto na infância quanto na adolescência, Lisa foi muito cuidada pelos pais. O pai, inclusive, impediu a menina de treze anos de continuar os estudos no centro da cidade. Considerava-a muito jovem para andar sozinha fora do próprio bairro e longe dos olhares da família. Lisa, embora gostasse de estudar, interrompeu a vida escolar – retomada anos depois.

Estudei no Mabilde até os treze anos. Aí, parei de estudar. Não tinha mais como estudar aqui. Meu pai achou que eu era muito nova e não deixou eu estudar no Centro. Depois teve um curso a noite no Mabilde e eu fiz. Sexta e sétima série. Com cinquenta (anos), eu fiz a oitava.

A vida seguiu entre as brincadeiras vigiadas na proximidade do lar, enquanto a mãe tomava o chimarrão e observava os filhos. Ou no rio, enquanto a mãe e as outras mulheres lavavam roupa e conversavam.

Outra época, outro rio. Não havia água encanada. As águas límpidas, nas quais uma Lisa criança via peixinhos, era uma dádiva essencial do rio para o cotidiano daquelas pessoas. Como a natureza têm seus ciclos, o rio das brincadeiras transformava-se no das enchentes, que colocam em suspenso a vida simples, mas tranquila da Ilha.

Tempos incertos também foram os de crise no Estaleiro. Quase não havia trabalho, mas os funcionários não faltavam ao serviço. Muito unidos, os homens dividiam o pouco dinheiro que entrava. A diretoria do Mabilde chegou a pagar seus funcionários com uma moeda própria, denominada “fichão” e trocada por mantimentos nos armazéns locais. Promessas e preces foram feitas, pelas mulheres, à Nossa Senhora dos Navegantes. Para ajudar os habitantes e a própria Ilha a reerguer-se, uma imagem da Santa foi comprada, com muita dificuldade, e colocada no Mabilde. Está lá até hoje, em uma pequena gruta, olhando pelos ilhéus.

Os funcionários trabalhavam certinho todos os dias, e repartiam todo o dinheiro que recebiam, igual entre eles. Eles eram muito unidos [...] Aí, fizeram uma cooperativa e pagavam os funcionários com o fichão, uma moeda feita de lata, que se trocava por comida. Mas tinha pouca coisa.

Fotografia 19 – A moeda do estaleiro Mabilde, vívida, ainda, nas memórias da Lisa



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

A voz da Lisa aos poucos vai sumindo na relação de entrevista. Lágrimas vêm a seus olhos. Um choro discreto se faz frente à reconstrução presente de um tempo há muito vivido. Nos quadros construídos pela imaginação, a mulher adulta contempla e reorganiza o passado. Emociona-se com a lembrança de uma professora. Essa mulher foi para a pequena Lisa um modelo de solidariedade nos tempos difíceis na Ilha: preocupada com as crianças, ela chegava mais cedo do que o seu trabalho exigia e preparava uma sopa para aquecer e alimentar os alunos. Além de preparar a merenda das crianças, ela arrecadava mantimentos, roupas e cobertores para distribuir às famílias de ilhéus e ensinava as mulheres a costurarem acolchoados. Quando estava na quinta-série, esta professora, muito religiosa, oportunizou a primeira comunhão da turma, conseguindo para os meninos e meninas as roupas brancas para que recebessem o sacramento. A Lisa tem um carinho especial por essa senhora e até hoje guarda seu nome na memória: Maria da Conceição.

Aos poucos as lembranças tristes dão lugar novamente às festas e bailes realizados na Colônia de Pescadores Z-5. Lisa os adorava. Os pais a permitiam participar acompanhada pela tia. O encanto das festas e bailes estava nas danças de salão, que se perderam com as músicas que traziam a possibilidade de “dançar sozinho”.

Eu gostava muito de baile. O primeiro baile eu fui com a minha tia, quando eu fiz quinze anos. No dia dos meus quinze anos foi a primeira vez que eu fui na Z-5.

Com dezenove anos a Lisa casou com o rapaz que ela conheceu um pouco antes de completar dezesseis anos. Com o marido, teve cinco filhos, apesar do conselho médico de parar na terceira gravidez. Os motivos: a forte hemorragia no parto da, então, última filha e a possibilidade que isto voltasse a acontecer com maior intensidade no futuro, aumentando o risco de morte para um próximo bebê e para ela, uma mulher jovem com três filhos ainda pequenos. Mas sem utilizar algum tipo de contracepção, depois de quatro anos, enquanto ainda amamentava a filha menor, a Lisa engravidou novamente. Para além dos riscos alertados, ela teve que torcer para não pegar a rubéola do marido e de uma das meninas. Apesar do receio e dos novos conselhos médicos, levou a gravidez adiante e teve a alegria de finalmente parir um filho homem. Ela que sempre fazia enxovais na cor azul e só via

nascer meninas concebeu o menino. Criança saudável, apesar dos prognósticos desfavoráveis.

Sempre muito tímida, com medo de tudo (característica que ela atribui à criação que recebeu da mãe) e com um marido ciumento, a Lisa tornou-se dona de casa com dedicação exclusiva para o lar. Uma vida resumida a cuidar dos filhos e da casa. Até hoje, ela não sabe explicar muito bem como conseguiu escapar dessa dedicação doméstica. Foi assim, por acaso, que ela chegou ao seu primeiro curso na AAAPIP.

Quando a minha filha mais moça tinha cinco anos, eu comecei a fazer os cursos lá na Associação [AAAPIP]. Com a irmã Marinice, fazia pintura. Aí, todo o curso que tinha, eu fazia. Por que antes, eu não saía de casa. O tempo todinho dentro de casa, desde a primeira filha, eu fiquei em casa até a última, cuidando deles. Não fazia nada, só em casa [...] Foi muito difícil eu começar a sair, eu nem sei como eu fui parar lá na Associação. Sei que eu comecei a fazer e não parei mais.

Depois desse curso ela começou a fazer outros e terminou por aprender a produzir flores de escamas. Esta é a sua técnica de artesanato predileta. Ela recorda que, ao final do curso em escamas, houve o lançamento das peças no Solar Palmeiro, no centro de Porto Alegre. Foram apresentadas bandejas e quadros com flores de escamas adornadas com fio de prata, bem ao estilo do artesanato açoriano. Eram pioneiras, o primeiro grupo que aprendeu a técnica no Rio Grande do Sul. Convidado pela EMATER o grupo passou a realizar oficinas pelo interior do Estado. Lisa, inclusive, que viajou com as companheiras para ensinar a técnica das flores de escamas em diferentes cidades do Estado.

Mas foi quando o marido ficou desempregado e a família mudou-se para o bairro Sarandi que Lisa descobriu o trabalho fora de casa. Neste período vivido em outro bairro, uma vizinha precisou de alguém para auxiliar no serviço doméstico e para levar os filhos à escola. Então, ela se ofereceu temporariamente para o trabalho e acabou contratada por quatro anos.

Aí, eu vi que eu podia fazer alguma coisa. Eu não precisava ficar só em casa [...] Meu serviço era limpar a casa, é o que eu aprendi e gosto de fazer. Aí, eu fazia para mim e também fazia para os outros. E eu faço até hoje.



Atualmente, a Lisa está separada do homem com quem viveu trinta e dois anos. Apesar do casamento não ter sido ruim, ela sente-se bem com a independência que aos poucos conquistou: tem a função de tesoureira na Associação Art'Escama; faz artesanato; continua participando dos cursos que aparecem, como o de inglês e o de pintura em tecido; e também trabalha com faxina e cuidando de outras casas além da sua. Com os filhos adultos, ela pode dar-se o luxo de não cozinhar - atividade que realizava, por obrigação, quando eles ainda eram pequenos.

A família é unida. Quando pode, se reencontra em torno de Lisa. Ela faz questão de auxiliar as filhas no cuidado com os netos, que são oito. Hoje, todas as filhas estão empregadas. O filho estuda Direito na PUC/RS e faz estágio. Todos tiveram a oportunidade de estudar. Isso não impede que os cinco filhos morem na Ilha. O rapaz, uma das filhas e três netos moram com ela, para que a mãe das crianças possa trabalhar em três empregos. Como diz a Lisa: "ela se vira, já que o pai (das crianças) é ausente".

Lisa confidenciou que se nossa entrevista fosse proposta há alguns anos, não aceitaria o convite. Ao final, ficou impressionada pela duração da sua narrativa. E com a força das imagens que rerepresentavam as suas experiências. Durante a narrativa, como num quebra-cabeças que ao ser remontado permite a melhor visualização dos encaixes, ela pode perceber essa mulher, que aos poucos e apesar dos medos, tornou-se capaz de mudar e escolher os caminhos da própria vida.

Fotografia 20 – Lisa costurando couro de peixe (coleção bichinhos do Delta)



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 21 – Atualmente, tesoureira da Associação, Lisa faz o controle das peças a serem levadas para as feiras (ao fundo, D. Tere)



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

## 2.6 Vera

Vera não é nativa da Ilha da Pintada. Sua infância e adolescência foram vividas entre os bairros Centro e Partenon. Nas suas memórias, as imagens daqueles tempos de menina não se constroem a partir de enchentes, barcos e pesca, mas pela lembrança dos passeios de bonde e da poluição urbana. Sua narrativa tem um quê de contraposição entre continente e ilha.

Ela estudou no Colégio Paula Soares, o antigo Pio XII, no centro de Porto Alegre. Completou os estudos no bairro Partenon, para onde a família mudou-se. Terminado o colégio, outra fase se impôs: ajudar no orçamento familiar. Assim, a garota foi trabalhar em uma grande rede de supermercados. Lá, conheceu o jovem Arildo, que a levaria para a Ilha da Pintada dez anos mais tarde. Naquele tempo, o Arildo tinha um barco. Era pescador. Convidou a Verinha para passear pelo rio. Um pretexto para o namoro, que começou ali. Logo depois, casaram. Vieram as duas filhas. Hoje, preparam-se para tornarem-se avós – mais uma parceria desses vinte e quatro anos de casados. Apesar de ter proporcionado bons momentos, o barco foi vendido por um pedido da Vera, que não sabe nadar, e nunca perdeu o medo das águas – ela reconhece, porém, que até hoje o Arildo sente saudades do barco. Assim como de acampar. "Ele sente falta", diz ela, "dessas coisas que fazem feliz um pescador".

O início da vida na Ilha causou-lhe estranhamento. Afinal, era um lugar onde quase todos possuíam algum tipo de parentesco ou conheciam-se bem. Essa proximidade endossava visitas constantes entre uns e outros. Era uma prática incomum para a Vera. Ainda hoje as visitas entre ilhéus são frequentes. Mas Vera prefere ficar na sua casa. Talvez isso seja um hábito de uma outra forma de viver o cotidiano.

Aqui, na Ilha, não sai ninguém. É gente que nasceu e se criou aqui. Então, é uma coisa de família, todo mundo se conhece. Só tem uma coisa que eu não sou muito adaptada. Isso de muito de estar na casa de um e de outro.

Outro estranhamento ao chegar à Ilha foi o ar puro e limpo, diferente do ar poluído do centro da cidade. Um ar que não suja as cortinas da casa com fuligem e que a faz recordar do tempo em que morou com os pais na Protásio Alves e na Fernando Machado, ruas movimentadas de Porto Alegre:

“A cortina branca a minha mãe tinha que lavar toda a semana. Aqui na Ilha não! Fica um mês, dois, três, seis meses sem precisar lavar a cortina. Mas tem que tirar o pó, porque aqui tem muito pó”.

Além disso, ela percebe que a relação dos habitantes com a fauna local é uma relação de respeito. Nunca viu uma criança jogar pedra ou tentar caçar passarinhos. E ainda é capaz de encantar-se com as constantes revoadas dos biguás, com os voos solitários das garças e com o que ainda é possível ver nas noites da Pintada. O processo de tornar-se uma habitante da Ilha, de apropriar-se do lugar e tornar o habitar uma expressão do ser, continua em curso.

Durante a noite vêm os bichinhos da noite, sabe? Vem vaga-lume, tem morcego por aí, coruja vem te ver. Outra coisa boa é passarinho. Tem ninho de passarinho aqui na janela dos fundos. E as garças voando por aí? Que coisa linda. [...] o povo da Ilha respeita os bichinhos.

As aves alimentadas pelos pescadores juntam-se a eles durante as pescarias. São fiéis companheiras daqueles ilhéus. Coisas que não se vê na cidade, mas que fazem parte do cotidiano da Ilha. Como o jacaré Junior, que desde filhote foi alimentado pelos vizinhos, principalmente por um proprietário de bar que lhe oferecia regularmente uma boa refeição. A Vera chegou a fotografar o animal, mas depois começou a ficar com medo: o Junior não parava de crescer. Na fase adulta, porém, o jacaré desapareceu no banhado. Um alívio para Vera, que começava a vê-lo como um risco aos habitantes.

Fotografia 22 – Garça descansa no telado da Colônia de Pescadores Z-5



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

A Ilha encanta. Certa vez, a filha mais nova retornava da escola com Vera e perguntou se já havia percebido como a Ilha é bonita. Na caminhada pela beira do rio, em meio à bruma do inverno, a menina extasiou-se com os sons dos pássaros, com o voo das garças e com a paisagem. Descobria a Ilha. Mais uma vez.

Fotografia 23 – Biguá



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 24 – Garça



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Na Ilha, Vera fez boas amizades - conheceu muitas delas na AAAPIP, nos cursos de artesanato. Particularmente, ela não gosta muito do trabalho em escamas. Mesmo assim, integra a Art'Escama desde a sua fundação. Considera a Associação como um local de união entre amigas.

Tem a AAAPIP, conheci a Lisa por ali [...] A gente formou um grupo, uma amizade que vem desde aquele tempo [...] A gente é uma família. Está unida até hoje [...] Gosto da união que existe entre o grupo, entre as gurias. Porque às vezes a gente se afasta um pouco (e diz: eu vou sair! Não quero mais saber!). Mas a gente sente falta da união, de estar junto. Então, a gente volta pela nossa amizade.

Depois de tanto tempo, Vera ainda recorda o ano em que Lisa comentou que haveria um curso. Com um professor “de fora<sup>17</sup>”, que ensinaria a técnica do artesanato em escamas. Era 1999 e ela não demonstrou interesse. Mas as amigas foram conversar com ela, pois faltava uma pessoa para completar as vinte vagas exigidas para a realização do curso. Aceitou o convite. Chegou até a ensinar a técnica em Rio Grande, Pelotas e São Borja. Mas o seu trabalho preferido envolve a costura, através da qual cria bonecas de pano e bichinhos – que ela considera ter mais saída que os trabalhos em escama. Faz bailarinas, bruxinhas, bonecas negras e os animaizinhos do Delta que ainda chamam a sua atenção ao habitar a Ilha: corujas, garças, tartarugas e peixes.

<sup>17</sup> O professor era o artista plástico Jones Cesar de Araújo, de Santa Catarina.

Fotografia 25 – Trabalho produzido pela Vera



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 26 – Trabalho produzido pela Vera



Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Fotografia 27 – No souvenir, produzido pela Vera, o pescador e a garça



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 28 – Garça em couro de peixe



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Embora alguns reforcem a necessidade de focar o trabalho na escama, ela discorda. Considera que também é preciso desenvolver produtos que tragam retorno financeiro e que possam ser levados para as feiras junto com os produtos em escamas. Afinal, são muitos anos de trabalho na Associação sem conseguir um retorno compensatório "só na escama".

Eu penso que a gente tem que focar naquilo que está vendendo. A gente é artesã. Afinal de contas, a gente tem filhos, tem casa para sustentar, tem família. Tem que vender aquilo que sai, levar para as feiras aquilo que sai. Por isso, faço minhas bonecas, minhas coisas: vende.

Mais recentemente, Vera optou por não trabalhar tanto com a escama. E embora prefira trabalhar com costura, nos momentos em que a Associação precisa produzir em maior quantidade, lá está ela recortando e lixando escamas e fazendo brincos e colares em couro de peixe. Mas sua vocação é outra: "suas bonecas, seus bichinhos do Delta, esta é a sua arte".

Além dos turnos na Art'Escama, Vera ministra cursos de artesanato para grupos de senhoras na terceira idade na AAPIP e no posto de saúde – neste, contratada pela FASC<sup>18</sup>. Também foi professora em cursos oferecidos por lojas de artesanato em Eldorado do Sul. Eventualmente, surgem mulheres interessadas em aulas particulares, que são realizadas na sua casa, onde também vende suas produções. Sempre há procura por algum produto, principalmente nas datas festivas como Dia das Mães, Páscoa e Natal.

Fotografia 29 – Vera fazendo o que gosta, costurando



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

---

<sup>18</sup> Fundação de Assistência Social e Cidadania.

### 3 PERCURSOS COTIDIANOS

As narrativas dessas mulheres que compuseram minha pesquisa de campo na Ilha da Pintada indicam as trilhas da memória e das experiências que se desdobram para além do Guaíba. Essas narrativas oferecem ao estranho, ao não-ilhéu, uma perspectiva imaginária e imaginada do que se passa cotidianamente na Ilha. Oferecem, sobretudo, a densidade de experiências humanas: Teresinha, Eni, Nanci, Joia, Vera e Lisa são mulheres de carne e osso, que vivem e sobrevivem através do artesanato e das redes de sociabilidade estabelecidas e mantidas ao longo dos anos. São mulheres de carne e osso, que testemunham a passagem das gerações e que envelhecem compartilhando seus fazeres, saberes e afetos.

A apresentação dessas narrativas de vida permite, sob um ponto de vista, desnaturalizar visões de mundo e representações que são atribuídas à condição de pobreza das pessoas que vivem e trabalham na Ilha da Pintada. Sob outro ponto de vista, porém, elas contribuem para indicar o quanto os ritmos do cotidiano são múltiplos e o quanto os tempos vividos se superpõem numa "dialética da duração" (ECKERT, 2000).

É sob esse duplo ponto de vista que apresento os meus percursos cotidianos na Ilha da Pintada. Meu objetivo é ampliar a densidade das experiências narradas e vividas na Ilha a partir de minhas relações de reciprocidade com as mulheres do grupo Art'Escama. Pela restituição escrita das minhas incursões de campo, espero indicar, mais uma vez, que as narrativas das mulheres da Associação não se tecem na interioridade de um eu monológico, encerrado em si mesmo e distante dos outros. Ao contrário: a elaboração memorial de cada uma das minhas interlocutoras é atravessada por relações - de poder, de interesses, de paixões, de afetos. Revelam, portanto, tensões, pactos e sociabilidades que se dão no cotidiano da Ilha.

Portanto, neste capítulo, compreendo a vida das mulheres que encontrei e com quem vivi na Ilha como um exercício de aproximação entre alteridades, de escuta do outro, de compartilhamento de mundos. Se as identidades narradas até aqui são possíveis e singulares, é por isto: através de suas vivências, de seus diferentes saberes e fazeres, e principalmente, de suas relações consigo mesmas e com os outros que as mulheres do Art'Escama se constroem como pessoas e como Associação de trabalho e geração de renda.

### 3.1 Primeiras viagens: da cidade à ilha, de técnica da UFRGS à pesquisadora

Pisei na Ilha da Pintada pela primeira vez em junho de 2012. Acompanhava um grupo formado por uma professora e alunos da UFRGS convidados para conhecer a Ilha e desenvolver um projeto extensão. Até então, só conhecia a Ilha das Flores, e pelas lentes do cineasta Jorge Furtado<sup>19</sup>. Sequer ouvira falar no bairro, chamado Arquipélago. O primeiro local visitado foi a Associação dos Pescadores, Artesãos e Amigos da Ilha da Pintada (AAAPIP). Depois, passamos pela Colônia Z-5 e pela lojinha anexa a ela. Minha função era fotografar o encontro na AAAPIP e o “tour” pela Ilha.

O contato inicial com as mulheres da Associação deu-se mais tarde, através do projeto de extensão Ilha da Pintada: mulheres, trabalho e memória. Nesse caso também, minha função era a de fotografar e de acompanhar uma professora, coordenadora do projeto, e alunos do Curso de Museologia da UFRGS.

As visitas exploratórias foram feitas através dos encontros dos integrantes do projeto com a comunidade. Elas permitiram que eu fosse conhecendo, aos poucos, o local e seus habitantes e, principalmente, que me tornasse um rosto conhecido pelas artesãs. Isso ajudou-me a tomar coragem e pedir permissão à Dona Teresinha para participar das reuniões da Associação nas quartas-feiras.

Comecei o contato sistemático através das reuniões de quarta. Em seguida, passei a frequentar a Associação sempre que houvesse necessidade de ajudar o grupo na produção do artesanato. Ou para fotografar, trabalho que me foi requerido com frequência. Posteriormente, passei a ir à Ilha nos três dias em que havia produção em grupo ou outras formas de reunião: segundas, quartas e quintas-feiras. Descobri que, nos demais dias, a Associação mantém apenas plantões de atendimento ao público comprador.

Essas “viagens” à Ilha tinham como início de percurso o Camelódromo, no centro de Porto Alegre. Para embarcar, há a opção dos ônibus 518-Ilha da Pintada e D18, que é linha direta para Ilha. Pelo número reduzido de paradas, o D18 sempre é o mais procurado.

---

<sup>19</sup>Ilha das Flores: curta-metragem com roteiro e direção de Jorge Furtado, 1989. Disponível em <http://www.casacinepoa.com.br/os-filmes/produ%C3%A7%C3%A3o/curtas/ilha-das-flores>.

A paisagem do Camelódromo contrasta com o da Ilha. Localizado entre a Rua Voluntários da Pátria e Avenida Júlio de Castilhos, junto à Praça Ruy Barbosa, no centro de Porto Alegre, é uma estrutura de concreto, com três andares. No primeiro piso encontra-se o terminal de ônibus, espaço aberto com pouca luminosidade, esteja o tempo chuvoso, nublado ou ensolarado; no segundo piso distribuem-se as lojas e no terceiro piso a praça de alimentação.

O usuário da linha 518 pode contar com o serviço informal dos “táxis para Ilha” (R\$ 3,00) e com a “venda” de passagens mais baratas (R\$ 2,00<sup>20</sup>), oferecida sempre pelo mesmo homem. Nesse último caso, o cartão eletrônico é passado na roleta por cada usuário e devolvido através da janela próxima ao cobrador do ônibus para reutilização. A trajetória até o destino final, às vezes, é interrompida pela elevação da ponte do Guaíba<sup>21</sup>. Enquanto passa o navio, criam-se momentos de expectativa e reflexão para pensar nas artesãs, na dinâmica da Associação, nos embates, nas alianças, nas rupturas e conciliações e na minha própria posição entre aquelas mulheres. Momentos de suspensão, angústia e indagações. Como agir frente às crises, como me posicionar? A minha presença seria um catalisador de discussões, um elemento para a desagregação do grupo, assim como outros elementos externos (consultores, docentes, alunos)? E se muitas vezes o percurso da “viagem” trazia angústia para uma recém-pesquisadora (sem vivência e prática na antropologia), trazia também a oportunidade do encontro repleto de narrativas, cujo único pré-requisito é o de colocar-se frente ao outro, dispondo-se a ouvi-lo e encontrá-lo nas suas narrativas.

No período em que realizei a pesquisa, entre o segundo semestre de 2012 e o segundo semestre de 2013, estive à frente da Associação Dona Teresinha, como presidente; Dona Jóia, como vice-presidente; Lisa e Joana, como tesoureiras; e Vera, como secretária. Apesar da Associação contar com pelo menos trinta associados, as pessoas mais presentes eram essas, do quadro diretivo, e mais Dona Nanci, Dona Eny, Dona Clélia, Salete (residente em Eldorado), irmã Marinice (da congregação do Imaculado Coração de Maria, residente em Porto Alegre), e eu, Helenice Christaldo (residente em Porto Alegre), convidada por Dona Teresinha a fazer a minha inscrição como associada. Terezinha dos Anjos, aluna do Curso de Moda da Ulbra e também residente em Porto Alegre, foi convidada como eu a

---

<sup>20</sup> A passagem de ônibus em Porto Alegre custa, atualmente, R\$ 2,80.

<sup>21</sup> Travessia Régis Bittencourt, inaugurada em 1958.

participar do grupo. Todas nós mais as associadas contribuimos mensalmente com R\$ 5,00. É o custo financeiro da associação.

Considero que minha inserção junto ao grupo foi lenta. Não quis invadir o espaço de trabalho e de integração das artesãs. Procurei tornar meu rosto conhecido antes de qualquer contato mais intenso. Acredito que o processo tenha sido menos irruptivo, porém não necessariamente menos invasivo, pois o estranhamento acontece de qualquer maneira: não era artesã de vocação, não conhecia o território, estava sempre com uma câmera nas mãos e, de tempos em tempos, fazia questões para uma pesquisa numa área “esquisita”. Cotidiano? Memória?<sup>22</sup>

Observei que, para me inserir no grupo, teria que contar com o consentimento da Dona Teresinha. Foi a ela que solicitei a autorização para participar das reuniões das quartas-feiras. A esta altura, a professora Dra. Ana Dalla Zen (Museologia/FABICO/UFRGS) já havia explicado o meu interesse em realizar uma pesquisa junto ao grupo. Esse aval foi de grande valor para a execução das visitas exploratórias. A partir daí, porém, desvinculei-me do projeto de extensão para trilhar meu próprio caminho.

### **3.2 Consolidando as relações: de fotógrafa à artesã**

A fim de me integrar, propus-me a ajudar no que fosse possível (dentro das minhas habilidades). Acabei me transformando na fotógrafa oficial da Associação. Aos poucos, a câmera foi saindo da frente do rosto para poder ajudar no trabalho, apesar da pouca habilidade para compor as bijuterias feitas com escamas e couro de peixe. Mas a fotografia sempre marcou a minha trajetória no grupo.

Como é da característica da gestão de Dona Teresinha, recebi outras atividades: cortar, lixar e furar a escama, colocar elos e ganchos na escama, recortar o couro, fotografar as peças e o que mais ela considerar importante. Se em algumas ocasiões o trabalho foi exaustivo (lançamento da coleção de bijuterias, encomenda

---

<sup>22</sup> Cheguei com o grupo de extensão da UFRGS, para fotografar as ações do grupo extensionista, mas pretendia realizar uma pesquisa que se vinculava ao Centro Universitário La Salle. (Ainda outro dia fui apresentada, pela D. Jóia, a uma moradora da Ilha, como integrante da Art'Escama e aluna da ULBRA).

de escamas ou de peças), satisfiz-me com a aceitação como membro efetivo do grupo.

Essa entrada é um sinônimo de aceitação. Mesmo com minha inaptidão e falta de jeito com o artesanato, as mulheres sempre me ajudaram a aperfeiçoar as técnicas. Isso foi vital, pois Dona Teresinha exige “qualidade total”: raramente estava satisfeita com o resultado das peças. Entre as que me receberam mais cedo, destaco Dona Eny que, com paciência, ensinou-me a técnica de trabalhar com a escama e mostrou-me a figura da Nossa Senhora Aparecida, que, de forma mágica, aparece em cada escama.

Fotografia 30 – Do vértice para a base, a imagem triangular é percebida como o manto da Santa



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 31 – A Santa



Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Ao largar a câmera e colocar a mão na massa, a reciprocidade com o grupo evoluiu. Compartilhávamos o trabalho, conversávamos sobre assuntos como casamento, celebridades, filhos, netos, lembranças da infância e da mocidade... O tempo vivido juntas, entre familiaridade e estranheza, nos tornou próximas. Descobri as hesitações e "rodeios" na comunicação, que lhes informava a meu respeito e vice-versa; as discussões, as indiretas, as ironias e as "alfinetadas" que constituem a ambiência do cotidiano de trabalho; a solidariedade, o bem-vindo café da tarde e as sociabilidades que desfaziam as tensões e conflitos.

Nesse momento mágico, aquele espaço distante da cidade, de casa e das necessidades de maridos, dos filhos e dos netos configura-se em um lugar de mulheres. Um lugar de trabalho, certo, mas de criação e transformação, onde as trocas de alegrias e insatisfações conferem valor a existências marcadas pela pobreza material e, de certa forma, pelo preconceito e a incompreensão.

É nesta perspectiva onde a Associação funciona como um território construído pelas mulheres que o frequentam que inscrevi minha pesquisa e meus tempos vividos na Ilha da Pintada. Ao consolidar meus papéis de fotógrafa e artesã, o que obtive não foi uma mera visão privilegiada sobre como um grupo envolvido por uma lógica de mercado ou de economia solidária gera trabalho e renda, mas uma participação efetiva na vida social de um grupo que se constrói em um tempo próprio, autônomo. Um tempo para si e para as outras. É nesse tempo que o lugar vira território, permitindo, para além da produção artesanal, instantes de criação, de fazeres e de dizeres - e, em muitos momentos, de silêncio e reflexão. É nesse tempo que vivi o cotidiano das mulheres do Art'Escama.

### **3.3 Uma luta cotidiana por melhores condições de trabalho e a negociação com organismos e instituições**

Na constante luta por melhores condições de vida e trabalho, as mulheres do grupo participam de cursos oferecidos por instituições governamentais e não-governamentais e buscam parcerias na perspectiva de ampliarem a rede de apoio ao trabalho desenvolvido que pouco a pouco vão tecendo. A Associação integra redes de economia solidária que oferecem um modelo de economia comprometido com a inclusão e transformação social como Comércio Justo e Solidário do Instituto

Marista de Solidariedade<sup>23</sup>, a UNISOL<sup>24</sup> e Rede Olhares do Sul<sup>25</sup> – através da qual a Associação Art'Escama recebeu a certificação de tecnologia social<sup>26</sup>.

A economia solidária reporta-se à economia da dívida fundamentada no vínculo social e nas ações de dar, receber e retribuir (CAILLÉ, 2002). Porém, numa perspectiva mais contemporânea e menos tradicional de solidariedade, outras iniciativas se impõem. A economia solidária reúne uma diversidade de formas de organização, que se afirmam como práticas democráticas onde “os grupos organizados desenvolvem uma dinâmica comunitária na elaboração das atividades econômicas, porém com vistas ao enfrentamento de problemas públicos mais gerais, que podem estar situados no âmbito da educação, cultura, meio ambiente etc.” (FILHO e LAVILLE, 2004, p.18). Nesse contexto, a economia solidária surge como uma opção e como um “processo contínuo de aprendizado” que subjaz a constituição de empreendimentos econômicos fundados em uma lógica de produção e de mercado oposta à lógica hegemônica (SINGER, 2009). Assim, o que acaba demarcado pelas organizações de economia solidária é o constante exercício da solidariedade, da cooperação e da igualdade, aliado à consecução de objetivos como qualidade do produto, qualidade das condições de trabalho, sustentabilidade, inclusão social e econômica – sem perder de vista a prática de um comércio justo e solidário, e a organização e participação política (SINGER, 2009, p. 12).

Quem se engaja na economia solidária trabalha e ganha a vida e ao mesmo tempo luta por uma sociedade mais justa, mais ecológica etc. Portanto, tem muito mais a aprender do que quem se amolda aos valores hegemônicos (que Gadotti aborda criticamente de forma brilhante) e adota práticas consagradas pelos costumes e pelo senso comum (SINGER, 2009, p. 14).

---

<sup>23</sup>O Instituto Marista de Solidariedade “é responsável direto pela execução do Projeto Nacional de Comercialização Solidária no Brasil, ação promovida pelo governo federal que tem como objetivo central construir um espaço de referência, de suporte, de integração e de fortalecimento para a comercialização em Economia Solidária no país”. Disponível em: <http://marista.edu.br/ims/programas-2/economia-solidaria/comercializacao-solidaria/>.

<sup>24</sup> “A UNISOL Brasil (Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários) é uma associação civil com fins não econômicos, de âmbito nacional, de natureza democrática, cujos fundamentos são o compromisso com a defesa dos reais interesses da classe trabalhadora, a melhoria das condições de vida e de trabalho das pessoas, a eficiência econômica e o engajamento no processo de transformação da sociedade brasileira com base nos valores da democracia e da justiça social”. Disponível em: <http://www.unisolbrasil.org.br/quem-somos/>.

<sup>25</sup> A Rede Olhares do Sul é “um grupo de empreendimentos da economia solidária, que busca de forma coletiva um mundo mais justo, com mais oportunidades para todos”. <http://redeolharesdosul.blogspot.com.br/>.

<sup>26</sup> A Tecnologia Social opõe-se à Tecnologia Convencional, pois é um processo voltado para o desenvolvimento social e a inclusão que contempla “produtos, técnicas e/ou metodologias replicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representam efetivas soluções de transformação social” ([www.rts.org.br](http://www.rts.org.br)).

Praticar a economia solidária requer um posicionamento, um novo olhar sobre o mundo e sobre as pessoas. Como diz Gadotti (2009, p.48), a economia solidária é “mais do que um modo de produção, é um modo de vida”.

O espírito da economia solidária é cooperar, viver melhor juntos. Ela nos obriga a ver as pessoas sob outro olhar. Todos pensam juntos. Todos decidem juntos. Os ganhos não são só materiais. São também não materiais. O espírito da economia solidária é empoderar as pessoas pela dissolução do poder nelas, em todos e todas. Por isso, a educação é essencial para o avanço da economia solidária. Empoderar não é “ter mais” poder individual, mas reinventar o poder, conquistar mais autonomia, “ser mais”, como dizia Paulo Freire. (GADOTTI, 2009, p.48).

O empreendimento solidário traz em si uma “cultura de decisão coletiva” (GADOTTI, 2009, p.32). Nesse sentido, ele é emancipatório, posto que preconiza a autogestão, promove o amplo debate e a participação igualitária com vistas à organização, ação política e autonomia dos sujeitos. Essa cultura forjada na decisão coletiva, por não se caracterizar como prática comum, só pode ser incorporada através da constante experimentação e das ações educativas.

[...] o que define a autogestão são as relações sociais democráticas, coletivistas e igualitárias, que fazem da produção associada mais do que uma organização econômica, na medida em que se configura em um espaço privilegiado para a experimentação social e a realização de ações pedagógicas no campo político e cultural (XAVIER, apud GADOTTI, 2009, p. 33).

As artesãs da Art'Escama tentam levar o seu empreendimento nessa perspectiva de pensar e fazer econômico solidário. Apesar de já contarem com uma rede de parcerias, ainda estão aprendendo a organizar-se e posicionarem-se dentro de uma lógica não assistencialista, que pressupõe a participação de todos os seus membros nos processos decisórios. Entre uma série de modelos pelos quais o empreendimento coletivo e solidário poderia ser constituído, elas decidiram organizar-se como associação<sup>27</sup>.

Esse processo, cujo ápice foi a constituição da Art'Escama, vem sendo construído há muito tempo - começou com a participação das mulheres em cursos oferecidos à comunidade, para qualificação e alternativa de renda, e seguiu na

---

<sup>27</sup> De acordo com o Código Civil, em seu artigo 53, as associações são pessoas jurídicas constituídas pela união de pessoas que se organizam para fins não econômicos. Não há, entre os associados, direitos e obrigações recíprocos, mas sim entre os associados e a associação. [http://www.sebrae.com.br/uf/amapa/abra-seu-negocio/como-abrir-umaassociacao/cartilha\\_associacao\\_geral.pdf](http://www.sebrae.com.br/uf/amapa/abra-seu-negocio/como-abrir-umaassociacao/cartilha_associacao_geral.pdf).

atuação coletiva e busca por um espaço de trabalho, até o surgimento da Associação e sua consolidação através de estatuto e CNPJ. O processo continua no exercício cotidiano de manter-se num mercado nem sempre justo ou solidário, no aprendizado da autogestão, nas práticas da cooperação, da solidariedade, da sustentabilidade e da auto-organização. Este esforço coletivo de associar-se é

[...] uma tradução em atos do princípio de solidariedade que se expressa pela referência a um bem comum, valorizando pertencas herdadas, no caso da solidariedade tradicional, ou pertencas construídas, no caso da solidariedade moderna filantrópica ou democrática [...] Em sentido genérico, incluindo tanto as formas jurídicas associativas, como as cooperativas e mutualistas, a associação pode ser abordada sociologicamente como um espaço que opera a passagem, graças a um encontro interpessoal, entre redes de socialidades primária e secundária, entre esferas privada e pública (CHANIAL e LAVILLE, 2009, p. 20).

Os percursos da Associação Art'Escama avança pela cooperação entre as integrantes e pelo contínuo aprendizado da superação individual e ação coletiva. As mulheres que conheci demonstram uma capacidade de construção de espaços de participação econômica, cultural e política no empreendimento que tentam gerir. É por essa mote que, hoje, elas dispõem de uma loja e de um atelier, além de encontrar parcerias com instituições de ensino, instituições financeiras, instituições governamentais e fóruns de economia solidária.

### **3.4 A emergência e instituição do Economuseu, seguido de outros projetos culturais**

Os movimentos de auto-organização e de estabelecimento de parcerias com instituições realizadas pelas mulheres do Art'Escama se desdobram em diversos resultados efetivos ao longo de minha pesquisa de campo na Ilha da Pintada. Entre eles, destaco a emergência e instituição de um Economuseu<sup>28</sup>, pensado e implantando como um complexo que integra o atelier de trabalho, com vistas à produção artesanal e à realização de cursos, e a loja, que serve tanto para a

---

<sup>28</sup>Concepção de museu idealizada no Canadá, por Ciril Simmard, capaz de articular economia e museologia, com finalidade e resgatar tradições artesanais e promover a inclusão social. É um espaço de preservação, documentação e comercialização da produção artesanal e artística de uma região.

comercialização das produções das mulheres e quanto como local de exposições temáticas sobre a cultura local.

O Economuseu foi construído com recursos destinados pela Fundação Banco do Brasil. Encontra-se em local cedido pelo CTG local, em regime de comodato. O projeto que o tornou possível foi elaborado pelo grupo de artesãs com o apoio técnico do curso de Museologia da UFRGS, contando com visitas de reconhecimento, reuniões com a comunidade, reuniões para coleta de narrativas e documentos e decisão coletiva quanto ao tipo de museu a ser criado e sua implantação em caráter experimental.

Na Ilha da Pintada, a implantação de um economuseu responde ao interesse da UFRGS e dos grupos locais em articular ecologia, patrimônio cultural local e geração de renda, numa perspectiva de fortalecimento da identidade e do desenvolvimento cultural, social e sustentável da comunidade.

Os economuseus combinam economia e cultura e representam uma associação entre a museologia e a empresa-artesanal. O auto-financiamento é um elemento chave no seu funcionamento, sem deixar de lado a sua rentabilidade social e cultural (PÉREZ, 2009, p. 198).

O Economuseu da Ilha da Pintada foi inaugurado no dia 09 de dezembro de 2012 com a exposição *O Imaginário da Ilha da Pintada: bruxas, lobisomens, crendices e casos*, criada por alunos do Curso de Museologia da UFRGS. Na mesma oportunidade, o CTG Madrugada Campeira foi reinaugurado e lançou-se o Plano de Desenvolvimento Sustentável para o bairro Arquipélago, dirigido pela Prefeitura de Porto Alegre. Nesse festival de eventos, autoridades e membros da comunidade reuniram-se no CTG em um momento de confraternização e de expectativas de geração de renda para a comunidade e de melhorias, visibilidade e desenvolvimento para o bairro.

A exposição sobre os costumes e crenças dos habitantes da Ilha foi idealizada de forma a estimular a sua apropriação pela comunidade, para que então numa construção coletiva surja o Museu de Percurso da Ilha. O tema da exposição foi abordado em painéis que facilitaram a sua circulação. A comunidade foi estimulada a manifestar-se com alterações ou acréscimos de temas ou imagens.

Depois de sair do CTG e passar pelas escolas da Ilha, os painéis chegaram ao Instituto Cultural Português, onde o público presente na nova abertura da

exposição sobre *O Imaginário da Ilha da Pintada: bruxas, lobisomens, crendices e casos* foi recepcionado com caldo-verde, pães (pão-por-deus e pão açoriano), ambrosia e arroz de leite, bem como com pés-de-moleque e canjica, iguarias da culinária açoriana e afro-brasileira (o evento também serviu para prestar homenagem à presença negra na Ilha da Pintada). Naquela oportunidade, Dona Teresinha aproveitou para expor alguns produtos da Associação. Esse lançamento da exposição no Instituto Cultural Português não contou com a presença das outras mulheres do grupo, o horário noturno foi o empecilho, tanto pelo deslocamento truncado entre os bairros Arquipélago e Azenha, quanto pela necessidade de estar em casa com a família.

Outro exemplo de como as mulheres do Art'Escama conseguem se articular com instituições e organizações é do Concurso Brasil Criativo<sup>29</sup>. Voltado para artesãos e designers em busca de uma maior visibilidade dos seus produtos no período da Copa do Mundo, o concurso apresentou-se como uma oportunidade para as mulheres divulgarem seu artesanato. Elas participaram das reuniões na AJORSUL,<sup>30</sup> voltadas ao Concurso, e depois puseram-se a pesquisar e colocar suas ideias em movimento. Quem tinha mais habilidade de desenho se dispôs a passar as suas concepções e as das companheiras para o papel. Esse foi também o meu caso. Particpei com um desenho junto com tantos outros das companheiras de Associação.

Para o concurso, todos os desenhos passaram pelo crivo de uma designer profissional que nos acompanhava na época. Porém, essa designer acabou abrindo um negócio próprio de confecção e acessórios com outra associada da Art'Escama, o que acarretou um certo conflito de interesses e pouca disponibilidade de tempo para a Associação. A fim de finalizar o processo, contamos com uma bolsista do Curso de Design da UFRGS. O meu produto (um anel) foi selecionado, mas quando descobri que tal seleção implicaria em um desdobramento de ações para as quais não tinha tempo e para as quais o valor previsto para auxiliar nos gastos não seria efetuado, desisti da empreitada – o que deixou a D. Tere um tanto frustrada.

Não foi a primeira vez que escutei uma das mulheres falar sobre a importância da palavra empenhada. Apesar do esforço de Dona Teresinha em

---

<sup>29</sup> Etapa de projeto idealizado pelo IBGM<sup>29</sup> e SEBRAE para estimular a cadeia produtiva de joias, gemas e bijuterias. <http://www.projetobrasilcriativo.com/#!brasilcriativo/ch6q>.

<sup>30</sup> Associação do Comércio de Joias, Relógios e Óptica do Rio Grande do Sul.

convencer-me da importância de continuar em tal projeto, o vislumbre de tudo o que teria que enfrentar - correr atrás da confecção do protótipo, da indústria para a produção em larga escala, e, financiar tudo com recursos próprios – fez-me desistir da participação. As outras selecionadas (Dona. Teresinha, Vera, Joana e Terezinha dos Anjos) continuam participando do projeto Brasil Criativo.

As ações não terminaram por aí. O projeto de extensão entre o Curso de Museologia/UFRGS e a Associação Art'Escama, com o redirecionamento priorizando o foco na produção do artesanato em escamas de peixe como geração de renda para o grupo de mulheres associadas, passou pelo crivo do Prêmio Santander Universidade Solidária 2013<sup>31</sup>. Foi um dos oito vencedores selecionados em nível nacional.

Com a premiação, abriram-se novas perspectivas e novos sonhos para o grupo. O projeto prevê a qualificação do produto, a capacitação das artesãs, a mobilização para que mais mulheres participem dos trabalhos na Associação, aquisição de peças e equipamentos para a produção do artesanato. Além disso, o produto deverá ser pensado em ações que vão do seu desenvolvimento até a sua colocação e comercialização no mercado.

Após o resultado da premiação, seguiram duas fases: na primeira, duas auditoras vieram à Porto Alegre para entrar em contato direto com a Universidade e a Comunidade. Houve um encontro das auditoras com o Reitor, a Pró-Reitora de Extensão, a Diretora da Faculdade, a professora coordenadora do projeto, a presidente da associação Art'Escama (Dona Teresinha) e uma das associadas (Vera). O outro encontro foi com as mulheres da Associação, quando o grupo, o espaço físico e a produção foram apresentados e a presidente colocou-se à disposição para o esclarecimento de dúvidas. Em meio à premiação, acontecia na UFRGS uma Mostra de Extensão, na qual a Art'Escama exibiu e comercializou (com

---

<sup>31</sup>Integra o prêmio Santander Universidades, uma parceria entre o Banco Santander e a Universidade Solidária/UniSol, organização criada pela antropóloga Ruth Cardoso. Esse Prêmio busca fortalecer as relações entre comunidade e universidade, a partir de projetos de extensão que propiciem o empoderamento e autonomia das comunidades locais, a partir da geração de renda e atuação sustentável. Os projetos devem ser concebidos para implementação em um período de no máximo dois anos. Este prêmio disponibiliza o valor de R\$ 50.000,00 reais para o primeiro ano do projeto, e uma vez avaliadas as ações implementadas, a consecução dos objetivos iniciais e a aplicação dos recursos, o prêmio possibilita a disponibilização de igual valor para o segundo ano, contando que ao final do projeto a comunidade esteja apta para seguir em frente de forma autônoma, com domínio sobre o negócio que desenvolve. Mais informações em: <http://sustentabilidade.santander.com.br/quefazemos/investimentosocialecultural/Paginas/concoursouniversidadesolidaria.aspx>.

sucesso) seus produtos. As representantes do Santander/UniSol, que visitaram a Mostra, foram presenteadas com algumas peças feitas em escamas.

Na segunda fase da premiação, os representantes do Santander/UniSol, os professores coordenadores dos oito projetos vencedores, bem como os alunos e os integrantes das comunidades beneficiadas participaram de um encontro de discussão das metas e planos de ação para a consecução dos objetivos previstos.

Nos bastidores, pude observar a mobilização do grupo nas duas fases. Na primeira, a preocupação do grupo com a visita das auditoras ao espaço da Associação, na Ilha da Pintada, repercutiu na organização e limpeza do local até oferecimento de café e água para a distinta visita. Foram separados os melhores copos e escolhidas, na residência de uma delas, xícaras mais apresentáveis que as canecas que costumamos utilizar – e, no entanto, as auditoras declinaram do cafezinho oferecido. Depois, minha atenção voltou-se para uma Associação lotada de mulheres – resultado da divulgação do prêmio, pela D. Teresinha. Algumas delas, apesar de associadas, eu nunca tinha visto naquele espaço de trabalho. Mas foram prestigiar o evento e demonstrar o interesse e mobilização da comunidade.

Em relação ao encontro realizado na Reitoria, vi chegar uma Dona Teresinha investida do cargo de presidente da Art'Escama: maquiada, cabelo arrumado, roupa alinhada e andar seguro sobre saltos altos. Aparentemente tranquila, denunciou ansiedade ao ligar para a coordenadora do projeto uma infinidade de vezes. Foi com pontualidade britânica que Dona Teresinha, Vera e eu nos dirigimos ao Gabinete do Reitor, onde fomos encaminhadas a um Salão Nobre para que esperássemos os demais participantes. Nesse ínterim, uma de minhas companheiras comentou a imponência da decoração da sala e se mostrou insegura. Considerou que, talvez, não estivesse adequadamente vestida para o evento. Quando as autoridades chegaram - Vice-Reitor, Pró-Reitora de Extensão, coordenadora do projeto e auditoras - Vera se fez representante do grupo de artesãs. Falou com propriedade sobre o trabalho desenvolvido na Associação, superou sua insegurança inicial e apropriou-se daquele momento de vitória pessoal.

Na segunda fase da premiação, os encontros foram realizados nas dependências da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/FABICO/UFRGS, com a participação de todos os vencedores do concurso. Desta vez, participou como representante da comunidade, Lisa. Dona Teresinha compareceu no primeiro dia, para apresentar junto com a coordenadora e a representante dos alunos o projeto



elaborado. Apesar da timidez, Lisa participou dos dois dias de trabalhos. No primeiro, apresentou o projeto, usando como apoio um pedaço de papel com tópicos importantes. No momento da discussão entre os membros da comunidade e os representantes do Santander/Universidade Solidária, ela me convidou a participar para apoiá-la e ajudá-la caso fosse necessário. Porém, acabei sendo encaminhada para uma outra discussão, realizada entre o grupo dos discentes, na qualidade de aluna voluntária (mestranda do Centro Universitário La Salle).

Essa oportunidade de integração entre as diferentes comunidades e sem a presença de professores, técnicos ou alunos, me pareceu bem oportuna para que os participantes ficassem à vontade para expressarem suas expectativas e também exercitarem suas capacidades de articulação e organização a partir de seus quadros interpretativos e de mobilização. As experiências foram trocadas entre comunidades do Paraná, Rio Grande do Norte, Bahia (dois projetos), Pará, Mato Grosso e Rio Grande do Sul com empreendimentos voltados ao extrativismo do cacau (achocolatado orgânico), cultivo da mandioca (chips orgânico), cultivo do caju (suco orgânico), cultivo de cogumelos, reciclagem (artesanato em vidro e reciclagem de óleo), cadeia do peixe (artesanato em escamas de peixe) e agricultura orgânica, ficando claro que todos os projetos têm pontos fortes e fracos e que por todo o país diferentes pessoas tentam a inclusão social e econômica através de empreendimentos sustentáveis.

### **3.5 Distinções, disputas e quiproquós: um diário como lugar de memória e como fonte de pacificação**

Na inter-relação com as artesãs no seu espaço de trabalho, pude perceber distinções que desempenham papel relevante na dinâmica da Associação, uma vez que tais distinções promovem conflitos à medida que são reconhecidas pelas mulheres. O conhecimento certificado pelas instituições de ensino, pelos prêmios e pelas cerimônias é reconhecido pelas habilidades que propicia e também pela sua oposição a um saber popular, construído no fazer e pensar a realidade cotidiana.

A referência à desigualdade gestada pelo título certificado vem tanto de quem o possui, quanto daquelas que não tiveram a oportunidade de obtê-lo. Em diferentes momentos, mas sempre associada aos conflitos que gera, essa distinção demonstrou que, embora haja um objetivo comum de inclusão econômica, razão da

existência da Associação, nascida como empreendimento solidário, a distinção entre um pensar e um fazer torna-se evidente e aponta a divisão social do trabalho.

A própria escolha para a ocupação da presidência da Art'Escama se deu fundamentada pela importância das habilidades adquiridas nas experiências propiciadas pelos espaços que institucionalizam e certificam tais habilidades. A escolha de Dona Teresinha se deu por que se trata de "alguém que saiba fazer projetos", ou seja, que conheça os caminhos para obter parcerias e participar de redes apoio. No caso dela, esse conhecimento atribuído recai sobre seu título universitário, sua experiência e sua habilidade de alcançar, com maior eficácia, auxílio junto aos órgãos de fomento para a manutenção e desenvolvimento da Associação.

Mas Dona Teresinha insiste em declinar a sua condição de presidente nas relações cotidianas. Como vimos no capítulo anterior, ela busca ser substituída por alguma de suas colegas; diz ter outros planos para o seu futuro. Mas a crença que a leva a declinar a ocupação do cargo não contribui para que nenhuma outra se coloque à disposição para ocupá-lo? Não seria justamente o fato de deter um capital cultural (nível universitário, experiência em projetos) que a permite tanto se afirmar como presidente e recuperar prestígio de suas hesitações frente ao futuro? Desta forma, a crença, cujo poder é simbólico, estabelece sentido ao mesmo tempo em que permite e legitima a construção de um mundo socialmente hierarquizado – pelo reconhecimento da distinção e pelo valor a ela atribuído.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo; poder quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos "sistemas simbólicos" em forma de uma "illocutionary force", mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, que dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença (BOURDIEU, 2005, p.14).

Quantos conflitos gerados pela hierarquização fundada no capital escolar de Teresinha não se impõem, finalmente, como uma fonte de reconhecimento simbólico? Isso me faz pensar no espaço da Associação como lócus de reprodução de dominação e de luta por capitais escassos (econômico, cultural, social) em um universo (auto)declarado como solidário - isto é, regido pelo desinteresse. Como

afirmar-se como empreendimento que participa da lógica e da rede de economia solidária quando se supõe uma participação igualitária que, na prática, é difícil de ser vivida como tal?

Por outro lado, esse aparato sociológico e socializante não me serviu para dar conta de outros tipos de conflitos, de outras formas de reprodução ou descontinuação social. Nem sempre o que estava em jogo era o prestígio de uma liderança. Nem sempre o que estava em risco era uma posição de comando. Ao contrário: na maioria das vezes, as confusões se davam nos detalhes. Quase nas entrelinhas.

Muitos foram esses momentos de uma certa confusão, um certo ruído na comunicação. Disputavam-se os temas de uma conversa da semana passada, uma decisão tomada, uma ação realizada. O que me pareceu mais significativo: houve situações em que um ato partia de uma e era creditado à outra. Às vezes em situações irrelevantes; em outras, eram ações mais sérias, cuja culpa ou mérito acabava sendo desviada para outrem. Com os quiprocós, ou mesmo pelo esquecimento de uma situação que se refletia num espaço de tempo bastante distante do evento vivenciado, algumas das mulheres sequer tinham como provar o que "realmente" havia acontecido, a quem "realmente" imputava-se a culpa ou o mérito.

Da minha parte, eu que estava na Associação com o objetivo de conhecer um pouco do cotidiano e práticas das artesãs. Portanto, costumava prestar bastante atenção para mais tarde tomar nota das minhas observações. Acabava por lembrar o quê havia sido dito e por quem. Também tinha notas do que havia acontecido. E se os traços escritos servissem de apoio para a pacificação dos conflitos e para adequada avaliação dos autores de uma ação inovadora ou de uma prática disruptiva?

Em uma tarde, em meio a uma conversa com as mulheres, surgiu o assunto sobre eventos que gerados por uma concepção individual foram atribuídos ao grupo, ou atribuídos a outra pessoa. Na busca de uma solução, pensamos num diário. Algo simples, sem maiores rigores na linguagem e na narrativa, mas que contemplasse todos os atos importantes realizados na Associação em um dia de trabalho. No diário seria descrita de forma sucinta as atividades realizadas e quando surgissem, deveriam ser anotadas as decisões e resoluções tomadas naquele dia, e quem aprovou as medidas tomadas. Assim, as detestadas atas continuariam apenas para

os dias de assembleias e reuniões formais. Já o livro diário poderia se configurar como um instrumento fácil para acessar informações sobre o trabalho desenvolvido ou atuações cotidianas.

O livro diário impôs-se finalmente. De início, com mais entusiasmo. Depois, com menos intensidade. Mas serviu como a materialização das interações e pequenas disputas. Na interação dialógica com as artesãs, construiu-se um lugar de memória que deu bases para novas relações de confiança. O cotidiano, até então tensionado pelos quiproquós e boatos, passou a ser escrito, lido e relido em diferentes situações. Os conflitos ganharam uma forma mais sóbria. As atribuições de mérito ou culpa, maior precisão. E tudo isso foi possível a partir da acumulação desse capital cultural tão elementar: o conhecimento sobre si e sobre os outros.

### **3.6 A Consultoria e a recusa da economia de mercado**

Se o conhecimento mútuo contribuiu para consolidar o grupo de artesãs, o mesmo não pode ser dito do conhecimento formal que vem de fora, isto é, quando alguns consultores buscam profissionalizar a economia solidária - e, de certa forma, traduzi-la em termos de economia de mercado. Essa conclusão eu cheguei quando, no início de 2013, encontrei na Associação, dois consultores. Um vinculado à organização parceira do grupo e o outro convidado, por sua especialidade em alavancar pequenos negócios. Lembro-me desse dia: eles solicitavam que as artesãs controlassem a produção, especificassem seus custos fixos e variáveis, e descobrissem quantas unidades são necessárias para perfazer 1kg de escamas matéria-prima, respeitando os diferentes tamanhos desta matéria-prima. Ou seja, separando-as nas diferentes dimensões em que se apresentam: pequena, média e grande. Segundo os consultores, as artesãs teriam que aprender a agregar preço ao produto - levando em consideração os custos, o trabalho/tempo empreendido tanto na preparação da escama (lavagem, secagem, tingimento, recorte, perfuração), quanto na execução das peças (flores, bijuterias, chaveiros, etc.).

No caso do diário que construímos juntas, o conhecimento acumulado era reflexo das práticas cotidianas e do sentido que as associadas dão para seu trabalho e suas vidas. Para esses consultores, a escrita desses dados contábeis e administrativos era uma indicação de que o grupo não se pensava corretamente; de que era preciso começar a se pensar como empresa.

Assim, a tarde seguiu em círculos, que ressaltavam a importância de atingir o lucro, de dominar a precificação e de entender a logística da venda. Aos olhos dos consultores, o produto das artesãs estava muito barato e não contemplava os custos e nem o trabalho e tempo dispendidos à sua produção.

Depois da saída dos consultores a reunião foi pontuada por enfrentamentos e tensões cujos motivos foram o uso da furadeira elétrica e o tingimento com anilina ou chás - um desses exemplos de como os conflitos parecem emergir de situações banais. As peças citadas eram vetadas, posto que não estavam de acordo com o "controle de qualidade" e com o preço de alguns produtos.

No final das contas, os ânimos se acalmaram. O grupo passou à discussão sobre como fazer a contagem e pesagem das escamas - uma das exigências dos consultores a fim de calcular o custo de fabricação de cada peça. As mulheres optaram por fazer um mutirão, dado o curto espaço de tempo em que os consultores retornariam à Associação para receber a informação solicitada. Ao final do trabalho, ficou-se com a impressão de que não era possível precificar cada escama. Mas o trabalho foi feito.

Outro "problema" diagnosticado pelos consultores, naquele início de 2013, foi o não comparecimento diário das "trabalhadoras" na Associação. Pouco importava se elas realizam plantões para o atendimento na lojinha, se quarta-feira é o dia da semana das reuniões ou a dupla jornada representada pelos cuidados com a família, com as tarefas domésticas ou com algum outro trabalho. O trabalho sistemático é, segundo os consultores, o caminho para uma perspectiva de produção voltada ao lucro e à saída da pobreza.

Bem entendido, tais consultores não se aprofundaram na dinâmica do grupo. Não puderam perceber, portanto, o quanto as "ausências" no trabalho não implicam em falta de comprometimento com as demais integrantes do grupo ou com a Associação. O artesanato é, para elas, uma oportunidade de encontro antes de tudo. Depois, uma chance para um rendimento extra. Ou seja: para as artesãs, a produção funda-se numa perspectiva que passa pelo lúdico da criação e pelas relações de afeto e solidariedade que elas têm uma em relação às outras - e não pela perspectiva exclusiva de "ganhar a vida".

O tempo da produção pensado por esses consultores entra, portanto, em confronto com o tempo lúdico pensado pelas artesãs (e também com as noções de Economia Solidária). Mesmo assim, o discurso deles obteve força e credibilidade

graças à sua *expertise* e à demonstração de experiência acumulada apresentada por exemplos de sucesso com outras associações e pequenos negócios.

Essa crença nos consultores me fez lembrar Giddens (1991) com seus sistemas de peritos, ou seja, de “excelência técnica ou competência profissional” (p. 35), que influenciam e imbricam-se à vida cotidiana, fornecendo garantias futuras baseadas em “um tipo específico de crença” (p. 40) que é a confiança. Entretanto a confiança não implica, necessariamente, em uma dependência passiva ou em um compromisso do leigo com o perito que não possa ser quebrado. No final das contas, as mulheres da Art’Escama seguiram com suas opções de vida e de trabalho e deixaram em segundo plano a passagem para uma economia de mercado. Venceu o tempo lúdico e a solidariedade entre o grupo.

### **3.7 A grife Art’Escama: da consolidação da marca ao desfile**

Expressão de uma cultura insular, o artesanato açoriano em escamas de peixe é reinterpretado na Ilha da Pintada com o objetivo de valorizar a identidade do ilhéu e movimentar a economia local. E é na representação construída a partir da referência em uma origem açoriana que o empreendimento Art’Escama ganha força como expressão da cultura da Ilha, articulado a questões atuais como a sustentabilidade e a inclusão. Assim a grife - do colonizador para a colônia e dela para o mundo: a Art’Escama é uma grife que cruzou o Delta do Jacuí e aportou em Nantes, levada pelo francês Rémy e em Macau, levada pela atual presidente da Associação, como atestam o blog L’association Taua (“Artisanat en écailles de poisson. Distribué par Taua”) <sup>32</sup> e a reportagem do Jornal Correio do Povo <sup>33</sup>.

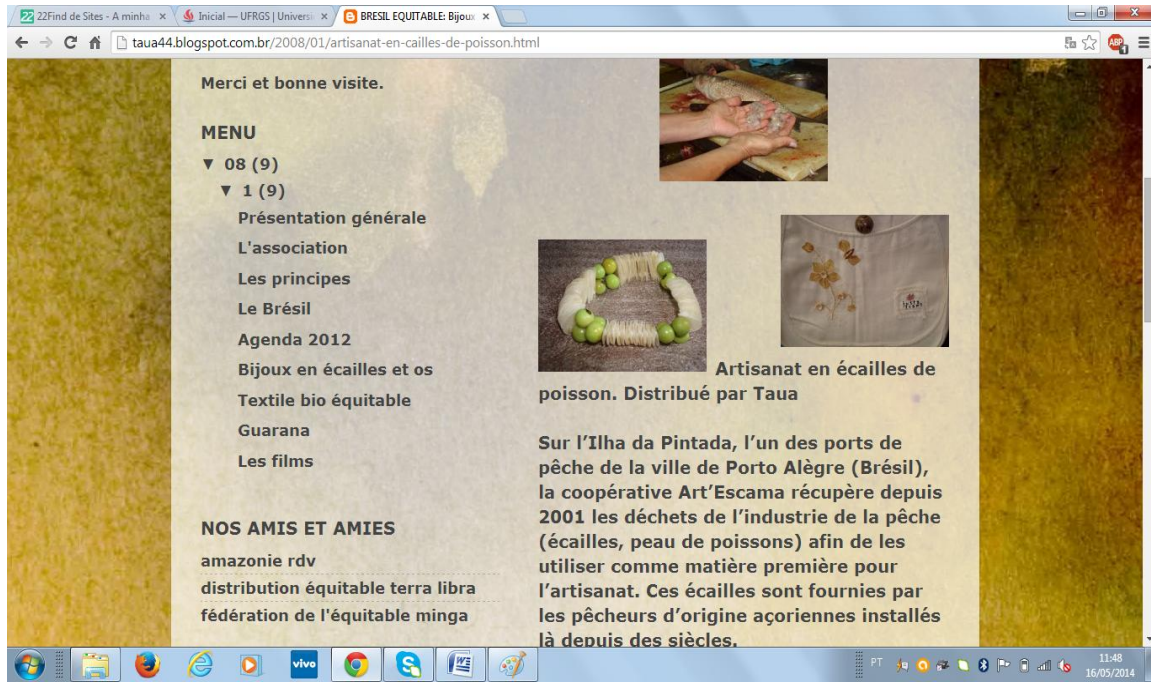
Em 2013, Rémy voltou a visitar Porto Alegre e solicitou ao grupo brincos em escamas – mas sem contas ou cristais. Segundo ele, os brincos com maior apelo nas feiras de Nantes são os mais simples, em penças de escamas, sem maiores adereços e combinados, no máximo, com sementes nativas. As mulheres, apesar de tingirem a matéria-prima com produtos naturais, gostam de incrementar suas bijuterias, com brilhos e bases mais trabalhadas, mas seguiram a determinação e

<sup>32</sup> <http://taua44.blogspot.com.br/2008/01/artisanat-en-cailles-de-poisson.html>.

<sup>33</sup> Matéria publicada em 30 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=115&Numero=334&Caderno=0&Noticia=189474>.

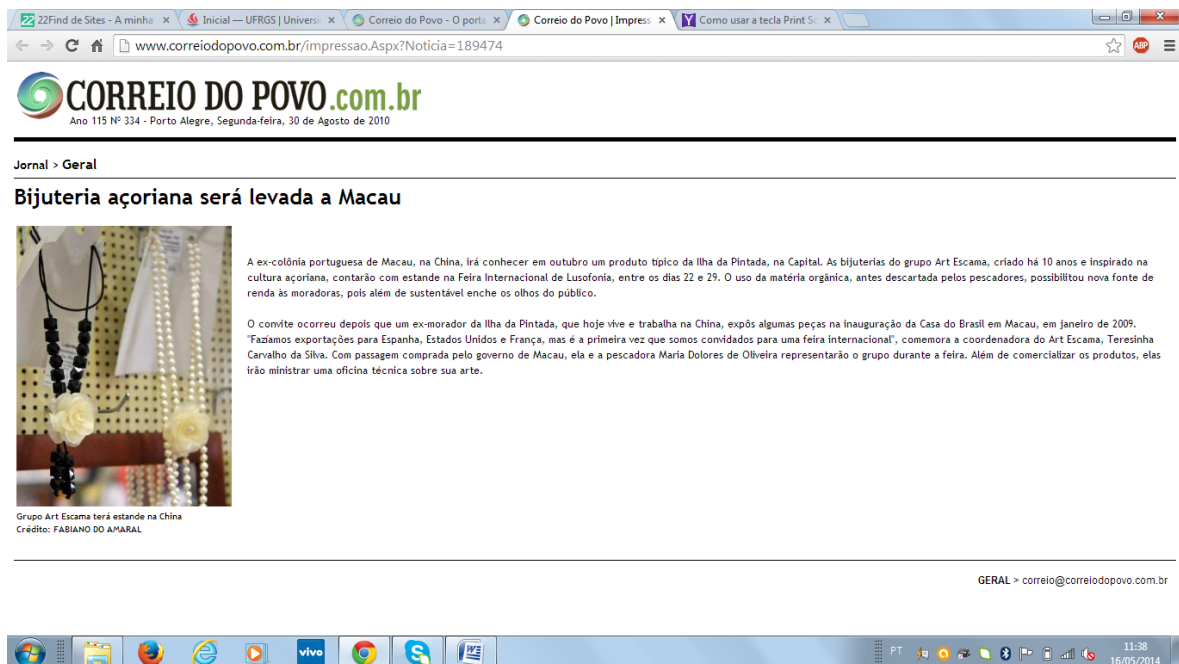
apresentaram peças afinadas com o padrão estético do comprador e com a lógica da sustentabilidade.

Figura 2 – Blog L'association Tauga – Bresil Equitable



Fonte: Disponível em [taua44.blogspot.com.br](http://taua44.blogspot.com.br).

Figura 3 – Site de jornal divulga a notícia sobre a bijuteria feita na Art'Escama



Fonte: Disponível em [www.correiodopovo.com.br](http://www.correiodopovo.com.br).

Fotografia 32 – A pesquisadora, D. Teresinha, D. Jóia, Rémy, D. Eny e Tetê (aluna do Curso de Design da ULBRA) posam para a foto feita pela Vera



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 33 – D. Jóia, D. Teresinha, D. Eny e Vera separam as peças escolhidas pelo francês, enquanto Tetê, graduanda em design da ULBRA, monta um brinco



Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Hoje a grife, dados os esforços em comunicação e marketing da D. Teresinha e também pela trajetória do grupo (que realizou oficinas em cidades do Rio Grande do Sul), tem demanda e reconhecimento em alguns mercados. Inclusive, para indignação da presidente, a marca foi copiada por uma artesã que não é integrante do grupo da Ilha da Pintada e que oferece um cartão no qual o peixinho, referência da Art'Escama, acompanha a inversão da nomenclatura: "Escama e Arte".

Uma das minhas lembranças mais vívidas da Ilha, o desfile realizado em maio de 2013, foi uma tentativa de divulgação do trabalho desenvolvido pelas artesãs, cujas metas para o ano de 2014 contemplam, entre outras ações, o desenvolvimento de um plano de comunicação para melhor divulgação e visibilidade da marca e conquista de pontos de vendas. A realização desse tipo de evento, e já houve outros desfiles da produção local em escamas de peixe, assim como a comemoração de final de ano, renova os laços entre a Associação e as instituições parceiras, busca atrair novas parcerias e sobretudo, tenta colocar a grife na mídia e redes sociais.

Figura 4 – Reportagem do jornal Diário Gaúcho (18/05/2013) sobre o desfile da coleção Rede POA. Dona Tersinha aparece em foto feita por Mateus Bruxel/ Agencia RBS



Fonte: <http://diariogaucho.clicrbs.com.br/>.

Naquele desfile de 2013, a coleção idealizada pelo grupo, em conjunto com a designer Ritha foi apresentada à comunidade depois de muito trabalho no CTG

Madrugada Campeira, do qual o espaço da Associação é um anexo. A denominação da coleção (Rede POA) foi pensada como referência ao pescador, que está no imaginário local como representação do porto-alegrense que habita a Ilha da Pintada, e referência à cidade como uma das sedes dos jogos da Copa 2014. E a Dona Tere, quase um ano antes do torneio, viu nele a oportunidade de alavancar as vendas do artesanato em escama e couro de peixe.

Recordo, ainda com facilidade, da combinação feita com o grupo: chegar pelas 14 horas para ajudar no que fosse preciso, fotografar o desfile e levar 500 gramas de chá da índia - já que cada integrante da Associação contribuiria com alguma coisa. Mas cheguei atrasada. Isso porque a carona atrasou. Antes de rumarmos para Ilha, passamos na Ilha das Flores para pegar a Josinete, uma senhora que fez o curso de artesanato em couro de peixe, oferecido pela Prefeitura, junto com as mulheres da Ilha da Pintada e que também participou das duas oficinas de pintura em gesso/madeira e craquelê ministrados pela Prof. Ana (UFRGS). Durante a viagem, descobri que a Josinete estudava no Instituto Paulo Freire e que na falta do valor total do transporte, fazia o percurso até o centro de ônibus, caminhava até o Instituto e depois da aula retornava ao centro a pé, para então retornar de ônibus para a Ilha das Flores. E apesar desse sacrifício para aprender a ler, ao narrar suas peripécias, desculpou-se por não ter realizado o aprendizado na infância – como se a falta de oportunidade, associada à pobreza, fosse um defeito seu. Naquele momento ela não percebia que embora lhe falte o conhecimento proveniente das instituições escolares, tem a experiência existencial como provedora de uma série de conhecimentos.

Voltando ao desfile, ao chegar à Associação, descobri que as peças deveriam ter sido fotografadas para referência e catalogação antes de estarem expostas nas modelos. Houve reclamações: D. Teresinha temia que as peças fossem vendidas sem que o registro tenha sido feito – ela contava que isto fosse feito no início da tarde. Não tínhamos combinado essa atividade. Havia entendido que antes do desfile eu deveria ajudar a finalizar ou ajustar alguma peça e que quando a coleção fosse lançada na passarela deveria fazer as fotos – inclusive, avisei previamente que não dispunha de um bom flash e nunca havia fotografado nenhum evento, pois temia não conseguir que as minhas imagens fossem o que a D. Tere imaginava.

Sabendo o que esperavam de mim, corri para o CTG: a Sales preparava a menina que desfilaria com o vestido de noiva cujo corpete foi feito em pele de peixe

(durante o período do desfile a denominação mudou de couro para pele) e o Jonas (produtor de eventos local) maquiava e penteava as garotas. Tanto a Sales, quanto o Jonas estavam nervosos. Observei que o evento havia se transformado em espetáculo com a devida *mise-en-scène* que a situação exigia. Por um momento pensei estar nos camarins ou na coxia de um teatro. Como espetáculo tem uma receita mais ou menos básica, os papéis foram desempenhados dentro do esperado: havia mecenas, diretor, diva, equipe de apoio e fotógrafo. E assim como as meninas do Leopoldina Juvenil desfilam para a Liga do Câncer feminino, as meninas da Ilha se dispuseram a ajudar o Art'Escama e desfilaram com as bijuterias e acessórios. A Sales tentou me expulsar do local, afinal “local do fotógrafo é perto da passarela”. Incrível, mas tive que negociar para poder ficar ali e poder fotografar as peças que ainda não estavam sendo utilizadas e também aquelas que já estavam com as modelos.

Fotografia 34 – Jonas preparou as modelos para o desfile



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 35 – Sales preparando a modelo que desfilou com o vestido de noiva



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

A Sales, muito nervosa, acabou contando que além de todo o stress do desfile, soube que um jornalista foi até a Ilha para fotografar o vestido de noiva, mas desistiu por considerá-lo feio. Esse vestido é na verdade um corpete em couro de peixe sobre uma armação de tule bordado em escamas coloridas em tons pastéis e anágua para fazer volume. Considerei o vestido muito bom para as condições adversas da produção: o pouco tempo para a execução do corpete e bordado em escamas aliado às máquinas de costura com problemas e à confecção simultânea das bijuterias e acessórios.

Fotografia 36 – Bouquet em flores de escamas



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

O desfile da coleção Art'Escama seguiu o exemplo dos desfiles de moda considerado correto pelas integrantes do grupo: o vestido de noiva como momento culminante do evento – e por isto o nervosismo da Sales e a insegurança gerada pela observação negativa do jornalista. A distribuição do espaço também tentou seguir aquilo que já está no imaginário: passarela adornada por tapete vermelho, saindo de um palco central e dividindo a plateia em dois lados. Então isso foi feito: as meninas seguiram por uma longa passarela, pisando sobre o tapete vermelho emprestado pelo padre, o público foi disposto em cadeiras colocadas nos lados direito e esquerdo e em frente à passarela, e naquele que foi considerado o melhor local, estavam as cadeiras reservadas às autoridades (representantes da UFRGS e da Prefeitura e ilustres da Ilha) – o que remete à BOURDIEU (1997): não há espaço social em uma sociedade hierarquizada que não possa ser hierarquizado ou capaz de exprimir as distâncias sociais.

Antes do desfile a jornalista contratada para a divulgação apresentou as autoridades presentes e a seguir entrou no palco a designer do grupo para apresentar a coleção e descrevê-la. Embora as mulheres dominem a concepção de suas peças do início ao fim do processo, e algumas sejam consideradas com um talento inato para o design, quem subiu no palco para apresentação das peças concebidas de forma coletiva foi alguém com graduação na área de design de produto. Ao final do desfile, as artesãs puderam compartilhar o palco junto com a apresentadora e as modelos, para receberem os aplausos do público.

O desfile tentou levar para Ilha um outro mundo - glamourizado nas revistas e na televisão – ao qual atribuem um valor simbólico e o qual tentaram reproduzir com o Desfile da Coleção Rede POA, mas cujo resultado materializou-se em uma cópia que jamais poderá comparar-se ao original e que tristemente acentuou algumas representações. Como visão cristalizada, o espetáculo é:

[...] o resultado e o projeto do modo de produção existente [...] coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante (DEBORD, 2003, p. 9-10).

A experiência do desfile acabou por oferecer pouco da Ilha da Pintada, se o objetivo era o de fazer conhecer o ilhéu e sua cultura, pois restringiu-se como espetáculo. E apesar dessa conclusão, ou talvez por ela, não pude deixar de

emocionar-me ao final do espetáculo, quando o grupo subiu ao palco, feliz pela realização do evento, e foi aplaudido pela plateia.

Figura 5 – Convite para o desfile da coleção Rede POA

**CONVITE DESFILE ILHA FASHION**  
 Dia 18 de maio de 2013 as 16 horas  
 No final do desfile teremos um **happy hour** no valor de R\$ 10,00  
**PARTICIPE!** Local **CTG Madrugada Campeira** - Ilha da Pintada  
 Porto Alegre - RS - Sede da Copa 2014



**LANÇAMENTO DA COLEÇÃO REDE POA**  
 Artesanato e bolsas com escamas e couro de Peixe



CULTURA . DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO . SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL



ART'ESCAMA - Ilha da Pintada - Porto Alegre - RS - Brasil  
 Loja e Atelier - CTG Madrugada Campeira / Rua Salomão Pires Abrahão, 160 - Ilha da Pintada  
 Fone para contato: Terezinha (51) 9852.2506 / <http://artescama.blogspot.com.br>



Fonte: Associação Art'Escama.

Fotografia 37 – Brinco em flor de escama



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 38 – Pulseira em couro de peixe



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 39 – Colar em escamas Fotografia 40 - Colar em escamas



Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Fonte: Acervo pessoal, 2013.



Fotografia 41 – Colares com detalhes em couro de peixe



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 42 – Colar em couro de peixe e escamas



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 43 - A noiva



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

### 3.8 Os prazeres da vida cotidiana

A Associação não é apenas local de trabalho. É também um espaço de encontro. Ali se desenrolam animadas conversas, piadas e repasse de informações: doenças, mortes, nascimentos, festas, brigas. Na Associação, são comemorados e trocados presentes de aniversário, assim como oferecidos "mimos" quando realizado o amigo-secreto de final de ano. Mas uma lembrancinha ou mimo pode vir também para estimular ou auxiliar determinados eventos: fui presenteada com uma pequena estatueta de Santo Antônio, pela D. Nanci, com uma xícara com a imagem de Santo Antônio, pela Lisa e pela Vera, e por revistas e livros pela D. Teresinha. O Santo veio pela preocupação com a minha solteirice e também por galhofa entre mulheres. Os livros e revistas vieram para auxiliar neste trabalho e também para reforçar uma associação entre iguais.

Os cafés da tarde com pãozinho quente e margarina ou patê, e às vezes “palitos” de massa folhada ou “cuecas-viradas” já aplacaram muitas discussões. Um momento quase que sagrado e, portanto, respeitado: os assuntos tornam-se neutros, os ânimos exaltados tranquilizam-se e vozes ásperas suavizam-se, e todos aqueles que, porventura, chegarem nesse momento serão acolhidos de bom grado.

Os aniversários das mulheres, comemorados na Art'Escama, representam momentos em que o ato de compartilhar a comida traduzem-se em confraternização e fartura - cada artesã leva algum prato ou bebida para a comemoração e com a contribuição de todas, a mesa torna-se repleta de quitutes caseiros: canudinhos recheados com guisado, sanduíches, pizzas de sardinha e bolos. Aquelas com menos tempo ou talento para a culinária, passam na padaria e compram salgadinhos, cuca ou refrigerante. Essas situações me fazem pensar em Bourdieu (2013) e Certeau (1994) e suas análises e ponderações sobre as significações implícitas em atos aparentemente banais e corriqueiros como o ato de comer ou de preparar a comida e colocar a mesa – em como modos de pensar e agir revelam as configurações tramadas em meio ao tecido social.

Fotografia 44 – Comemoração dos aniversários do primeiro semestre de 2013



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 45 – A mesa farta em uma das festas



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Também participei de duas “edições” de amigo-secreto na Ilha. Esses eventos, servem para confraternizar entre os iguais e também para reforçar ou retomar laços com os representantes das instituições e organizações parceiras.

A primeira “edição” aconteceu no Salão Paroquial da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem e reunia o grupo de mulheres do curso de pintura em tecido, ministrado pela irmã Marinice. Participei como convidada da irmã, pois não fiz nenhuma aula, mas fui muito bem recebida por todas. Claro que algumas mulheres eram as minhas companheiras de Art’Escama: a Lisa, a Vera, a D. Nanci e a D. Jóia – a D. Tere também estava lá e, assim como eu, também não havia participado do curso. A D. Sirlei e a D. Geneci eu já havia encontrado algumas vezes na Associação, e a Maura, a Ruth, a Gica, a Maria de Lurdes e a Alaides fui conhecer naquele dia.

Antes da troca dos presentes e da apreciação dos doces e salgados que cada uma deveria levar, a irmã fez uma avaliação do curso e pediu que cada aluna também fizesse a sua avaliação, pois as informações seriam colocadas em relatório para a Cáritas, que financiou o projeto. Foi recorrente o discurso no qual referiram a importância de um lugar para se encontrarem, um motivo para sair da rotina de cuidar da casa e ao mesmo tempo desenvolver habilidades que podem gerar renda. Uma das senhoras falou sobre a alegria de tomar um banho, colocar uma roupa limpinha e sair de casa para encontrar as amigas que também estão no curso. Outra disse que além de poder desenvolver a pintura em tecido que assim como o sexo, fica melhor com a prática, ela ainda tinha a oportunidade de encontrar as amigas para conversarem e vencerem seus problemas. E também foi dito por uma das mulheres que às vezes o marido reclamava e queria saber porque ela saía tanto, mas ela saía mesmo assim: “e agora ele já nem fala nada”. A D. Jóia sorriu e contou que teve o apoio do marido para participar do grupo de pintura, assim como para participar do grupo da escama, pois é uma maneira de fazer o que gosta e não trabalhar tanto cuidando da casa e dos netos. Também esteve presente neste dia, uma senhora visivelmente deprimida (soube mais tarde que pela morte do filho e do marido em pouco espaço de tempo) que motivada pelas outras chegou a participar de algumas aulas. No amigo-secreto, estimulada pelas compaheiras, ela fez a sua avaliação e prometeu tentar retomar suas atividades nos grupos de capacitação.

As mulheres participam de diferentes grupos: na AAAPIP, na Igreja, e na Associação ArtEscama – e também participam de cursos oferecidos pelas esferas governamentais. Esses grupos que as fazem sair de casa são espaços de diálogo

que para além disso, estão impregnados por vínculos de gênero e classe que se estruturam a partir da percepção que aquela comunidade tem da sua própria realidade – espaços que pela natureza dialógica que têm, potencializam solidariedade, reflexões, tensões, rupturas e mudanças. Um contexto onde o ser “só se realiza na interação de duas consciências (a do eu e a do outro)” (BAKHTIN, 2003, p. 395) e no qual “não existe a primeira e nem a última palavra [...] Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis [...] eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo” (BAKHTIN, 2003, p. 410).

A segunda “edição” de amigo-secreto, aconteceu na Associação. Foi idealizada, pela D. Teresinha, como um encontro entre representantes da UFRGS, representantes da Prefeitura, representantes do Instituto Cultural Português, alunos e artesãs, para a distribuição de certificados aos alunos (UFRGS, Ulbra e para mim, mestranda do Centro Universitário La Salle) e menções honrosas aos parceiros.

Tendo em vista as festas de final de ano, o evento foi aberto com a leitura de uma mensagem de Natal e posteriormente a presidente da Associação falou da importância das parcerias e das redes de economia solidária, e em seguida passou à entrega do certificado de menção honrosa para a coordenadora do projeto de extensão da UFRGS e a entrega dos certificados discentes para as três alunas presentes (UFRGS, ULBRA e UNILASALLE). A representante da prefeitura não pode esperar pelo discurso, mas deixou presente para o amigo-secreto. Os certificados recebidos foram um rascunho, uma vez que os documentos originais seriam encaminhados ao Prefeito que deveria assiná-los (as demais assinaturas seriam da presidente da Associação e do presidente do Instituto Português). Até o momento em que escrevi este trabalho, os documentos finais não retornaram.

Quando a D. Teresinha me falou dos certificados eu expliquei que os alunos da UFRGS que participam dos projetos de extensão recebem certificação da Pró-Reitoria de Extensão e que, por esta razão, talvez não houvesse necessidade de emitir um documento pela Associação Art'Escama - quanto a mim, o orientador sabia da realização do trabalho de campo e poderia certifi-cá-lo caso fosse necessário. Fiz o esclarecimento para poupá-la de trabalho e gastos desnecessários já que as instituições de ensino realizam a certificação de seus alunos. Mas D. Tere considerou importante emitir o documento para todos os discentes que, por um motivo ou outro, realizaram alguma atividade junto à Associação – como num

microcosmos, as práticas institucionais de poder, se reproduziram na Art'Escama. Ela explicou o que deveria constar nos certificados e que não seria apenas ela a assiná-los, portanto pensei que a D. Jóia, vice-presidente, também assinaria. Sequer cogitei que o aval fosse além do grupo e muito menos que este aval tivesse que vir da Prefeitura ou do Instituto Cultural Português. E, aqui retorno a Bourdieu pelas distinções que se estabelecem entre as classes e grupos, e pelas estruturas simbólicas que as certificam.

Após o ápice do evento quando os presentes receberam seus certificados das mãos da presidente do Instituto Cultural Português, da presidente e da vice-presidente da Art'Escama, foram trocados os presentes na mesma dinâmica utilizada pelo grupo de pintura em tecido: os nomes foram sorteados na hora, para evitar que alguém ficasse sem presente e todas levaram algum prato ou bebida. A partir daí se desfez o momento que copia e adapta, práticas e ritos oficiais, e as mulheres retomaram a informalidade.

Assim como as festas de aniversário ou de final de ano, outros momentos que compartilhei com as mulheres, e que remetem aos prazeres da vida cotidiana, foram os passeios, sempre bem vindos, como ficou evidente na saída feita ao Museu do Pão, e os cursos de pintura em gesso e madeira que lotaram o atelier nas tardes de sábado. Para, além disso, houve um passeio de barco com D. Nanci e seu marido, no qual pude observar que as águas do Delta além de propiciarem alimento e renda, também se prestam ao lazer e às memórias de um tempo lúdico em família.

No dia em que saí com a D. Nanci, para acompanhar uma pescaria, acordei cedo para chegar no horário combinado. Como na maioria das vezes, realizei o percurso até a Ilha via ônibus. Sem saber ao certo em qual parada descer, resolvi saltar do coletivo na mesma parada de sempre – em frente à Escola Barroso – e ir caminhando, ansiosa, pela Boa Viagem até o número 100. Dona Nanci apresentou o marido, um senhor franzino e sorridente, conhecido na Ilha como Maroca. Saímos no “caíco”. A lancha, bem maior, não funcionou. Fiquei com um pouco de medo: três pessoas (duas delas idosas) naquele barco pequeno e sem coletes salva-vidas, parecia mais que uma aventura, um pouco de irresponsabilidade travestida de trabalho de campo. Toda vez que precisava trocar as objetivas da câmera, com as mãos ocupadas sem poder me segurar, receava cair na água – ou pior que o equipamento afundasse em meio ao Guaíba.

A D. Nanci é uma mulher reservada e geralmente só fala quando lhe dirigem a palavra. O S. Maroca, ao contrário, fala bastante. Contou-me histórias e conversou num linguajar próprio de pescadores. Em algumas situações, aliás, não o entendi muito bem. E o que dizer da dificuldade de prestar atenção no S. Maroca, fotografar e me equilibrar quando surgiam os “buracos” (sempre que passava um barco maior, ou mais potente, formavam-se ondas e o “caíco” chacoalhava um pouco e parecia cair)?

Nas lembranças do S. Maroca houve um tempo de pescar. No Guaíba, aquela grande variedade de peixes. Grandes e de diferentes espécies. Quando passamos o aterro, falou-me da draga. Também contou sobre a pesca com rede fina, que não é mais permitida. As coisas mudaram – “tudo está diferente, são outros tempos”. O S. Maroca fez referência às ações das esferas administrativas, pensadas pelos “doutores”, para serem implementadas no Guaíba e que não levam em consideração o conhecimento daqueles que vivem daquelas águas – refere-se a si mesmo como um homem que só sabe escrever o nome e algumas letras, mas que tem o conhecimento da vida.

A investidura da competência no ofício de pescador deu-se pela prática, pelos ensinamentos na infância, junto aos homens da família, pela tradição – não tem certificado, não tem diploma. Ressente-se com um saber que não tem. Esse das salas fechadas e que desacredita os ensinamentos daqueles que vivem das águas. Ele contou que saiu a primeira vez para pescar com o pai e o tio quando tinha oito anos<sup>34</sup>: O barco virou e ele ficou embaixo. Só conseguiu respirar até ser salvo porque se instalou no bolsão de ar sob o barco. A mãe, temerosa, proibiu novas aventuras e a pescaria só foi retomada aos 14 anos. Até hoje o S. Maroca sonha ou vê o fundo do barco e a cor alaranjada da madeira quando acorda: diz que aquela imagem ficou na sua cabeça – acha engraçado ter essa lembrança tão viva.

Vi a prainha da “Torre” pelos olhos da D. Nanci. Ela recordou que naquele lugar a família passava horas se divertindo. O passado feliz também foi registrado nas fotografias, que dão materialidade às imagens da memória. Quanto ao S. Maroca, ele contou do tempo em que, nas férias, quando as crianças não estavam

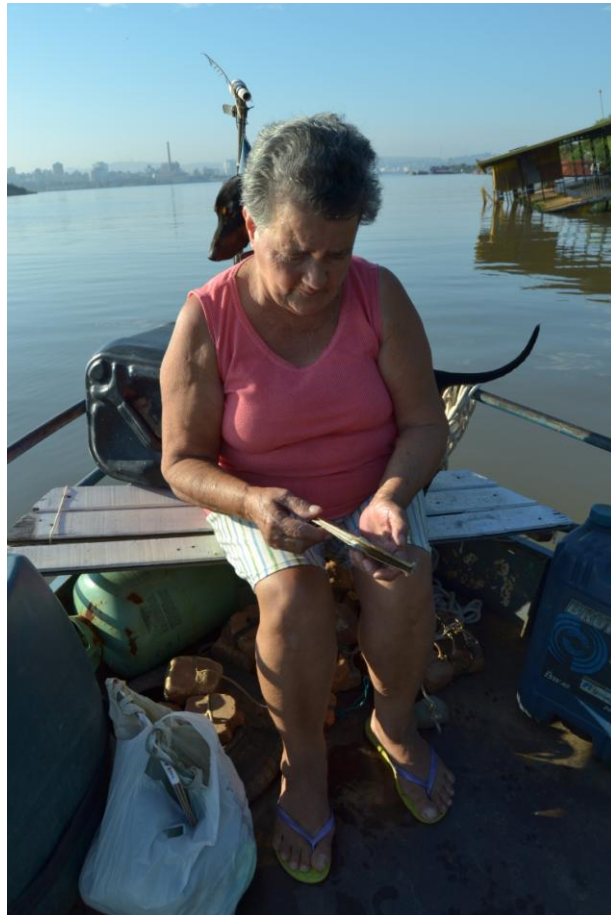
---

<sup>34</sup> Conforme Garcez e Botero (2005), a pesca artesanal é uma atividade que inicia na infância, como continuidade do ofício exercido pelos pais.



na escola, saiam todos juntos para pescar rumando Jacuí acima. O casal levou um saco de fotografias daqueles tempos, olhei apenas algumas - era impossível, para mim, naquele contexto, com tantas informações para guardar e imagens a captar, poder apreciá-las, e pedi para vê-las depois do passeio.

Fotografia 46 – D. Nanci com os álbuns da família



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Ele e D. Nanci sempre foram muito próximos dos filhos – se faltou dinheiro, não faltou tempo para as crianças. Para ele, isso foi o mais importante. O irmão teve mais sorte nas finanças, mas ganhou também o infortúnio de ter um filho envolvido com drogas. Neste momento penso que interlocutor enunciava um discurso mais para si mesmo do que para a pesquisadora. Este processo me fez lembrar Bakhtin! e pensar que como prática dialógica o discurso se faz para o outro, seja ele real ou imaginário. Enquanto rememorava uma vida de dificuldades e a relacionava com uma outra vida, diferente da sua, fazia suas próprias interpretações e construía nelas a aceitação da desigualdade e reforçava a importância dos laços familiares.

Enquanto o S. Maroca falava, D. Nanci chamou a minha atenção para uma revoada de biguás. Ela não queria que eu perdesse a fotografia. No final das contas, com a lente errada e tentando não esquecer as narrativas dos dois, perdi o momento.

Durante o retorno, mais uma aventura: o motor do caíco pifou. Coube ao S. Maroca o trabalho de remar lá de perto do Gasômetro até atracar em frente a sua casa, na Ilha. Confesso que temi pela saúde do S. Maroca, embora ele tenha dito que já estava acostumado. Pouco antes da pane no barco, os dois simularam uma pesca com redes para que eu tivesse ideia de como eles pescavam juntos.

No final das contas não pesquei nenhum peixe, mas o saldo do passeio foi compensador: minha rede estava lotada de narrativas.

Agora com a aventura mais distante no tempo, penso: mas onde está a D. Nanci? Parece que entrei nos domínios do S. Maroca! No caíco, em meio ao lago, D. Nanci tornou-se coadjuvante. As histórias sobre a pesca, o ressentimento com os doutos – cujo saber acadêmico confronta o seu saber mundano e aponta para a sua condição de analfabeto -, a coragem para as denúncias sobre o roubo da areia do Jacuí, as remadas fortes exigidas no retorno à Ilha e principalmente o domínio no espaço do barco, onde D. Nanci parece esvanecer, reafirmaram ao S. Maroca como um exímio narrador.

Fotografia 47 – S. Maroca e D. Nanci durante o passeio/pescaria



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Para além dos devaneios embarcados pelo S. Maroca, lembro-me com carinho do passeio ao Museu do Pão. Era 22 de junho, um dia de sábado de céu azul e muito frio. Dois ônibus da UFRGS saíram da FABICO em direção à Ilha da Pintada, onde buscamos as mulheres da Associação para nos dirigirmos todos a Ilópolis.

Ainda na Ilha, quando as mulheres começaram a embarcar, escutei a voz da Lisa: “Ah, ela está aqui. A gente não estava enxergando ela!” Referia-se a mim. A Dona Eny informou aos desavisados: “É a nossa fotógrafa!” E foram todos se acomodando no ônibus. Vieram a D. Jóia e o S. Salomão, casal de namorados, embora casados há muito tempo, a D. Nanci, a D. Clélia e a Vera. A Teresinha, aluna da Ulbra, e o marido, também participaram do passeio (a convite da Dona Tere, que não participou por estar viajando naquela semana).

Dona Nanci, sempre prestativa, levou bolinhos de peixe para oferecer aos viajantes. A receita faz sucesso durante a semana santa, sendo vendida na feira de Páscoa do Mercado Público. Para o nariz refinado de alguns, porém, o odor característico do quitute no ônibus fechado foi um problema.

Em algum lugar entre a Ilha da Pintada e Ilópolis, paramos para um café. Acostumada com as minhas companheiras de Associação, fui direto para a mesa em que estavam. No almoço também fiquei com o grupo da Ilha e notei que a Lisa foi a responsável por arrecadar o pagamento e efetuar-lo no caixa – determinação da Dona Tere, fiquei sabendo, mas não havia a mínima necessidade desse controle.

Na saída do restaurante encontrei Dona Eny. Ela quis saber qual era o nome da cidade a qual nos dirigíamos. “Ilópolis”, falei. Mas ela não conseguia decorar. A saída foi pedir um cartão de algum estabelecimento para poder dizer à filha o nome da cidade visitada.

Uma vez na cidade, nós duas resolvemos ir até o Santuário São Paulo Apóstolo. Ali, ela pediu para ser fotografada junto às estátuas dos santos e em frente à Igreja. Mais tarde fomos recebidos pela princesa da Festa do Mate e pela representante da cidade, cuja economia é baseada no cultivo da erva-mate. A história da cidade foi, então, sendo contada através das visitas ao Santuário de São Paulo Apóstolo, à área (do IBAMA), com reproduções de ocas e artefatos indígenas para cultivo e moagem da erva-mate, e ao Museu do Pão.

No Museu, um pequeno acidente: uma das mulheres pediu que eu fizesse uma foto dela junto a uma capelinha do Divino Espírito Santo, e, ao largar seus

pertences para posar, derrubou um objeto exposto. Apesar do susto, o objeto resistiu. Foi colocado novamente em seu lugar. Durante a projeção de um filme sobre a história da domesticação do trigo e produção do pão, Lisa, Vera e eu fomos para uma padaria. Em seguida chegaram a Dona Nanci, a Dona Clélia e a Dona Jóia, acompanhada do marido. Fiquei pensando que “nós” da Ilha éramos um tanto “selvagens” para ficarmos trancados ouvindo e vendo pão quando podíamos comê-lo e jogar conversa fora. Mas a atividade foi considerada ótima pelo grupo da Ilha, pois conheceram cidade, imaginaram como viviam os indígenas nas tocas subterrâneas e ocas de palha, visitaram o museu, cujo alguns objetos expostos elas conhecem bem, e trouxeram para casa ramos de erva-mate, para testar no tingimento da escama (elas costumam utilizar erva industrializada).

Fotografia 48 – D. Jóia e Lisa seguram os ramos de erva-mate para testar no tingimento da escama. Ao fundo, o S. Salomão, que acompanhou a sua Jóia



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Fotografia 49 – Após o almoço, foto em frente à Igreja de Ilópolis



Fonte: Acervo pessoal, 2013.

Os passeios sempre bem-vindos, as aventuras nas águas do Delta, as prainhas descobertas pelas famílias, as mesas fartas nos encontros das datas especiais demonstram que há lugar para o prazer na vida diária – seja ele providenciado pelas mulheres, ainda que com escassez de recursos, seja providenciado pelas parcerias firmadas. A ida ao Museu do Pão colocou em pauta a falta de uma política de acesso aos museus, porque quando houve a facilitação do acesso o grupo mobilizou-se, e com grande interesse e entusiasmo, para a visita.

Para além do fruir esses pequenos prazeres cotidianos, tais momentos lúdicos e de encontro entre a família ou entre amigas e vizinhas, criam e recriam redes de significados, tecem sociabilidades que reforçam tanto uma consciência de classe, de gênero e produzem uma determinada matriz cultural.

Para Geertz “um dos fatos mais significativos a nosso respeito pode ser, finalmente, que todos nós começamos com o equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas, mas terminamos por viver apenas uma espécie” (GEERTZ, 2012, p. 33). A expressão de um “ser” mulher ou de um “ser” artesã não se dá ao acaso, tais resultados começaram a ser tecidos antes nas estruturas sociais e culturais, nos esquemas de significação e em nos universos simbólicos do que em perfis anatômicos ou habilidades pré-existentes.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se configurou em uma costura de memórias, percursos e imagens obtidos no cotidiano de uma Associação, durante as muitas horas em que escutei, conversei, ri, trabalhei, observei e fotografei. Como diz Fonseca, foram “longas horas, aparentemente jogando tempo fora, na observação de cidadãos comuns e suas rotinas banais” (2000, p. 7). Esta costura da interação de um tempo compartilhado buscou mostrar um pouco da vida de um grupo mulheres artesãs e uma tentativa de compreender as dinâmicas tecidas em seu cotidiano. E apesar da aparente banalidade do cotidiano, a tentativa, através da observação e da escrita, da apreensão de um tempo compartilhado, não foi fácil. Os percursos trilhados para ser aceita pelas artesãs, para conhecer as suas vidas e transformá-las em um trabalho acadêmico foram longos e, por vezes, árduos. Para, além disso, o temor de ser um elemento disruptivo no grupo acompanhou-me por um bom tempo.

A etnografia foi o instrumento fundamental, para que eu pudesse atravessar as cortinas imaginárias entre uma atuação de palco e as facetas de vidas reais, por parte das mulheres. Foi necessário afastar-me das minhas próprias representações para poder aproximar-me do outro e enxergá-lo. O exercício constante de afastamento e aproximação, realizado no encontro dialógico, permeou o trabalho, e também o impregnou com a subjetividade da pesquisadora, atravessada pelo convívio com as artesãs. E esse convívio, alicerçado no método etnográfico, aliado ao enfoque de classe e gênero, levou-me a tecer algumas considerações sobre pobreza, hierarquização sexual do trabalho, economia solidária.

Considero a pobreza como um fenômeno gerado e reproduzido por estruturas econômicas. Como em um ciclo, ela parece crescer à medida que uma desigualdade acomoda-se sobre a outra e acaba potencializando a anterior. Esse fenômeno social e econômico precisa, portanto, para a sua manutenção, alimentar-se daquilo que produz - tal qual um Ouroboros, a pobreza se alimenta dela própria e das representações que nela são criadas, num ciclo que se perpetua e não oferece muitas condições de fuga para aqueles que por ele são aprisionados. Resta, então, lutar contra a vulnerabilidade agarrando-se às ações de inclusão institucionalizadas e prover-se de pequenas estratégias e subterfúgios que permitam subverter a precariedade da vida.



Nesse sentido, a criação da Art'Escama é uma dessas estratégias. A Associação procurou formalizar e legitimar o trabalho desenvolvido pelas artesãs, e a participação em redes de economia solidária surgiu como recurso para incluírem-se no mercado e consolidarem a grife enquanto produção artesanal sustentável e projeto de desenvolvimento local. Mas embora conectado às redes de economia solidária, o grupo de mulheres com qual convivi na Associação Art'Escama, ainda não tem claro o engajamento a um outro modo de pensar e fazer economia, nem faz do seu empreendimento uma oposição consciente ao modo de produção capitalista ou ao mercado que ele cria.

A técnica açoriana em escamas de peixe, na qual as artesãs se debruçam para criar seus produtos, não foi o resgate de um saber imbricado na memória coletiva local. Foi, sim, uma tentativa de valorização, através da marca de uma “ancestralidade açoriana”, de um habitar paisagens insulares, de uma cultura tecida naquilo que simboliza ser ilhéu. Eis aqui a estratégia que abriu a possibilidade tanto de promover a visibilidade dos habitantes da Ilha, em meio à diversidade cultural e social que a cidade apresenta, quanto de promover geração de renda. A tradição açoriana incorporada pelas mulheres na Ilha da Pintada revelou-se uma releitura, na qual as flores de escamas com fios de prata, emolduradas em quadros, deram lugar a bijuterias, acessórios, bordados em peças de vestuário e capelinhas de santos. O fio de prata foi deixado de lado e às escamas somaram-se contas sintéticas, pedras e sementes – enquanto o processo de tingimento da matéria-prima agregou o que está próximo: chás de erva-mate, camomila e casca de cebola.

Esse grupo compõe-se de mulheres que lutam por uma vida melhor, dividindo-se entre a casa e os afazeres domésticos, entre os cuidados com maridos, filhos, netos ou até bisnetos, e a produção na Associação. Na vida corrida que levam, tentam acomodar as tarefas porque como disse uma delas: “fazer o quê? Tem que trabalhar”! O que demonstra, tomando emprestada a constatação de Michelle Perrot, que “as mulheres sempre trabalharam. Elas nem sempre exerceram *profissões*” (2005, p. 251). E o seguem fazendo, como no caso dessas artesãs que tomam como naturalmente sua a obrigação com todas as atividades referentes ao lar e ainda procuram na produção artesanal, firmarem-se como provedoras ou como colaboradoras da renda familiar. Nesse sentido, para elas, a economia solidária atrelou-se à trajetória da busca pela inclusão mais do que como subversão à lógica do capital. A subversão, aqui, despontou como a forma pungente e emergencial de

uma estratégia para modificar, pelo menos minimamente, a realidade precária de um sistema excludente, do que como um movimento político, de cunho emancipatório. É mais uma estratégia entre tantas outras que tenta equilibrar recursos e necessidades. Para essas mulheres não há bons empregos. Elas estão fora do mercado de trabalho por muitas razões: nível de escolaridade, capacitação, faixa etária ou necessidade de uma atividade com horários flexíveis para dar conta das demandas familiares. Desta forma, o artesanato mostra-se um ofício possível, capaz de ajustar-se entre os tempos dedicados ao cuidado com a família e às tarefas domésticas.

Para, além disso, a Associação configurou-se, não apenas como um espaço de trabalho ou de produção, mas como um espaço conquistado. Por algumas horas, o compromisso com a família ou com a casa fica em suspensão, para que elas possam socializar com as amigas e com isso fortalecer laços de cooperação e solidariedade, manifestar posicionamentos e incorporar novas posturas. Pelas exigências do empreendimento elas passaram de coadjuvantes a protagonistas, num movimento tímido, no qual a Associação e os novos desempenhos vêm sendo construídos lentamente – ambos ainda precisam de auxílio e de ações que permitam alcançar a autonomia.

A via de inclusão econômica através da Economia Solidária ainda é um caminho a ser percorrido e construído. Gadotti atribuí à Economia Solidária uma práxis pedagógica – os empreendimentos fundamentados na perspectiva solidária colocam desafios e práticas que exigem que os sujeitos apre(e)ndam novas posturas. Se a Associação e o empreendimento Art'Escama já estão construídos há algum tempo, este tempo ainda não foi suficiente para que a filosofia que subjaz à Economia Solidária esteja completamente entendida e clara para o grupo. Há solidariedade e cooperação entre as mulheres do grupo, mas verem-se e pensarem-se como articuladoras de um empreendimento econômico solidário está para, além disso – envolve a compreensão do direito à cidadania, o exercício político, a autonomia e a emancipação enquanto mulheres e trabalhadoras. As desigualdades que existem devem ser superadas e não podem inibir a participação plena no grupo – todas as vozes precisam ser escutadas, as dúvidas esclarecidas, as informações precisam circular de forma clara para que o grupo tenha o pleno entendimento das ações e das ações a serem estabelecidas.

A interação com as artesãs da Ilha da Pintada, mostrou-me o valor da solidariedade e da cooperação, e também que a possibilidade de emancipação e autonomia, para as comunidades desassistidas, vem mais pela via coletiva do que pela individual, e através dos movimentos populares e das mobilizações locais. Para as artesãs as práticas e conflitos estabelecidos em meio às tentativas de autogestão de um empreendimento apoiado em conceitos de economia solidária, mas inserido em uma sociedade hierarquizada e em um mercado com uma lógica totalmente inversa à lógica solidária, coletiva e local, exige esforço de articulação, posicionamento e reflexão.

E para além dessas considerações, a associação cotidiano/memória mostrou-se proveitosa, na medida em que as memórias trouxeram pontos de encontro, referências para o entendimento das tessituras que entrelaçam identidades que expressam experiências mediadas pelas diferentes disposições espaciais da metrópole. Para Rocha e Eckert (2005) o “estudo das memórias individual e coletiva é a chave para se elucidarem indivíduos e grupos que geram, produzem e transmitem conjuntos de significados sobre os territórios urbanos em que habitam” (p. 92).

Faz parte da memória local o tempo em que as mulheres da Ilha se reuniam para orar, quando o trabalho dos homens no Estaleiro Mabilde ficava escasso. O tempo em que se uniam para vender rifas, com o objetivo de comprar a imagem da Santa que auxiliaria nos momentos de dificuldade. Hoje, porém, a articulação vem por outros caminhos, numa tentativa de superar e diminuir desigualdades e promover o desenvolvimento local através da associação, cooperação, solidariedade, participação em redes de fomento, estabelecimento de conexões e parcerias.

Esse grupo de mulheres buscou profissionalização e capacitação, e tentou tirar o artesanato que desenvolve da informalidade e do âmbito privado do lar. Ainda assim, é capaz de ver em cada escama a imagem da Santa venerada pela geração anterior. A força da tradição e da memória não as deixou esquecer o passado e as fortalece no presente.

## 5 PRODUTO FINAL

Tendo em vista o caráter deste Curso de Mestrado oferecido, pelo Centro Universitário La Salle, penso que a exigência de realização de um produto final é relevante para a minha qualificação acadêmica e profissional, mas não posso deixar de considerar, também, a relevância para a comunidade na qual desenvolvi o trabalho.

Primeiramente, pensei em realizar uma exposição fotográfica na Associação. Posteriormente, conversando com o professor Dr. Lucas Graeff, orientador, consideramos conveniente a elaboração de um catálogo com uma pequena biografia das mulheres, e as fotos de alguns de seus produtos – algo que elas pudessem utilizar durante visitas para prospecção de clientes.

Queríamos algum produto que pudesse ajudá-las em seu pequeno negócio e que além divulgar as suas criações, pudesse ser uma apresentação das mulheres por trás desse trabalho que une sustentabilidade, memória de uma ancestralidade açoriana e mais do que isto, que fosse capaz de mostrá-las em sua coragem e determinação como sujeitos de transformação da sua própria realidade.

As pequenas biografias que integram o catálogo foram construídas a partir de narrativas ou dados que considerei importante, e as artesãs cujas vidas constam na publicação são aquelas cujas memórias estão presentes neste trabalho, e de mais seis que também integram o grupo: Joana (Jô), Dona Clélia, Flor, Sales, Soleni e irmã Marinice. Embora tenha optado por não entrevistá-las para a construção das narrativas, uma vez que por terem outras atividades, nosso contato foi um pouco mais restrito, não poderia deixá-las de fora, pois também são importantes sujeitos na dinâmica e no trabalho do grupo.

Uma versão digital, acompanhará a versão final deste trabalho e outra, será entregue ao grupo de artesãs da Art'Escama – para que, se houver interesse, seja disponibilizado no site do Museu Virtual e/ou impresso.

## 6 REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia, um estudo sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

ARFUCH, Leonor. **Memória y Autobiografía**. Exploraciones em los limites. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. Prefácio de Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALERDI, Ignacio Diaz. ? Qué fue de La nueva museologia? El caso de Quebec. In: **Artigrama** nº. 17, 2002, 493-516. Disponível em: <http://www.unizar.es/artigrama/pdf/17/3varia/13.pdf>. Acesso em: 05 de jun. de 2013.

BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. **Preconceito e discriminação como reconceito e discriminação como expressões de violência**. Estudos Feministas, 2002.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2. ed. São Paulo : Ateliê Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Mariete e AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.

CAILLÉ, A. Dádiva e Associação. In.: MARTINS, P. H. (Org.). **Dádiva entre os modernos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade (Introdução e cap.1)**. Rio de Janeiro: ED UFRJ, 2009.

CASTRO, Mary Garcia. "**Feminização da pobreza**" em cenário neoliberal. 1999. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2671>. Acesso em: 05 de jun. de 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano, 1 Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

CHANIAL, P.; LAVILLE, J. L. Associativismo. In: HESPANHA, Pedro et al. **Dicionário internacional da outra economia**. São Paulo: Almedina Brasil, Ltda. 2009.

COELHO, Jonas Gonçalves. **Relação entre consciência e matéria: o dualismo de Bergson**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 10 de dez. de 2012.

CULTI, Maria Nezilda. **Economia Solidária: geração de renda, mitos e dilemas**. 2004. Disponível em [http://www.unitrabalho.org.br/IMG/pdf/e-solidaria\\_geracao-de-renda.pdf](http://www.unitrabalho.org.br/IMG/pdf/e-solidaria_geracao-de-renda.pdf). Acesso em: 28 de maio de 2013.

DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou com o ter "anthropological blues"**. **A Aventura sociológica**. NUNES, Edson (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-35.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. E-book digitalizado por Coletivo Periferia e eBooks Brasil, 2003.

ECKERT, C. Tempo e memória: da duração contínua à dialética da duração. In: DEBERT, G. G.; GOLDSTEIN, D. (Eds.). **Políticas do corpo e curso de vida**. Campinas/SP: UNICAMP, 2000. p. 153–166.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: **Sociologia – Problemas e Práticas**. N. 9, 1991. Disponível em: <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/31/342.pdf>. Acesso em: 18 de maio de 2013.

FRANÇA FILHO, G; LAVILLE, J. **Economia Solidária uma abordagem internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

FONSECA, Claudia e BRITES, Jurema. **Etnografias, da participação**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GAIGER, Luiz Inácio Germany et all. **A Economia Solidária no RS: viabilidade e perspectivas**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/11775937/A-Economia-Solidaria-No-RS-des-e-Perspectivas>. Acesso em: 18 de maio de 2013.

GARCEZ, D. S.; SANCHÉZ-BOTERO, J. I. 2005. **Comunidades de pescadores artesanais no estado do Rio Grande do Sul, Brasil**. Atlântica, Rio Grande, 27(1): 17-29.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, José Juvenal, et al. **Arquipélago: as ilhas de Porto Alegre**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura UE/SMC/Porto Alegre, 1995.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera (Org.). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HESPANHA, Pedro et al. **Dicionário internacional da outra economia**. São Paulo: Almedina Brasil, Ltda. 2009.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. O conceito de Trabalho. In.: SÃO PAULO. Prefeitura Municipal Coordenadoria Especial da Mulher. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas/** Marli Emílio (org.), Marilane Teixeira (org.), Miriam Nobre (org.), Tatau Godinho (org.). - São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set/dez 2007. <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: dez. de 2013.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LAVINAS, Lena. **As mulheres no universo da pobreza**. Estudos Feministas, n. 2. p. 464-479, segundo semestre de 1996.

LAVINAS, Lena. Pobreza e exclusão: traduções regionais de duas categorias da prática. **Econômica**, v. 4, n. 1. p. 25-59, junho de 2002, impressa em outubro de 2003.

LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio. Economia Solidaria. In: HESPANHA, Pedro et al. **Dicionário internacional da outra economia**. São Paulo: Almedina Brasil, Ltda. 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.). **Na Metrópole** - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

MOTHÉ, Daniel. Autogestão. In: HESPANHA, Pedro [et al.]. **Dicionário internacional da outra economia**. São Paulo: Almedina Brasil, Ltda. 2009.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. **Os estudos sobre feminização da pobreza e políticas públicas para mulheres**. 2004. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/site\\_eventos\\_abep/PDF/ABEP2004\\_51.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_51.pdf). Acesso em: 05 de jun. de 2013.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2004.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo cultural uma visão antropológica**. Tenerife, Espanha: Aça y Pasos, RTPC, 2009. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>. Acesso em: 05 de jun. de 2013.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/306>. Acesso em: 10 de out. de 2012.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2005.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, C. e GUAZZELLI, C. A. B. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Editora Universidade. Porto Alegre. 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas. In: **Revista Eletrônica Iluminuras**, Porto Alegre, v.9, n.21, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301/5371/UFRGS>. Acesso em: 09 de dez. de 2012.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

TAVARES, Regina Márcia Moura. As Grandes Cidades: Violência, Patrimônios e Ação Museológica. In **Anais – IV Semana Nacional de Museus na Unifal-MG**. ISSN 2236-2088. Disponível em [http://www.unifal-mg.edu.br/sn museus/files/file/ANAIS\\_IV%20SNMUSEUS%20NA%20UNIFAL.pdf](http://www.unifal-mg.edu.br/sn museus/files/file/ANAIS_IV%20SNMUSEUS%20NA%20UNIFAL.pdf). Acesso em: dezembro de 2013.



TEODÓSIO, Armindo de Sousa Santos. MUNDIM, Fernanda de Lazari Cardoso. Relações de gênero e economia popular solidária: análise de um caso em um assentamento rural. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 10, n. 2, p. 278– 296, maio/ago, 2012. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/gestaoorg/index.php/gestao/article/view/382>. Acesso em: dez. de 2013.

VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana. Encontro de tradições e novas perspectivas. In: **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 59, 2009, pp. 11-18. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n59/n59a02.pdf>. Acesso em: 12 de jun. de 2013.

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2010.

**APÊNDICE****DVD CATÁLOGO**